



Fundador - J.B Wolf

The Bard News®



Charles Dickens **Pag A2**

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. II / Jornal No. 12, AGOSTO 10, 2026

Anuncie aqui

Entre o belo e o concreto

a preservação do patrimônio histórico e cultural no brasil

Por Beth Baltar

COLUMNISTA

O texto defende que o patrimônio histórico e cultural não é um vestígio estático do passado, mas um conjunto vivo de significados que explica a formação da identidade nacional e o sentimento de pertencimento. A preservação deve ser vista como garantia de continuidade entre passado e presente, equilibrando a dinâmica urbana com a conservação de monumentos, sítios e práticas imateriais.

Leia Mais **Pag A19**

A Conquista Cultural

do Ocidente pela Mídia Pop

Por Mariana Pacheco

COLUMNISTA

O artigo analisa a trajetória da cultura Pop como fenômeno de consumo, identificação coletiva e circulação transnacional. A partir de referências como a Pop Art, os Beatles, Star Trek, Michael Jackson, BTS e a Hallyu, o texto mostra como a mídia transforma artistas, obras e personagens em símbolos capazes de atravessar fronteiras, idiomas e gerações.

Leia Mais **Page A20**

CULTURA



O Éden de Cornwall

Por Stella Gaspar

COLUMNISTA

O texto destaca a regeneração do território, a importância dos biomas preservados, os programas educativos, a pesquisa científica, a arquitetura das cúpulas geodésicas e o uso da arte, do teatro e da música para comunicar a urgência da conservação ambiental.

Leia Mais **Pag A19**

A Fadiga Digital: O Preço Oculto da Vida Hiperconectada



Por Jeane Tertuliano

COLUMNISTA



COMPORTAMENTO

O artigo analisa o cansaço provocado pela vida hiperconectada e pelo fluxo permanente de notificações, mensagens, vídeos, notícias e opiniões. A autora apresenta a fadiga digital como um estado de esgotamento mental associado à exposição contínua às telas, à fragmentação da atenção, ao aumento da ansiedade, às dificuldades de concentração e às alterações no sono.

Leia Mais **Pag A32**

CULTURA



O Teatro Clássico

em um mundo de entretenimento rápido

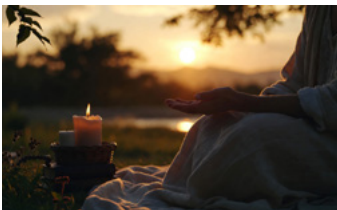
Por Renata Munhoz

COLUMNISTA

O artigo reflete sobre a permanência do teatro clássico em uma sociedade marcada por vídeos curtos, algoritmos, estímulos imediatos e fragmentação da atenção. A autora defende que obras de Shakespeare, Sófocles, Molière e Tchekhov continuam atuais porque abordam conflitos humanos que atravessam gerações.

Leia Mais **Pag A21**

SAÚDE & BEM-ESTAR



A espiritualidade é uma aliada

ou uma alienante para a saúde mental?

Por Sandra Santiago

COLUMNISTA

O artigo discute a relação entre espiritualidade e saúde mental a partir da busca humana por sentido, conexão e transcendência. O texto apresenta a espiritualidade como uma dimensão presente em diferentes culturas e tradições, relacionando-a a práticas como meditação, oração, contemplação e rituais.

Leia Mais **Pag A37**

ARTE



Arte como Ferramenta

de Resistência Cultural

Por Stella Gaspar

COLUMNISTA

O artigo apresenta a arte como uma força histórica, política e social capaz de registrar acontecimentos, preservar memórias, questionar estruturas de poder e dar visibilidade a grupos marginalizados. Das pinturas rupestres às manifestações contemporâneas, a produção artística aparece como linguagem de expressão, comunicação e resistência.

Leia Mais **Pag A13**



Os ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura

Por J.B Wolf

EDITOR CHEFE



1915

Romain Rolland (França)



1916

Verner Von Heidenstam (Suécia)



Leia Mais **Pag A10 e A11**

LITERATURA



Linhas Cruzadas O japonês nosso de cada dia - parte 3

Por Aline A. Santana

COLUMNISTA

A crônica apresenta um crítico literário que constrói prestígio nas redes sociais por meio da aparência de erudição, embora quase não leia integralmente as obras sobre as quais comenta. Com uma estante cuidadosamente organizada, linguagem abstrata e referências a autores consagrados, ele transforma a performance do conhecimento em autoridade pública.

Inspirado na crítica social presente em "O Homem que Sabia Javanês", de Lima Barreto, o texto mostra como a sociedade continua confundindo eloquência com conhecimento real. A crônica também questiona o consumo indireto da literatura, a superficialidade das redes e a transformação dos livros em acessórios de prestígio.

Leia Mais **Pag A16**

EDUCAÇÃO

A Falácia da Educação Neutra: Toda Educação Transmite Valores

Por Jeane Tertuliano

COLUMNISTA

Pag A24

CULTURA

Quando o tempo ganha personalidade

Por Alexandre Câmara

COLUMNISTA

Pag A21

LITERATURA

A poesia está guardada nas palavras: o universo poético de Manoel de Barros

Por Stella Gaspar

COLUMNISTA

Pag A15

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



PARTICIPE!

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao **SITE** e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro **"REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"**



Charles Dickens: O Escritor que Transformou a Desigualdade em Literatura



 Portsmouth, Hampshire - Inglaterra

LITERATURA - Leia no site



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE

Entre fábricas, prisões para devedores e ruas superlotadas, o autor inglês deu rosto à pobreza e voz a uma sociedade que preferia não enxergá-la

Na Inglaterra vitoriana, enquanto a industrialização produzia riqueza em escala inédita, Charles Dickens transformou órfãos, trabalhadores explorados, famílias endividadas e vítimas da burocracia em personagens inesquecíveis. Sua literatura não apenas retratou a desigualdade: obrigou gerações de leitores a senti-la.

Charles Dickens não escreveu sobre a pobreza como quem observa um problema distante. Ele conheceu a humilhação, o medo da dívida e a instabilidade social desde a infância. Antes de se tornar um dos escritores mais populares do século XIX, viu o pai ser preso por dívidas e foi enviado, aos 12 anos, para trabalhar em uma fábrica de graxa para sapatos. A experiência interrompeu sua formação escolar e deixou uma marca profunda em sua memória.

Décadas mais tarde, Dickens transformaria aquela infância vulnerável em matéria literária. Em seus romances, crianças abandonadas, trabalhadores exaustos, prisioneiros, órfãos e famílias pobres deixaram de ser figuras anônimas nas margens da sociedade. Ganharam nomes, vozes, contradições e histórias. Por meio deles, o escritor expôs uma Inglaterra marcada pelo contraste entre o avanço econômico e a brutalidade das condições de vida.

Sua obra combinou humor, melodrama, crítica social e personagens de personalidade exuberante. Essa mistura ajudou a explicar sua popularidade, mas também revela a originalidade de seu projeto: Dickens entendia que a denúncia social precisava alcançar não apenas a razão, mas também a imaginação e a sensibilidade do leitor.

A infância que se tornou literatura

Charles John Huffam Dickens nasceu em 7 de fevereiro de 1812, em Portsmouth, na Inglaterra. Era filho de John Dickens, funcionário administrativo da Marinha britânica, e Elizabeth Barrow Dickens. A família pertencia à pequena classe média, mas enfrentava dificuldades financeiras frequentes.

Quando Charles ainda era criança, os Dickens se mudaram para Londres. O pai acumulou dívidas e, em 1824, foi preso na Marshalsea, uma prisão destinada a devedores.

Na Inglaterra da época, a incapacidade de pagar uma dívida podia levar uma pessoa à prisão, muitas vezes acompanhada de seus familiares. O sistema transformava a pobreza em culpa e a falta de dinheiro em punição.

A situação obrigou Charles a trabalhar na Warren's Blacking Factory, onde colava rótulos em frascos de graxa para sapatos. A jornada era longa, o ambiente era precário e o trabalho representava, para o menino, a perda repentina da infância e da segurança familiar.

A experiência durou pouco, mas permaneceu na memória do escritor. Em David Copperfield, Dickens transformaria aspectos desse período em ficção. O romance não é uma autobiografia literal, mas seu protagonista carrega sentimentos reconhecíveis: abandono, vergonha, desamparo e desejo de reconstrução.

A infância de Dickens também moldou seu olhar para as instituições. Ele percebeu cedo que leis, prisões, escolas e repartições podiam funcionar de forma legal e, ainda assim, produzir sofrimento. Essa contradição seria um dos temas centrais de sua obra.

A Londres de Dickens era uma cidade em transformação acelerada. A industrialização ampliava fábricas, ferrovias e mercados, mas também concentrava trabalhadores em bairros superlotados, com saneamento precário e condições de vida insalubres.

A cidade era, ao mesmo tempo, símbolo de progresso e cenário de abandono. Em suas ruas conviviam riqueza e miséria, mansões e cortiços, lojas luxuosas e crianças sem abrigo. Dickens captou essa contradição com intensidade incomum.

Antes de se dedicar inteiramente à literatura, trabalhou como taquígrafo e repórter parlamentar. O jornalismo o ensinou a observar ambientes, registrar diálogos e acompanhar o funcionamento das instituições. Também ampliou seu contato com tribunais, políticos, funcionários públicos e problemas sociais.

Em 1833, começou a publicar textos sobre a vida londrina sob o pseudônimo Boz. Esses escritos foram reunidos em Sketches by Boz e revelaram um observador atento aos tipos humanos, às paisagens urbanas e às pequenas cenas do cotidiano.

Sua Londres não aparece apenas como pano de fundo. Ela age sobre os personagens. A neblina, os becos, as pontes, os tribunais, as fábricas e as prisões formam uma espécie de organismo social. A cidade pode acolher, esconder, explorar ou destruir.

O sucesso de Pickwick

O primeiro grande sucesso de Dickens foi The Posthumous Papers of the Pickwick Club, publicado em fascículos entre 1836 e 1837. Conhecido em português como As Aventuras do Sr. Pickwick, o romance combinava humor, sátira e personagens excêntricos.

A publicação em série era uma característica importante do mercado editorial do século XIX. Os leitores compravam os capítulos gradualmente e aguardavam os acontecimentos seguintes. Dickens soube aproveitar esse formato, encerrando episódios com suspense, surpresas e situações dramáticas.

O sucesso de Pickwick transformou o escritor em celebridade. Dickens passou a dialogar diretamente com um público amplo, formado não apenas por leitores eruditos, mas também por setores da classe média urbana que acompanhavam suas histórias em fascículos.

A popularidade lhe deu liberdade para tratar de temas sociais sem abandonar o entretenimento. Para Dickens, a crítica não precisava ser seca ou doutrinária. Ela podia aparecer em meio ao riso, à aventura e à emoção.

Oliver Twist e a infância abandonada

Publicado entre 1837 e 1839, Oliver Twist consolidou a reputação de Dickens como escritor atento às injustiças sociais. O protagonista é um órfão criado em instituições de assistência e levado ao mundo do crime pelas circunstâncias de sua vida.

O romance denuncia as condições das casas de trabalho e a forma desumana como os pobres eram tratados. A assistência pública era muitas vezes organizada segundo uma lógica de disciplina e punição. Os necessitados não eram vistos apenas como pessoas em situação de vulnerabilidade, mas como indivíduos moralmente suspeitos.

Oliver é uma criança faminta, desprotegida e sem poder de decisão. Sua famosa resistência à escassez simboliza a luta de milhares de crianças submetidas à negligência institucional. Ao transformar o menino em protagonista, Dickens deslocou a discussão sobre pobreza para o terreno da experiência humana.

O romance, contudo, também exige leitura crítica. O personagem Fagin, associado à criminalidade, reproduz estereótipos antisemitas presentes na sociedade vitoriana. Essa dimensão problemática não deve ser ignorada. O legado de Dickens é forte, mas sua obra também carrega preconceitos de seu tempo.

Em 1843, Dickens publicou A Christmas Carol, conhecido em português como Um Conto de Natal ou Canção de Natal. A história de Ebenezer Scrooge tornou-se uma das narrativas mais populares da literatura ocidental.

Scrooge é um homem rico, avaro e indiferente ao sofrimento dos outros. Ele rejeita a solidariedade e trata a pobreza como resultado de falhas individuais. Sua transformação ocorre depois que os fantasmas do Natal o obrigam a confrontar o passado, o presente e o futuro.

O romance é frequentemente lembrado como uma história de redenção pessoal, mas também apresenta uma crítica social. Dickens questiona a ideia de que acumular riqueza isenta alguém de responsabilidade diante da comunidade. A família Cratchit e o pequeno Tiny Tim representam a vulnerabilidade dos trabalhadores pobres.

O livro contribuiu para associar o Natal a valores como generosidade, convivência e cuidado com os necessitados. Seu impacto foi tão grande que Scrooge passou a representar, no imaginário popular, a figura do avaro incapaz de reconhecer a humanidade dos outros.

David Copperfield e a memória da formação

Publicado entre 1849 e 1850, David Copperfield é um dos romances mais próximos da experiência pessoal de Dickens. O protagonista narra sua passagem da infância à vida adulta, enfrentando abandono, pobreza, educação, relações familiares e dificuldades profissionais.

A trajetória de David é marcada por encontros com figuras generosas, cruéis, excêntricas e ambíguas. O romance mostra que a formação de uma pessoa não depende apenas de talento individual. Ela é influenciada pelas condições sociais, pelas oportunidades disponíveis e pelas relações de proteção ou violência.

A memória ocupa um papel central na narrativa. O adulto que conta a história observa o menino que foi e tenta compreender suas escolhas. A infância não aparece como uma etapa isolada, mas como uma força que continua influenciando a identidade.

Entre os personagens mais conhecidos estão Betsey Trotwood, Wilkins Micawber, Uriah Heep e Dora Spenlow. Cada um expressa uma dimensão da sociedade vitoriana, da generosidade à manipulação, da instabilidade econômica às ilusões de respeitabilidade.

Em Bleak House, publicado entre 1852 e 1853, Dickens voltou-se contra a lentidão e a indiferença do sistema jurídico. O romance gira em torno do processo Jarndyce and Jarndyce, uma disputa que se prolonga por gerações e consome recursos, tempo e vidas.

O problema não é apresentado apenas como falha de alguns indivíduos. A própria estrutura institucional parece construída para manter o conflito indefinidamente. Advogados, documentos e procedimentos se multiplicam, enquanto as pessoas afetadas permanecem presas a uma justiça que nunca chega.

A crítica de Dickens continua atual porque mostra como a burocracia pode transformar a espera em forma de violência. Quando uma instituição não responde, a demora deixa de ser simples ineficiência e passa a produzir consequências concretas: pobreza, adoecimento, abandono e perda de oportunidades.

Em Bleak House, o escritor também aborda epidemias, crianças abandonadas e desigualdade urbana. O romance apresenta a sociedade como uma rede de responsabilidades compartilhadas. O sofrimento de um grupo não pode ser separado do funcionamento geral das instituições.

Leitura Completa no Site



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatGPT 5.2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/07/2026"

Edições 2026

12ª EDIÇÃO - AGOSTO



12ª EDIÇÃO - AGOSTO



11ª EDIÇÃO - JULHO



10ª EDIÇÃO - JUNHO



9ª EDIÇÃO - MAIO



8ª EDIÇÃO - ABRIL



7ª EDIÇÃO - MARÇO



6ª EDIÇÃO - FEVEREIRO



5ª EDIÇÃO - JANEIRO



The Bard News

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica



EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol II - Jornal Nº 12 - Julho /2026

Direção Geral: J.B Wolf

Editor-Chefe: J.B Wolf

Conselho Editorial: [Lista de membros]

Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]

Coordenação de Arte e Design:
Agência The Wolf Bard

Suporte Técnico: [TI e Web]

Contato: redacao@thebardnews.com |
Instagram: @thebardnews

Endereço: Brasília - DF

Colaboradores: [Convidados]

Contato para publicações: redacao@thebardnews.com

VOL. II / Jornal No. 12, AGOSTO 10, 2026

COLUNISTAS FIXOS: Publicados

	J.B Wolf	
	Jeane Tertuliano	
	Stella Gaspar	
	Beth Baltar	
	Mariana Pacheco	
	Alexandre Câmara	
	Aline A. Santana	
	Renata Munhoz	
	Sandra Santiago	

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo e em 3D
- Classificados e Publicidades
- Vitrine The Bard News para livros, eventos e antologias

CONTATO/WHATSAPP: (61) 9 8474-7033



CLIQUE AQUI
EDITAL SUBMISSÃO:



INSCRIÇÕES

"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

LITERATURA

CRÔNICAS

Beethoven não precisa de black tie



POR
Neri Luiz Cappellari



Todos os dias, ele puxa o seu carrinho recolhendo o lixo. Como ele, existem vários coletores de sucata e de outros dejetos. Todos seguem a mesma rotina. A mesma sina de juntar as sobras dos que têm muito e ver através do descarte as suas chances de sobreviver. Entretanto, um deles chamou a atenção. Seu nome não sei, se tem um sobrenome deve ter se perdido entre as sobras de comida achadas no dia a dia. Porém, quando ele surge, ao longe, todos sabemos da sua aproximação. Uma pequena caixa de som, provavelmente recolhida em um canto qualquer, demonstra o seu refinado gosto musical. As músicas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da Música Popular Brasileira (MPB) são sua marca. Suas melodias o tornam visível, instiga a nossa imaginação e nos faz pensar. Qual é a sua história? O que o levou a deambular pelas ruas?

Existem dezenas de catadores de lixo perambulando pelas cidades todos os dias. Nós já nos acostumamos com sua invisibilidade. Eles percorrem as ruas e é como se habitassem em um planeta diferente do nosso. Nossas histórias se cruzam, mas não se tocam. Nossos olhares se encontram. Nossas vidas seguem rumos diferentes. Embora passemos

pelas mesmas calçadas, pelas mesmas ruas, suas pegadas são imperceptíveis ao nosso olhar. Sua dor não nos atinge, seu cheiro nos afasta, sua aparência triste não toca o nosso coração. Entretanto, há uma música linda do mais insólito lugar, e soa estranhamente em nossos ouvidos. É como se aquele clássico de Beethoven nos incomodasse. Não pela melodia que soa dentro de nós, mas como Beethoven chegou a esse carrinho de lixo? Por que este mendigo chama tanto a nossa atenção? Para quem tem um ouvido privilegiado, é perfeitamente possível ouvir os belos clássicos de Beethoven, Bach e as músicas do MPB. Para esse homem, sobre quem todas as carências parecem recair, não há limites. Seus ouvidos não conhecem as barreiras erguidas pelos eruditos.

Se, por um lado, estamos acostumados a ouvir os clássicos em um belo teatro, com uma acústica impecável, os homens de black tie, as mulheres trajadas com lindos vestidos, um maestro regendo a orquestra e dezenas de músicos tocando divinamente. Por um outro lado, nos causa estranheza, um clássico vindo sem glamour, sem arautos que anunciam a sua chegada, através de uma caixa de som recolhida em um descarte qualquer.

Um homem pobre passa, todos os dias, desafiando nossas ideias pré-concebidas da elitização de uma música conhecida por poucos. Sua presença desconstrói nossa maneira de pensar, adquirida durante anos, de que uma linda sinfonia é para um público seleto e restrito.

Sim, esse catador de lixo nos mostra que um som que estimula os nossos ouvidos é muito mais do que um alento para o ego de uma classe mais privilegiada.

Sua visibilidade se dá pelo fato de que ele nos faz enxergar, todos os dias, a socialização de melodias como meio de comunicação. As músicas eruditas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da MPB estão disponíveis para todos ouvir independentemente do lugar de onde nós viemos. Sejamos ricos ou catadores de lixo. A arte veio para resgatar a nossa dignidade como pessoas, alimentar a nossa alma. Esse catador nos mostra antes de tudo, antes mesmo de sua própria história, que não há lugar intransponível.

@neri.cappellari

Miniconto



Hálito de Sangue



POETA & ESCRITOR
J.B Wolf

Na câmara térmica, todos dormem em azul. Só a cama dela ferve em vermelho animal. Ele encara a janela: no vidro, não há cama, não há corpo. Apenas uma sombra em pé, encurvada à sua cabeceira, o focinho rente ao seu rosto, com sopro quente e um hálito de sangue.

@poetajbwolf

POEMAS

Eu te quero com um amor intemporal



POETA
Stella Gaspar



@stella_maria_gaspar

No orvalho das manhãs, o poema brota,
e a felicidade com cheiro de nós dois,
torna-se o fio que conduz as cores do vento.
Em cada sentimento que nos veste.

Eu te quero com um amor intemporal.
Despertas o sol que aquece as
minhas porções de fera,
com beijos de amor, nos estimulando a escolher
O transitório do agora
Pelo permanente de sempre, vivendo
o êxtase de ser amado(a).

Eu te quero com amor intemporal.
Depois do café, sonho com teus abraços de paz.
Valorizando o poder do silêncio de nossa
cumplicidade.

Tudo nos leva a crer no incrível,
Insistindo em crer no invisível,
e realizar o impossível, sentindo o poder,
do todo-poderoso amor.

POEMAS

Aurora de Todas as Possibilidades



POETA
J.B Wolf



@poetajbwolf

Recomeçar é arte sublime dos corajosos,
que sabem fazer das cinzas terra fértil
e dos escombros do ontem
alicerces para palácios do amanhã.

Ó alma que desperta após longa noite,
tuas feridas tomaram-se sabedoria,
tuas lágrimas regaram jardins secretos
onde florescerão rosas mais belas.

Não é fuga do passado este renascer
é abraçar com ternura infinita
as lições que a dor ensinou
e transformá-las em força criadora.

Como a fênix que emerge das chamas,
ergues-te mais luminosa e altiva,
carregando em tuas asas renovadas
a experiência que só o sofrimento concede.

Cada amanhecer é convite divino
para reescrever a história da existência,
para pintar com cores mais vibrantes
o quadro inacabado da própria vida.

Recomeçar é perdoar a si mesmo
pelos caminhos tortuosos percorridos,
é aceitar que a imperfeição humana
faz parte da beleza do viver.

Que sejas bendita, ó coragem de renascer,
que transformas ruínas em catedrais,
que ensinas à alma cansada
que sempre há uma nova primavera esperando.

POEMAS

Quando? Quando?



POETA
Arcely Soares



@ms_arelly

E esta minha alma
Que tem as bagagens
Das memórias,
Que tem o peso das histórias
Que tem o peso da solidão
Bem dentro desse olhar vão.

Que tem o peso da saudade
E das dores trazidas
No meio de tantos outros.
E esta minha alma
Que só anela-Amar e Viver.

Amar pra Viver
Sem deixar para depois de amanhã
E perder a hora,
O meu tempo sempre será o Agora.
Até quando vais me perguntar?

POEMAS

Oceano Profundo Meu



POETA
Rute Ella Dominici



@ruteelladominici

Às vezes vejo o verde azulado
intenso como turquesa
tom denso tal petróleo cobiçado
do que se trata o profundo
tal abismo esverdeado
riquíssimo em diversas belezas?
quicá outro mundo...
morada de homens esquecidos
casa eterna e leviana
de aquáticos anfíbios
ou simples descanso de envaidecido
resquíio de flores diluvianas
pareço mergulhar na diluída
manta anil intensa e imensa
líquida descida em que fluo
penso e divago que sumo...
vistas de agrestes ramagens
ou celestes folhagens
é terra molhada de iodo
céu de sal perfumado ...
recurso ao ar que concentro

no centro de meu espírito
conscientizo o atemporal
e ilimito o fôlego
no pensamento
neste oceano infinito
gritei por dentro
acorrentei levitã
passei leve por tormentos
mais limpa que escumas
vislumbro meio atônita
as ondas do amado mar
sou água viva transparente
queimando tristezas ardentes
anseios boiam nas vagas
cismas mais nenhuma
alcanço o céu sem brumas
no passável livre passo
passível de apalpar o impossível
acaricio nítido invisível ...
tal pomba folha-oliva ao bico



Participe e Publique a sua Arte

CLIQUE AQUI!

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 38ª edição Julho e Agosto



QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"O esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão"

[Clique aqui para acessar](#)

Em Processo Editorial - 39ª edição Setembro e Outubro 2026
Lançamento dia 07 de Setembro



INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL:
a formação cultural desde os primeiros anos

EM BREVE
[Clique aqui para acessar](#)

Edital Aberto - 40ª edição Novembro e Dezembro 2026
Início dia 04 de Agosto | Término dia 30 de Setembro



DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
Imagens Que Salvam a Humanidade

[Clique aqui para acessar](#)

Site da Revista The Bard

[Clique aqui para acessar](#)

Edital Aberto

[Clique aqui para acessar](#)

Instagram

[Clique aqui para acessar](#)

Canal no Instagram

[Clique aqui para acessar](#)

Canal no Whatsapp

[Clique aqui para acessar](#)



CASTELOS & CATEDRAIS

Carcassonne: a cidade-fortaleza que transformou a guerra medieval em memória viva

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

“Erguida sobre uma colina estratégica do sul da França, Carcassonne parece ter saído de um manuscrito medieval.”



Erguida sobre uma colina estratégica do sul da França, Carcassonne parece ter saído de um manuscrito medieval. Suas muralhas, torres e portões, porém, não são apenas cenário para turistas: elas testemunharam guerras religiosas, disputas dinásticas, cercos, mudanças de fronteira e a centralização do poder francês. Entre o legado dos visigodos, a resistência dos senhores occitanos e a restauração controversa do século XIX, a Cité de Carcassonne revela como uma fortaleza pode sobreviver à própria função militar e transformar-se em símbolo de uma região inteira.

À distância, Carcassonne parece uma miragem de pedra. Torres pontiagudas, muralhas extensas e telhados cônicos dominam a paisagem do Languedoc, no sul da França, como se o tempo tivesse parado em algum momento da Idade Média. A imagem é tão poderosa que se tornou uma das representações mais conhecidas de um castelo europeu. Mas Carcassonne não é apenas um castelo. É uma cidade fortificada, um conjunto urbano protegido por muralhas, no qual o Château Comtal, o Castelo Condal, ocupa posição central. Essa diferença é importante: a força do lugar não está somente em uma construção isolada, mas na combinação entre fortaleza, residência senhorial, espaço religioso e comunidade cercada.

Sua localização explica quase tudo. Carcassonne fica entre o Mediterrâneo e as rotas que conduzem aos Pireneus, em uma região historicamente marcada pelo trânsito de mer-



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/07/2026”

cadores, exércitos, peregrinos e governantes. Quem controlasse a colina controlaria caminhos fundamentais entre a costa mediterrânea e o interior do território francês. Por isso, a ocupação do local é muito anterior ao surgimento da fortaleza medieval. Vestígios arqueológicos indicam presença humana desde a Antiguidade, quando os romanos estabeleceram estruturas defensivas na área. Mais tarde, os visigodos aproveitaram a posição estratégica e reforçaram o núcleo fortificado, que continuaria sendo adaptado por diferentes poderes.

Na Alta Idade Média, Carcassonne passou pelas mãos de senhores locais e se consolidou como centro de um condado poderoso. A cidade fazia parte da Occitânia, território de cultura própria, com língua, tradições e relações políticas que nem sempre coincidiam com os interesses do norte da França. Essa autonomia regional se expressava também na arquitetura. Antes de ser absorvida diretamente pela monarquia francesa, Carcassonne era o coração dos domínios dos Trencavel, uma família senhorial que governava extensas áreas do Languedoc. O Castelo Condal funcionava como residência, centro administrativo e núcleo militar de uma autoridade que dependia tanto das muralhas quanto das alianças estabelecidas fora delas.

O momento mais dramático de sua história ocorreu durante a Cruzada Albigense, iniciada no começo do século XIII. Oficialmente, a campanha pretendia combater a heresia cátara, movimento religioso que havia conquistado muitos seguidores no Languedoc. Na prática, a cruzada também ofereceu ao rei da França e à nobreza do norte uma oportunidade de expandir seu controle sobre uma região rica e politicamente independente. Em 1209, Carcassonne

foi cercada pelo exército cruzado comandado por Simão de Montfort. O visconde Raimundo Rogério Trencavel tentou organizar a resistência, mas a cidade acabou capitulando.

A rendição não significou apenas a derrota de um senhor local. Ela marcou uma mudança profunda no equilíbrio de poder do sul francês. Trencavel morreu pouco depois, em circunstâncias controversas, e Simão de Montfort assumiu o controle de seus territórios. A população de Carcassonne foi submetida a condições duras, e a fortaleza passou a representar a vitória de uma nova ordem política e religiosa. A cruzada, que começou como conflito de doutrina, terminou fortalecendo a monarquia e enfraquecendo a autonomia aristocrática da Occitânia.

Depois do Tratado de Paris, em 1229, a Coroa francesa incorporou progressivamente Carcassonne aos seus domínios. Luís IX e, sobretudo, Filipe III investiram na transformação da cidade em uma das principais fortalezas da fronteira sul. O Castelo Condal foi reforçado, novas muralhas foram construídas e o sistema defensivo ganhou uma complexidade extraordinária. A Cité passou a ser protegida por dois cinturões de muralhas, torres em intervalos estratégicos, fossos e portões controlados. A arquitetura expressava uma nova realidade: Carcassonne já não era apenas a capital de um senhor regional, mas um instrumento da autoridade real.

O desenho das fortificações obedecia a uma lógica militar sofisticada. As torres permitiam a vigilância dos arredores e criavam pontos de defesa cruzada. Os espaços entre as muralhas dificultavam a aproximação de máquinas de cerco. Os portões eram protegidos por estruturas que obrigavam invasores a avançar sob o

alcance de arqueiros e soldados posicionados nas partes elevadas. O Château Comtal, por sua vez, funcionava como uma fortaleza dentro da fortaleza, último núcleo de resistência caso as defesas externas fossem rompidas. Carcassonne não dependia apenas da altura de suas muralhas, mas de uma arquitetura pensada para atrasar, dividir e desgastar qualquer exército atacante.

Apesar de sua importância militar, a cidade fortificada nunca foi um espaço exclusivamente bélico. Dentro de suas muralhas viviam artesãos, comerciantes, religiosos, soldados e famílias inteiras. Igrejas, residências e armazéns ocupavam o mesmo cenário que torres e ameias. Essa convivência entre vida cotidiana e preparação militar é essencial para compreender os castelos medievais. Eles não eram ruínas silenciosas, mas organismos urbanos barulhentos, sujeitos a disputas, doenças, fome, comércio e rituais religiosos. Em Carcassonne, a guerra estava sempre presente, mas não impedia a existência de uma sociedade complexa dentro da fortaleza.

Com o avanço da artilharia e a mudança das fronteiras políticas, a posição de Carcassonne perdeu parte de sua importância. A assinatura do Tratado dos Pireneus, em 1659, aproximou a fronteira francesa da Espanha e reduziu o papel estratégico da cidade. Sem a urgência de proteger uma linha militar decisiva, as muralhas começaram a se deteriorar. Partes da Cité foram abandonadas, e a população passou a ocupar com mais intensidade a cidade baixa, conhecida como Bastide Saint-Louis. O antigo centro fortificado, que durante séculos fora símbolo de poder, transformou-se gradualmente em um espaço envelhecido, visto por muitos como ultrapassado.

No século XIX, essa percepção começou a

mudar. O romantismo europeu passou a valorizar ruínas, lendas e monumentos medievais. Escritores como Prosper Mérimée defenderam a preservação de Carcassonne, e o arquiteto Eugène Viollet-le-Duc assumiu a restauração da Cité a partir de 1844. Seu trabalho devolveu torres, muralhas e telhados ao conjunto, mas também provocou controvérsias. Viollet-le-Duc não restaurava apenas o que existia; muitas vezes, reconstruía aquilo que acreditava que o monumento deveria ter sido. Os telhados pontiagudos revestidos de ardósia, por exemplo, correspondem mais à sua interpretação do estilo medieval do que às características originais do sul da França.

Essa restauração criou a Carcassonne que o mundo reconhece hoje: uma cidade-fortaleza visualmente coerente, monumental e quase teatral. Alguns historiadores criticam o excesso de idealização; outros lembram que, sem a intervenção, grande parte das muralhas poderia ter desaparecido. A discussão permanece porque Carcassonne levanta uma questão central para qualquer política de patrimônio: preservar significa manter as marcas do abandono ou reconstruir uma imagem capaz de comunicar o passado às gerações futuras?

Em 1997, a Cité de Carcassonne foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Mundial. Atualmente, recebe visitantes de todo o mundo, que percorrem suas muralhas, atravessam portões históricos e conhecem o Castelo Condal. O turismo transformou a antiga fortaleza em importante motor econômico regional, mas também trouxe desafios: controlar o fluxo de pessoas, proteger a pedra, preservar a vida local e evitar que a cidade seja reduzida a um parque temático medieval.

Carcassonne continua fascinante justamente porque reúne contradições. É, ao mesmo tempo, uma fortaleza autêntica e uma reconstrução interpretada; símbolo da monarquia francesa e testemunho da cultura occitana; lugar de guerra e destino turístico; monumento preservado e cidade viva. Suas muralhas não conservam apenas a memória de cercos e reis. Elas guardam a disputa permanente entre aquilo que a história foi e aquilo que cada época deseja enxergar nela. Ao contemplar suas torres sobre a paisagem do Languedoc, o visitante não vê somente uma imagem medieval. Vê a própria história sendo reconstruída, pedra por pedra, entre a memória, o poder e a imaginação.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/07/2026”

CASTELOS & CATEDRAIS



A construção da eternidade: como a **Basílica de São Pedro** se tornou o coração visual do catolicismo



IMAGEM GERADA POR IA “usando Magnific freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/07/2026”

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação



Erguida sobre a tradição do túmulo do apóstolo Pedro, a Basílica de São Pedro atravessou impérios, cismas, reformas religiosas e disputas de poder para se transformar em um dos monumentos mais influentes da história ocidental. Mais do que uma igreja monumental, ela é uma síntese de arte, política, engenharia e fé, um edifício em que cada coluna, cúpula e escultura participa de uma narrativa sobre a autoridade da Igreja e o lugar de Roma no mundo.

À primeira vista, a Basílica de São Pedro parece menos uma construção do que uma cidade inteira de mármore, bronze e pedra. Sua cúpula domina o horizonte de Roma; a fachada se abre sobre a Praça de São Pedro; a colonata de Bernini abraça os visitantes como dois braços monumentais. Tudo no conjunto foi projetado para produzir impacto. O peregrino que chega não encontra apenas um templo, mas um cenário calculado para transformar a aproximação física em experiência espiritual. Poucos edifícios na história conseguiram unir, com tanta eficiência, fé, arte e demonstração de poder.



Embora seja frequentemente chamada de “catedral”, a Basílica de São Pedro não é a catedral oficial de Roma. Esse título pertence à Arquibasílica de São João de Latrão. São Pedro é uma basílica papal, o mais célebre santuário associado ao Vaticano e um dos principais centros da Igreja Católica. A distinção, porém, não diminui sua importância. Pelo contrário: sua fama mundial está ligada ao fato de ter sido construída sobre a tradição do túmulo de São Pedro, considerado pela Igreja o primeiro bispo de Roma e o apóstolo sobre o qual Cristo teria fundado sua comunidade.

A primeira basílica foi erguida no século IV, durante o governo do imperador Constantino, depois que o cristianismo deixou de ser persegui-

do e passou a ser tolerado pelo Império Romano. A construção ocupou uma área próxima ao local tradicionalmente associado ao martírio de Pedro, que teria sido crucificado durante o reinado de Nero. Para construir o templo, foi necessário modificar o terreno e remover parte de uma antiga necrópole. A decisão demonstra a importância atribuída à memória do apóstolo: a nova igreja não deveria apenas marcar um local de culto, mas estabelecer uma relação física entre a autoridade papal e a sepultura daquele que a tradição considerava fundador da Igreja de Roma.

Durante mais de mil anos, a antiga basílica constantiniana foi o centro religioso e político do papado. Reis e imperadores visitaram o local, peregrinos atravessaram a Europa para chegar até suas portas e cerimônias decisivas foram realizadas sob sua estrutura. Mas o tempo cobrou seu preço. Infiltrações, reformas improvisadas, danos estruturais e a deterioração dos materiais fizeram com que, ao final da Idade Média, a antiga igreja estivesse muito distante da grandiosidade que um centro do cristianismo ocidental pretendia exibir.



No início do século XVI, o papa Júlio II decidiu reconstruir a basílica. A escolha era arriscada. Demolir uma igreja venerada havia séculos significava romper com uma parte visível da tradição. Ao mesmo tempo, Roma precisava afirmar sua centralidade em uma Europa marcada pelo crescimento das monarquias nacionais, pela competição entre cidades italianas e pelo fortalecimento das ideias humanistas. A nova São Pedro seria, portanto, um projeto religioso e também uma declaração de poder. A Igreja queria mostrar que, apesar das crises, Roma continuava capaz de comandar a imaginação do Ocidente.

O primeiro grande arquiteto foi Donato Bramante, que propôs uma planta centralizada, inspirada na harmonia geométrica valorizada pelo Renascimento. Depois de sua morte, outros mestres assumiram a obra, entre eles Rafael, Antonio da Sangallo, Michelangelo e Carlo Maderno. A construção atravessou décadas de mudanças, conflitos e revisões. Cada arquiteto deixou uma marca, e o edifício final resultou de uma negociação entre diferentes visões. O plano ideal do Renascimento acabou se combinando com a necessidade de criar uma nave longa, capaz de acolher grandes multidões e de preservar a orientação tradicional das basílicas cristãs.

Michelangelo assumiu a direção da obra em 1547, já idoso, e reorganizou o projeto com uma linguagem mais poderosa e concentrada. A cúpula foi inspirada no modelo do Panteão e na experiência da Catedral de Florença, mas ganhou proporções próprias. Embora Michelangelo não tenha visto a construção concluída, seu desenho estabeleceu a forma essencial da cúpula que hoje domina Roma. A estrutura não é apenas uma solução de engenharia: é uma afirmação visual

de ascensão. O espaço parece conduzir o olhar da nave para o alto, passando por anéis, inscrições e imagens até alcançar a luz no topo.

A relação entre a construção de São Pedro e a Reforma Protestante é um dos capítulos mais controversos dessa história. Para financiar grandes obras, a Igreja utilizou diferentes mecanismos, incluindo a venda de indulgências. A atuação do frade Johann Tetzel na região germânica e a reação de Martinho Lutero, em 1517, fizeram das indulgências um dos estopins da crise que dividiria o cristianismo ocidental. É simplista afirmar que a basílica, sozinha, provocou a Reforma, mas sua construção tornou visível um problema mais amplo: a distância entre a riqueza artística e política do papado e as críticas contra a corrupção, o luxo e a autoridade de Roma.

Quando a basílica foi finalmente consagrada, em 1626, durante o pontificado de Urbano VIII, o edifício já era muito diferente do projeto inicial. Carlo Maderno havia ampliado a estrutura e criado a fachada principal, enquanto Gian Lorenzo Bernini assumiu a tarefa de organizar o espaço externo e o interior. No centro da nave, Bernini projetou o monumental baldaquino de bronze sobre o altar papal, exatamente acima do local tradicionalmente associado ao túmulo de Pedro. Com quase trinta metros de altura, a obra combina colunas torsas, ornamentos vegetais e movimento barroco. Não é apenas uma cobertura litúrgica: funciona como uma moldura monumental para o ponto mais sagrado da basílica.

Bernini também desenhou a Praça de São Pedro, concluída em grande parte no século XVII. A colonata curva cria um efeito de acolhimento, mas também organiza o fluxo de multidões e estabelece uma passagem entre a cidade e o espaço pontifício. O obelisco egípcio no centro da praça, transportado para Roma na Antiguidade, acrescenta outra camada de memória. Ao reunir vestígios do Egito, da Roma

imperial e do cristianismo barroco, o conjunto transforma a praça em uma síntese visual da história da cidade.



No interior, a escala pode desorientar. Estátuas que parecem pequenas à distância têm dimensões enormes; inscrições que parecem discretas ocupam faixas inteiras da arquitetura; capelas laterais abrigam obras de mestres como Michelangelo. Entre elas está a Pietà, esculpida quando o artista tinha pouco mais de vinte anos. A representação de Maria segurando o corpo de Cristo combina delicadeza e monumentalidade, e sua superfície polida contrasta com a rudeza visual de outras áreas da basílica. A obra também revela uma característica essencial de São Pedro: o edifício abriga experiências diferentes, contemplação íntima, cerimônia pública e espetáculo artístico, sem que uma anule a outra.

Abaixo do altar papal, as escavações arqueológicas realizadas no século XX revelaram estruturas da antiga necrópole e reforçaram a tradição de que o túmulo de Pedro se encontra sob o centro da basílica. A identificação permanece objeto de estudo e debate, como ocorre com muitos vestígios antigos, mas sua importância religiosa não depende apenas de uma confirmação material absoluta. Para milhões de fiéis, a continuidade entre o apóstolo, o altar e o papado constitui o eixo simbólico de todo o complexo.

Ao longo dos séculos, São Pedro também se tornou palco de acontecimentos que ultrapassam a liturgia. Ali ocorreram funerais papais, missas

de canonização, proclamações solenes e encontros que marcaram a vida internacional. A praça foi cenário de discursos, manifestações de fé e momentos de tensão política. Em 1981, o atentado contra o papa João Paulo II transformou o espaço em testemunha de um dos episódios mais traumáticos da história recente do Vaticano. A basílica, que parece imóvel, continua integrada às crises e disputas do mundo contemporâneo.

Hoje, milhões de visitantes atravessam suas portas todos os anos. Alguns chegam como peregrinos; outros, como turistas interessados em arquitetura, arte ou história. Para uns, São Pedro é um lugar de oração. Para outros, é um documento monumental sobre a capacidade humana de concentrar recursos e autoridade em uma única obra. As duas percepções podem coexistir. A força da basílica está justamente nessa sobreposição: ela é simultaneamente santuário, museu, palco político, obra de engenharia e símbolo de uma instituição que atravessou dois milênios.

A Basílica de São Pedro permanece de pé porque não representa apenas um momento da história. Ela reúne muitos: o martírio do apóstolo, a conversão do Império Romano, o esplendor renascentista, a crise da Reforma, o teatro barroco e a diplomacia do Vaticano moderno. Sua cúpula continua dominando Roma, mas seu verdadeiro alcance está na narrativa que construiu ao redor de si. Em São Pedro, a Igreja não ergueu somente uma casa para o culto. Ergueu uma imagem de permanência, uma arquitetura destinada a convencer o mundo de que, apesar das rupturas, Roma ainda estava no centro da história.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

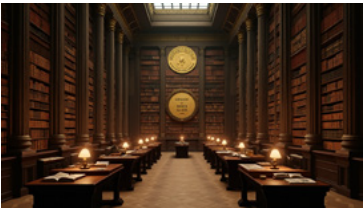


IMAGEM GERADA POR IA “usando Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/07/2026”

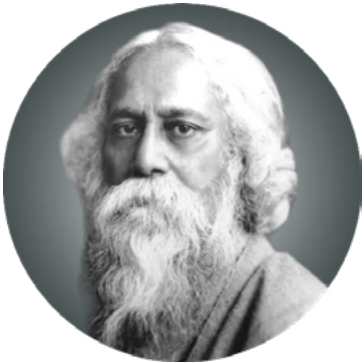
NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1913 – Rabindranath Tagore (Índia)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Rabindranath Tagore:
o poeta que fez a Índia falar ao mundo



Quando Rabindranath Tagore recebeu o Nobel de Literatura em 1913, o gesto da Academia Sueca foi maior do que a simples consagração de um poeta. Pela primeira vez, o prêmio recaía sobre um autor asiático, e isso mudava a geografia simbólica da literatura mundial. Até então, o Nobel parecia pertencer quase naturalmente à Europa, com seus cânones, suas línguas dominantes e sua convicção tácita de que a alta cultura tinha endereço fixo no Ocidente. Com Tagore, essa hierarquia sofreu uma fratura visível.

Mas a premiação também expôs um equívoco recorrente da recepção ocidental: o de reduzir Tagore a um poeta místico, quase etéreo, como se sua obra fosse apenas uma coleção de preces delicadas, desligadas da história, da política e da vida concreta. Foi assim que muitos o leram na Inglaterra e nos Estados Unidos, seduzidos pela musicalidade de seus versos e pela introdução entusiasmada de W.B. Yeats. Só que Tagore era muito mais do que o autor de uma espiritualidade bem-pensada para consumo europeu. Era romancista, dramaturgo, compositor, ensaísta, educador, reformador social e uma das inteligências mais agudas do seu tempo.

O Nobel de 1913, portanto, coroou uma figura singular, mas também abriu uma longa discussão sobre como o Ocidente interpreta os artistas vindos de sociedades colonizadas. Em Tagore, havia beleza, sem dúvida, mas também uma modernidade complexa, enraizada na Bengala do fim do século XIX, atravessada por tensões entre tradição e reforma, religiosidade e crítica social, universalismo e identidade nacional. Ler Tagore hoje significa aceitar essa complexidade sem tentar domesticá-la.

Rabindranath Tagore nasceu em 1861, em Calcutá, numa das famílias mais influentes do renascimento cultural bengali. Os Tagore, ou Thakur, como também eram conhecidos,

pertenciam a uma elite intelectual que respirava política, música, literatura e reforma social. A casa da família, em Jorasanko, não era apenas residência. Era um centro de efervescência cultural. Havia discussões sobre religião, peças teatrais encenadas em ambiente doméstico, música a qualquer hora, visitas de pensadores e uma inquietação constante diante do futuro da Índia sob domínio britânico.

Tagore não foi um aluno exemplar do modelo escolar colonial. Detestava a rigidez da sala de aula, o aprendizado mecânico, a disciplina que não estimulava o pensamento. Sua formação verdadeira aconteceu em casa e nas viagens. Ainda jovem, foi para a Inglaterra, onde entrou em contato com a literatura ocidental, mas sem nunca se deixar absorver por completo por ela. O que leu em inglês e o que herdou do bengali conviveram em sua escrita de modo orgânico, sem submissão servil a nenhum dos dois mundos.

A juventude de Tagore foi marcada por uma espécie de simultaneidade rara. Ele podia absorver a poesia devocional vaishnava, o imaginário popular rural, a herança filosófica indiana e, ao mesmo tempo, dialogar com Shakespeare, Shelley e a lírica moderna europeia. Desse cruzamento nasceu uma voz que não soa derivativa. Ao contrário, sua obra se constrói justamente por não se enquadrar nos modelos coloniais de “literatura de imitação”. Tagore escreve como quem funda uma língua literária própria dentro do bengali moderno.

Os primeiros poemas e canções já revelavam essa vocação. Mais tarde, ele publicaria textos que circulavam entre a literatura e a música, entre a meditação e o canto. Sua sensibilidade para o ritmo fazia com que cada palavra parecesse escolhida não apenas pelo sentido, mas pela respiração. Em Tagore, a frase não é só uma frase. Ela é também som, pausa, cadência, atmosfera.

O livro que levou Tagore ao centro da atenção internacional foi Gitanjali, ou Oferenda lírica, publicado em inglês em 1912 a partir de uma seleção de poemas originalmente escritos em bengali. É importante insistir nesse ponto, porque muitas leituras posteriores ignoraram a mediação da tradução e trataram o livro como se fosse uma obra integralmente inglesa. Não era. Tagore traduziu e adaptou seus próprios poemas, e esse gesto já revela a delicadeza do processo. Não se tratava de mera transposição literal, mas de recriação.

O impacto em leitores europeus foi imediato. Yeats, que escreveu a introdução da edição inglesa, ficou impressionado com o tom de despojamento e com a sensação de entrega espiritual que os poemas transmitiam. Para um público cansado da retórica grandiloquente e das formas mais pesadas do fim do século XIX, aquilo soava novo. Havia uma simplicidade aparente, mas não simplismo. Havia uma linguagem que parecia conversar com o absoluto sem perder a intimidade do corpo e da paisagem.

Um dos grandes méritos de Gitanjali é conseguir unir o íntimo e o universal sem forçar a barra. Em Tagore, a experiência individual não é minúscula, e o transcendente não é abstrato. O eu que fala nos poemas está sempre atravessado por uma vida concreta, por uma relação com o mundo, com o trabalho, com a dor, com o desejo e com a natureza. O sagrado, longe de ser uma abstração solene, surge muitas vezes como presença viva, próxima, quase doméstica.

Ao mesmo tempo, a recepção ocidental simplificou esse universo. Muitos críticos passaram a ver Tagore como um poeta da serenidade oriental, quase sem conflito. Isso é apenas parte da história. Seus versos também falam de perda, de inadequação, de uma espécie de fome interior que nunca se resolve inteiramente. A beleza de Gitanjali está justamente em ser uma obra de súplica e de pergunta, não de resposta definitiva. O poema não encerra o mundo, ele o mantém aberto.

Se Tagore tivesse escrito apenas poesia, já seria enorme. Mas o que o torna incontornável é a amplitude da obra. Ele foi romancista de primeira grandeza, contista preciso, autor de teatro, compositor de canções, ensaísta de posição firme e pensador político nada ingênuo. Em romances como Gora e A Casa e o Mundo, ele examina com rara inteligência as contradições da identidade nacional, o peso da religião, o lugar da mulher, o conflito entre modernização e tradição.

Em Gora, talvez seu romance mais ambicioso, Tagore enfrenta diretamente a questão da identidade indiana num mundo colonial em ebulição. O protagonista, criado como hindu fervoroso, descobre uma origem que abala suas certezas. O romance não se limita a uma revelação biográfica. Ele vira um estudo sobre pertencimento, preconceito, hierarquia social e os



IMAGEM GERADAPOR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026”

limites do nacionalismo quando este se converte em dogma. Já em A Casa e o Mundo, Tagore observa as paixões políticas do movimento swadeshi, com sua mistura de idealismo, violência e sedução moral. Ali, ele mostra algo fundamental: a política não é feita só de ideias, mas de afetos, desejos e manipulações.

Nas histórias curtas, sua capacidade de condensação é admirável. Contos como Kabuliwala mostram um gesto muito seu, que é o de olhar para o outro sem reduzi-lo a tipo social. O vendedor afegão que bate à porta de uma casa bengali poderia ser apenas figura pitoresca. Sob a pena de Tagore, ele se torna um personagem de profundidade emocional, alguém atravessado por saudade, distância e humanidade compartilhada. É um conto breve, mas de grande força porque recusa o exotismo fácil e aposta na empatia.

E há ainda a música. Tagore compôs centenas de canções, hoje conhecidas como Rabindra Sangeet, que ocupam um lugar especial na cultura bengali. Sua relação com a música não era acessória. Ele via na canção uma forma de expressão em que palavra, melodia e sentimento se completam. Em muitos casos, seu trabalho musical ajudou a definir a sensibilidade de toda uma região. O mesmo vale para seu teatro, em que o lirismo e a reflexão moral se entrelaçam de modo quase inseparável.

Tagore foi, ao mesmo tempo, profundamente ligado à Índia e desconfiado de qualquer forma rígida de nacionalismo. Esse ponto é crucial para entender sua estatura intelectual. Ele admirava o despertar político de seu país, mas temia que a luta contra o domínio britânico fosse capturada por novos autoritarismos, novas exclusões e novas idolatrias. Em ensaios e conferências, crítico a ideia de nação quando esta se transforma em máquina de uniformização e hostilidade.

Essa postura lhe custou incompreensões. Para nacionalistas mais exaltados, Tagore parecia excessivamente universalista, talvez até ambíguo.

Para muitos ocidentais, por outro lado, ele era lido como um sábio espiritual acima das turbulências do mundo real. Nenhuma dessas imagens o define por inteiro. Tagore não era um santo literário nem um profeta distante. Era um homem profundamente implicado nas disputas do seu tempo, mas relutante em trocar pensamento por slogan.

Em 1901, fundou a escola de Santiniketan, depois transformada em universidade, com a ideia de criar um modelo educacional que rompesse com a rigidez colonial. O projeto valorizava o contato com a natureza, a liberdade intelectual e a formação integral do ser humano. Não era apenas pedagogia. Era uma declaração de princípios sobre o tipo de civilização que ele desejava para a Índia. Em vez de submissão mecânica à autoridade, diálogo. Em vez de confinamento, abertura. Em vez de repetição, imaginação.

Sua atitude diante do colonialismo britânico ficou ainda mais conhecida em 1919, quando renunciou ao título de cavaleiro concedido pela Coroa, em protesto contra o massacre de Jallianwala Bagh, no qual tropas britânicas mataram centenas de civis desarmados. Embora isso tenha acontecido anos depois do Nobel, o gesto esclarece sua biografia moral. Tagore não era um adorno exótico do Império. Era uma consciência crítica, capaz de elogiar o diálogo entre culturas sem aceitar a violência colonial como destino natural.

A Academia Sueca, ao premiá-lo em 1913, reconheceu sua “poesia profundamente sensível, fresca e bela”. A formulação, ainda que correta, talvez continue sendo pequena diante do tamanho do fenômeno Tagore. O Nobel fez dele um nome mundial, mas também produziu uma espécie de máscara. O Ocidente passou a desejar nele exatamente o que já estava pronto para consumir: espiritualidade, serenidade, exotismo refinado, uma Índia sem conflito.

Só que o verdadeiro Tagore é mais inquieto. Sua obra atravessa a delicadeza e a fratura, o

íntimo e o político, o canto e a crítica. O prêmio o tornou célebre, mas também o encaixou numa imagem limitada. Em parte, essa imagem foi construída por leitores sinceramente admirados. Em parte, por um olhar colonial que preferia ver no escritor oriental uma fonte de sabedoria suave, sem demasiada aspereza histórica.

Com o tempo, porém, a leitura ficou mais justa. Tagore passou a ser entendido como figura central do modernismo não europeu, um autor que reformulou a literatura bengali e, ao mesmo tempo, propôs uma visão de mundo em diálogo tenso com o Ocidente. Seu trabalho ajuda a entender como a modernidade literária não pertence apenas às capitais europeias. Ela também foi produzida em Calcutá, em Bangalores, em aldeias, em escolas experimentais, em canções compostas para um país em formação.

Hoje, ler Tagore é entrar em contato com um escritor que recusou tanto a submissão ao cânone colonial quanto o fechamento em um nacionalismo estreito. Sua força vem justamente dessa recusa dupla. Ele queria uma Índia capaz de falar ao mundo sem pedir licença, mas também sem abandonar sua pluralidade interna. Queria uma literatura que acolhesse a beleza sem se desligar do sofrimento humano. Queria uma educação livre, uma política menos fanática e uma espiritualidade menos ornamental. Por tudo isso, o Nobel de 1913 foi mais do que um prêmio. Foi a confirmação de que uma voz da Índia poderia, enfim, ocupar o centro da literatura mundial sem se apagar em tradução alguma. Rabindranath Tagore não entrou na história apenas como o primeiro laureado asiático. Entrou como um escritor que alargou o mapa do possível. E esse talvez seja o melhor resumo de sua grandeza.

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1914 – não concedido (sem laureado)



própria humanidade se dividia em blocos armados? Como celebrar a palavra em meio ao ruído dos canhões?



O dilema da Academia Sueca: neutralidade, informação e legitimidade

Ao longo de 1914, a Academia Sueca enfrentou três problemas principais.

1. A neutralidade em risco

A Suécia mantinha uma posição oficial de neutralidade na guerra. Qualquer escolha de laureado naquele ano poderia ser interpretada como gesto político. Premiar um autor alemão, por exemplo, seria lido em Paris e Londres como sinal de simpatia pelo Império Alemão. Premiar um escritor francês ou britânico soaria, em Berlim e Viena, como provocação.

O Nobel, que já carregava um componente político, de repente se viu no epicentro de um conflito em que a cultura também servia de arma simbólica. A Academia corria o risco de ver sua credibilidade internacional abalada, qualquer que fosse a decisão.

2. Falta de informação confiável

A rotina de avaliação dos candidatos dependia de livros, pareceres críticos, cartas e relatórios enviados por acadêmicos e instituições de vários países. Com a guerra, esse fluxo de informação foi seriamente comprometido. Obras não chegavam, cartas se perdiam, comunicações eram atrasadas ou censuradas.

Em outras palavras, faltava base sólida para uma escolha minimamente equilibrada. Conceder o prêmio com dados parciais poderia ser visto como arbitrariedade.

3. A questão moral

Havia ainda uma pergunta incômoda: era moralmente aceitável, em 1914, manter a cerimônia anual como se nada tivesse acontecido? Para parte dos membros da Academia, premiar um escritor naquele momento soaria quase obscuro, como se o mundo civilizado continuasse funcionando normalmente, apesar dos milhões de jovens enviados ao front.

O Nobel havia sido pensado como celebração de realizações humanas excepcionais; a guerra parecia negar, na prática, qualquer pretensão de grandeza civilizadora.



1914: quando o silêncio virou mensagem

Diante desse conjunto de obstáculos, a Academia optou pelo silêncio. O registro oficial é seco: o prêmio não foi concedido. Mas, à distância, esse gesto ganha um peso simbólico significativo.

Não conceder o prêmio foi, em si, uma forma de reconhecer que a Europa vivia uma ruptura tão profunda que qualquer tentativa de continuidade simbólica seria artificial. O silêncio funcionou como espécie de confissão: a literatura, naquele momento, não tinha como se colocar acima da história.

A ausência de laureado sinalizou que o Nobel, ao contrário do que às vezes se imagina, nunca foi um prêmio puramente literário, imune às circunstâncias. Ele sempre esteve enredado nas tensões políticas, morais e culturais de seu tempo. Em 1914, essas tensões atingiram um ponto tal que o gesto mais honesto foi não escolher ninguém.

A guerra como catástrofe cultural

A Primeira Guerra Mundial não só destruiu vidas e cidades. Ela quebrou também um certo consenso sobre o papel da arte e da literatura. Antes de 1914, muitos acreditavam que a cultura europeia caminhava, mesmo com conflitos pontuais, em direção a um refinamento contínuo. O pós-guerra mostraria o oposto: a barbárie podia coexistir com Beethoven, Goethe e Victor Hugo.

Para a literatura, isso significou mudança de tom e de temas. A ironia ganhou força, o desencanto se tornou dominante, e o modernismo encontrou terreno fértil para questionar linguagens tradicionais. Autores que viveram a guerra, nas trincheiras ou longe delas passaram a escrever a partir de um trauma que tornava qualquer elogio ingênuo ao progresso praticamente impossível.

Nesse contexto, a decisão do Nobel em 1914 aparece como parte do mesmo movimento de choque. A ausência de prêmio é também um registro de que a própria ideia de “celebração da civilização” havia sido ferida.

O retorno do prêmio e a escolha de Romain Rolland

Quando a Academia retomou a concessão do Nobel de Literatura, em 1915, o mundo já não era o mesmo. O laureado foi Romain Rolland, escritor francês conhecido tanto por sua obra quanto por sua postura pacifista. Seu romance Jean-Christophe, que narra a vida de um músico alemão em conflito com o nacionalismo, e seus ensaios em favor de uma fraternidade acima das fronteiras, dialogavam diretamente com a tragédia em curso.

A escolha de Rolland, portanto, não foi neutra. Depois do silêncio de 1914, a Academia justificou seu retorno destacando um autor que simbolizava justamente a possibilidade de uma ponte entre nações em guerra. O prêmio voltava, mas marcado pela experiência da catástrofe, atento a obras que refletissem sobre a crise em vez de ignorá-la.

Outros silêncios, mesma ferida

O ano de 1914 não foi o único em que o Nobel de Literatura deixou de ser concedido. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, houve novos hiatos. Mas 1914 permanece emblemático por ser o primeiro grande silêncio, o momento em que a instituição, ainda jovem, se viu obrigada a confrontar a distância entre o ideal de “fraternidade entre os povos” e a realidade de um continente em chamas.

Esse silêncio é, hoje, parte integrante da história do prêmio. Ele lembra que prêmios literários não são apenas listas de vencedores; são também registros dos momentos em que a cultura hesitou, recuou ou preferiu calar diante da brutalidade do mundo.

O que 1914 diz ao nosso tempo

Revisitar a ausência do Nobel em 1914 é mais do que curiosidade histórica. Em épocas de novas crises, guerras, colapsos institucionais, polarizações extremas a pergunta volta: qual é o papel da literatura? Continuar premiando, ainda que o mundo desabe, é uma forma de resistência ou de alienação? Silenciar-se é gesto de respeito ou omissão?

A resposta não é simples, e talvez nunca seja. O que 1914 mostra é que instituições culturais, por mais estáveis que pareçam, também vacilam. Que o reconhecimento do limite pode ser, em certos casos, mais honesto do que a insistência em uma normalidade perdida.

Ao olhar para aquele espaço em branco na lista de laureados, não vemos apenas a ausência de um nome. Vemos um momento em que a Academia Sueca admitiu que a literatura, por um instante, não sabia exatamente o que dizer e transformou esse não saber em memória.

Em tempos em que se cobra da arte posicionamento imediato sobre tudo, o silêncio de 1914 continua a lembrar que, às vezes, a pausa também é mensagem. E que, mesmo sem coroar ninguém, aquele ano deixou uma das declarações mais fortes da história do Nobel: a de que a cultura não paira acima das ruínas; ela é, inevitavelmente, construída em meio a elas.

O Silêncio Eloquente: 1914 e a Crise Existencial do Prêmio Nobel de Literatura



O Silêncio Eloquente: 1914 e a crise existencial do Prêmio Nobel de Literatura



Em meio ao brilho e otimismo da chamada Belle Époque, a Europa de 1914 acreditava estar à beira de uma era definitiva de progresso. A eletrificação se expandia, as cidades cresciam, os trens encurtavam distâncias e as artes pareciam viver um momento de exuberância. No centro desse clima de confiança, o recém-criado Prêmio Nobel de Literatura consolidava-se como um dos grandes símbolos da cultura europeia, coroando autores que, supostamente, expressavam o melhor do espírito humano.

Então veio o verão de 1914. Em poucas

semanas, o continente mergulhou em uma guerra de proporções inéditas. A confiança no progresso virou trincheira, gás, arame farpado. E, diante desse cenário, a Academia Sueca tomou uma decisão que até hoje intriga leitores e historiadores: não conceder o Nobel de Literatura. Na lista oficial, o ano aparece vazio. Não houve laureado. Mais do que um hiato burocrático, aquele silêncio tornou-se um comentário involuntário sobre o colapso de um mundo.



Antes da tempestade: a Belle Époque e a consolidação do Nobel

Instituído em 1901, o Prêmio Nobel de Literatura era produto direto do otimismo do início do século XX. A ideia de Alfred Nobel, industrial sueco que fez fortuna com explosivos, era recompensar figuras que tivessem produzido “a obra mais notável em direção ideal” no campo das letras. A redação vaga permitia uma ampla margem de interpretação, mas a intenção era clara: associar literatura a um ideal de elevação moral, civilização e paz.

Na primeira década do século, a Academia premiou autores como Sully Prudhomme, Theodor Mommsen, Rudyard Kipling, Romain Rolland viria em 1915. A escolha de nomes diversos, de diferentes países, reforçava a ideia de um diálogo cultural europeu relativamente coeso, ainda que permeado por rivalidades nacionais.

Esse cenário se apoiava na confiança de que a cultura poderia funcionar como ponte entre povos, mesmo em contextos de tensão política. O Nobel, nesse sentido, era menos um prêmio estritamente literário e mais um gesto diplomático, um instrumento simbólico de equilíbrio em um continente que parecia civilizado demais para se autodestruir.



De Sarajevo às trincheiras: literatura em suspensão

O assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando em Sarajevo, em 28 de junho de 1914, foi o estopim de uma crise que vinha se acumulando há anos. Em agosto, a Europa estava em guerra. Em poucas semanas, mobilizações em massa, censura, propaganda e deslocamentos de populações transformaram o cotidiano.

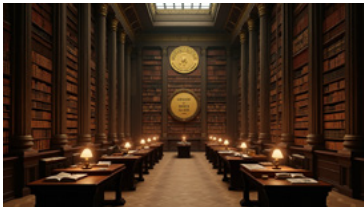
Escritores não ficaram à margem. Muitos foram convocados como soldados; outros, engajados em campanhas patrióticas; alguns, rapidamente se tornaram críticos do conflito. A circulação de livros, jornais e correspondências foi afetada. Fronteiras se fecharam, rotas comerciais foram interrompidas, censores passaram a filtrar o que podia ou não ser publicado.

Nesse contexto, a própria ideia de premiar um escritor com um troféu internacional parecia deslocada. Como escolher uma voz representativa da “humanidade” quando a

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1915 – Romain Rolland (França)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Romain Rolland:
o escritor que enfrentou a guerra em nome da consciência humana



Quando a Academia Sueca concedeu o Prêmio Nobel de Literatura a Romain Rolland, em 1915, a Europa estava mergulhada na Primeira Guerra Mundial. O conflito havia destruído a confiança no progresso contínuo, dividido antigas alianças culturais e transformado o patriotismo em instrumento de mobilização para uma carnificina sem precedentes. Nesse cenário, a escolha de Rolland não foi apenas o reconhecimento de um escritor consagrado. Foi também uma tomada de posição moral.

A Academia afirmou que o prêmio lhe era concedido “como homenagem ao elevado idealismo de sua produção literária e à simpatia e verdade com que descreveu diferentes tipos humanos”. A justificativa parecia descrever uma obra literária, mas carregava uma resposta à guerra. Rolland era um autor que defendia a cultura como espaço de diálogo entre os povos e que se recusava a aceitar a ideia de que o escritor deveria colocar sua consciência a serviço da propaganda nacionalista.

A escolha também tinha um significado especial porque o prêmio de 1914 não havia sido concedido. A ausência daquele ano refletira o impacto imediato da guerra sobre a Europa. Em 1915, ao premiar Romain Rolland, a Academia retomava sua atividade e escolhia um escritor cuja obra e cuja atuação pública estavam diretamente ligadas ao problema que dominava o continente: como preservar a humanidade quando as nações transformam seus cidadãos em inimigos?

Romain Rolland nasceu em 1866, em Clamecy, na região da Borgonha, em uma família de classe média. Desde cedo, demonstrou interesse por música, história e literatura. A música, em particular, permaneceria como uma das grandes paixões de sua vida e como uma das chaves para compreender seu pensamento. Rolland acreditava que a música

era uma linguagem capaz de atravessar fronteiras nacionais, religiosas e sociais. Em Beethoven, por exemplo, via não apenas um compositor genial, mas uma consciência universal em luta contra o sofrimento.

Estudou na École Normale Supérieure, em Paris, uma das instituições intelectuais mais importantes da França. Depois, passou um período em Roma, onde aprofundou seus estudos históricos e entrou em contato com a tradição cultural italiana. Sua formação combinava erudição, sensibilidade artística e uma preocupação permanente com o destino moral da Europa. Não era um escritor interessado apenas em construir frases elegantes. Via a literatura como forma de conhecimento, testemunho e intervenção.

Rolland escreveu ensaios sobre músicos, peças teatrais, biografias e romances. Durante certo período, dedicou grande atenção ao teatro histórico, buscando recuperar figuras como Danton e Robespierre para refletir sobre revolução, idealismo e violência política. No entanto, foi com o romance Jean-Christophe que alcançou sua maior dimensão literária.

Publicado em dez volumes entre 1904 e 1912, Jean-Christophe acompanha a vida de um músico alemão desde a infância até a maturidade. O personagem atravessa crises familiares, conflitos amorosos, dificuldades financeiras, disputas artísticas e tensões políticas. A estrutura do romance permite que Rolland examine não apenas a formação de um indivíduo, mas também o ambiente cultural da Europa anterior à Primeira Guerra Mundial.

Jean-Christophe é alemão, mas o autor é francês. Essa diferença não é um detalhe decorativo. O romance nasce justamente da tentativa de compreender o outro lado de uma fronteira que, na vida real, alimentava desconfiança e hostilidade. Rolland não transforma o personagem em símbolo de uma nacionalidade perfeita. Pelo contrário, mostra suas contradições, sua arrogância, sua generosidade e suas fraquezas. A Alemanha de Jean-Christophe não é uma caricatura do inimigo, assim como a França não aparece como representante automática da razão e da civilização.

O romance europeu em escala humana

A grande ambição de Jean-Christophe era criar um romance de formação que fosse também um retrato espiritual da Europa. Rolland queria acompanhar a evolução de um artista, mas também observar as forças históricas que moldavam a vida de sua geração. A música oferece ao protagonista uma possibilidade de comunhão, mas a sociedade ao redor está marcada por rivalidades, convenções e nacionalismos.

O personagem enfrenta a incompreensão dos ambientes artísticos, a superficialidade da vida burguesa e as limitações impostas pelas instituições. Em vez de aceitar a arte como ornamento social, Jean-Christophe exige dela sinceridade e verdade. Seu temperamento difícil nasce, em parte, dessa exigência. Ele não consegue se adaptar completamente a um mundo em que artistas são celebrados desde que não incomodem ninguém.

Rolland também utiliza o romance para questionar a própria ideia de identidade nacional. França e Alemanha aparecem como culturas distintas, mas não incommunicáveis. Há conflitos históricos entre elas, porém também existem afinidades profundas, intercâmbios artísticos e experiências humanas que ultrapassam as fronteiras. O escritor não ignora as diferenças, mas recusa a transformação dessas diferenças em justificativa para o ódio.

Essa posição tornaria a obra particularmente relevante depois de 1914. Quando a guerra começou, muitos escritores e intelectuais franceses e alemães passaram a defender seus respectivos países com uma retórica de superioridade moral. Revistas, jornais e manifestos foram utilizados para apresentar cada lado como vítima absoluta e o adversário como encarnação da barbárie. Rolland tomou um caminho diferente. Para ele, a primeira obrigação do intelectual era conservar a independência de julgamento.

O romance foi recebido com entusiasmo por muitos leitores, embora também tenha



IMAGEM GERADAPORIA “usando SEARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026”

enfrentado críticas. Alguns consideravam a construção excessivamente idealista e a mensagem humanitária explícita demais. Outros reconheceram em Rolland uma tentativa rara de fazer da literatura um espaço de reconciliação cultural. Jean-Christophe não oferecia uma solução simples para os conflitos europeus, mas insistia que nenhuma nação tinha o monopólio da virtude.

O escritor contra a guerra

A Primeira Guerra Mundial começou quando Rolland já era um escritor conhecido. Ele estava na Suíça durante os primeiros meses do conflito e decidiu permanecer no país. A distância geográfica permitiu que acompanhasse a guerra sem estar submetido diretamente à censura e à mobilização patriótica que dominavam a França.

Em textos publicados na imprensa suíça, especialmente na série reunida sob o título “Acima da batalha”, Rolland denunciou o fanatismo nacionalista e a submissão dos intelectuais à propaganda. Sua posição provocou reações violentas. Na França, foi acusado de trair a pátria e de demonstrar simpatia pelo inimigo. Na Alemanha, também não foi inteiramente acolhido, pois sua crítica não poupava nenhum dos lados.

Rolland não defendia uma neutralidade indiferente. Seu pacifismo não significava acreditar que todos os envolvidos tivessem a mesma responsabilidade em cada episódio da guerra. O que ele rejeitava era a transformação da literatura em arma de exaltação nacional, bem como a ideia de que a consciência individual deveria se curvar automaticamente à decisão dos governos.

Em um dos momentos mais intensos do

conflito, escreveu que o dever dos intelectuais era permanecer fiéis à verdade, mesmo quando essa verdade fosse impopular. Para Rolland, o escritor deveria preservar a possibilidade de pensar além da fronteira, da trincheira e do uniforme. Essa postura lhe trouxe isolamento, mas também o transformou em uma das principais vozes pacifistas da Europa.

O Nobel de 1915 foi, por isso, interpretado de maneiras diferentes. Para admiradores, era uma merecida consagração de sua obra e de sua coragem. Para críticos, a Academia estava premiando uma posição política controversa em meio ao conflito. A escolha não era neutra, ainda que a instituição utilizasse uma linguagem literária para apresentá-la. Ao reconhecer Rolland, a Academia dava visibilidade a uma concepção de cultura baseada no diálogo internacional e na resistência ao patriotismo agressivo.

Humanismo, engajamento e os limites da consciência

O pacifismo de Rolland não surgiu de uma teoria isolada. Ele estava ligado à sua concepção de cultura. O escritor via a arte como uma força capaz de ampliar a percepção moral dos indivíduos. Uma sinfonia de Beethoven, uma peça de Shakespeare ou um romance de Tolstói podiam, em sua visão, aproximar pessoas que pertenciam a tradições históricas diferentes.

Essa confiança na cultura não era ingênua em todos os sentidos, mas certamente carregava um idealismo forte. Rolland acreditava que o contato com grandes obras poderia ajudar a combater o fanatismo e o egoísmo coletivo. A experiência do século XX mostraria que a cultura, sozinha, não impede a barbárie. Pessoas instruídas e amantes da música também poderiam participar de sistemas de violência.

Ainda assim, sua insistência na responsabilidade moral dos artistas conserva importância.

Depois da guerra, Rolland aproximou-se de movimentos socialistas e manteve relações intelectuais com figuras políticas de diferentes correntes. Também demonstrou interesse profundo pela Índia e por líderes como Mahatma Gandhi. Escreveu sobre Gandhi em 1924, ajudando a apresentar sua figura a leitores europeus. A aproximação não significava uma adesão simples a todas as posições políticas de Gandhi, mas uma afinidade em torno da resistência não violenta, da disciplina moral e da oposição ao domínio imperial.

Rolland também manteve contato com intelectuais e artistas que buscavam alternativas ao nacionalismo tradicional. Ao longo dos anos, sua posição política tornou-se objeto de disputas. Admiradores o viram como consciência independente, enquanto adversários consideraram que seu idealismo podia levá-lo a fazer concessões perigosas diante de regimes autoritários. Essa ambiguidade acompanhou especialmente sua relação com o comunismo soviético.

Como muitos intelectuais europeus de sua geração, Rolland enxergou na Revolução Russa a possibilidade de uma transformação social profunda. Em certos momentos, demonstrou simpatia pela experiência soviética e esperou de que ela pudesse construir uma sociedade mais justa. Com o passar do tempo, porém, as contradições do regime e os sinais de repressão tornaram essa posição cada vez mais difícil de sustentar. Sua trajetória mostra como o desejo de superar a injustiça pode levar intelectuais a depositar confiança excessiva em projetos políticos que prometem redenção histórica.

Leitura Completa no Site



NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1916 – Verner Von Heidenstam (Suécia)



Verner von Heidenstam: o escritor que reinventou a memória da Suécia entre tradição e modernidade



Quando Verner von Heidenstam recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1916, a Europa atravessava o terceiro ano da Primeira Guerra Mundial. As trincheiras haviam transformado o continente em um imenso campo de morte, impérios começavam a ruir e a confiança no progresso civilizatório estava sendo soterrada junto com os soldados. Nesse cenário, a Academia Sueca

escolheu um escritor que, à primeira vista, parecia olhar para trás. Heidenstam escrevia sobre a história da Suécia, sobre guerreiros, reis, camponeses e antigas paisagens nacionais. Sua obra parecia nascer de uma nostalgia por um mundo anterior à industrialização e às disputas políticas modernas.

Mas a escolha não era tão simples. Heidenstam não foi premiado apenas por celebrar o passado. Sua importância estava em ter percebido que a literatura precisava encontrar novas formas de imaginar a identidade nacional. Ele queria afastar a poesia sueca do naturalismo excessivamente preso à vida cotidiana e ao determinismo social, abrindo espaço para a fantasia, a aventura, a memória histórica e a experiência individual. A Academia justificou o prêmio reconhecendo sua posição como “o principal representante de uma nova era na literatura mundial”.

A expressão pode parecer estranha hoje, sobretudo porque Heidenstam é pouco conhecido fora da Suécia. No entanto, no fim do século XIX, sua obra representava uma reação importante contra a literatura de observação social que dominava parte da Europa. Para ele, a literatura não deveria apenas reproduzir o ambiente imediato. Também precisava recuperar o sonho, o mito, a imaginação e a dimensão espiritual da história.

A infância entre a paisagem e a memória

Carl Gustaf Verner von Heidenstam nasceu em 1859, em Olshammar, na região de Närke, no centro da Suécia. Sua família pertencia à nobreza, embora não estivesse entre os grupos mais poderosos do país. O pai era engenheiro e trabalhava em projetos ligados ao desenvolvimento da infraestrutura sueca. A origem familiar colocava Heidenstam em contato com uma tradição social antiga, mas

a profissão paterna também o aproximava da modernização técnica que começava a transformar a Europa.

A infância foi vivida em propriedades rurais, cercada por lagos, florestas e vestígios de um passado aristocrático que ainda sobrevivia na paisagem. Esse ambiente teria papel decisivo em sua imaginação. Para Heidenstam, a natureza não era apenas um cenário bonito. Era um arquivo de memórias. Cada ruína, estrada antiga ou igreja de pedra parecia guardar uma camada da história nacional.

Sua saúde frágil impediu que seguisse uma formação convencional. Ainda jovem, abandonou os estudos regulares e passou longos períodos viajando. Conheceu o Oriente Médio, a Grécia, a Itália e outras regiões do Mediterrâneo. A experiência foi decisiva porque o afastou da paisagem sueca sem romper sua ligação com ela. Ao visitar países de tradição histórica muito antiga, Heidenstam percebeu que sua própria terra também possuía mitos, heróis e conflitos capazes de alimentar uma literatura ambiciosa.

Durante as viagens, entrou em contato com a arte clássica, com a arquitetura oriental e com a tradição romântica europeia. A luz do Mediterrâneo, as ruínas e os desertos contrastavam fortemente com o clima nórdico de sua infância. Essa diferença o levou a questionar a ideia de que a literatura sueca deveria imitar os modelos franceses, alemães ou russos para alcançar relevância. Ele queria encontrar uma voz própria, embora essa voz também fosse construída a partir de influências estrangeiras.

A estreia contra o naturalismo

A estreia literária de Heidenstam ocorreu em 1888, com Valfart och vandringsår, livro de poemas que pode ser traduzido como Peregrinação e anos de viagem. A obra causou

impacto porque se afastava do tom austero e realista que muitos leitores associavam à literatura escandinava daquele período. Em vez de concentrar-se em trabalhadores, problemas sociais e ambientes urbanos, Heidenstam oferecia uma poesia de paisagens distantes, sensualidade, cor e movimento.

O livro trazia a marca das viagens do autor e parecia abrir as janelas de uma cultura que, segundo ele, havia se tomado excessivamente fechada em si mesma. O Oriente e o Sul europeu apareciam como espaços de descoberta estética. A poesia era mais luminosa, musical e imaginativa do que a produção de muitos de seus contemporâneos suecos.

Essa mudança não foi apenas estilística. Heidenstam estava reagindo a uma visão de literatura. O naturalismo, influenciado por ideias científicas e deterministas, tendia a apresentar os personagens como produtos da hereditariedade, do ambiente e das condições econômicas. O escritor sueco não negava a existência desses fatores, mas considerava insuficiente uma arte que reduzisse a vida humana a causas externas. Para ele, o indivíduo também era formado por desejos, sonhos, escolhas e lembranças.

A recepção foi intensa. Alguns críticos acusaram o jovem escritor de superficialidade e exotismo. Outros celebraram justamente a novidade de sua linguagem. Heidenstam não era um revolucionário no sentido de destruir a tradição. Sua rebeldia consistia em recuperar elementos que o realismo mais ortodoxo havia deixado de lado, como a beleza, a aventura, o heroísmo e a imaginação histórica.

Depois da estreia poética, Heidenstam passou a dedicar atenção cada vez maior à história da Suécia. Seu interesse não era o de um historiador acadêmico, preocupado em reconstruir os fatos com absoluta precisão documental. Ele buscava a verdade emocional do passado, aquilo que as antigas narrativas podiam revelar sobre o caráter de um povo e sobre os conflitos que atravessam gerações.

Essa preocupação aparece com força em Hans Alienus, romance publicado em 1892. O protagonista é um viajante que atravessa diferentes épocas e civilizações, deslocando-se por paisagens históricas e culturais diversas. O livro combina aventura, alegoria e reflexão filosófica. Mais do que contar uma história linear, Heidenstam cria uma espécie de peregrinação intelectual, em que o personagem procura um lugar no mundo e uma forma de compreender a própria existência.

A obra que consolidou sua reputação como escritor histórico foi Karolinerne, publicada em dois volumes entre 1897 e 1898. O romance acompanha figuras ligadas ao período do rei Carlos XII e às guerras suecas do início do século XVIII. Heidenstam retrata soldados, oficiais, camponeses e membros da corte em um momento de grande tensão nacional.

Karolinerne não é simplesmente uma glorificação militar. Embora o autor admire a coragem, a disciplina e o sentimento de lealdade dos personagens, também mostra o preço humano das guerras. Os soldados enfrentam fome, exaustão, mutilações e morte. As campanhas militares aparecem como experiências de grandeza e destruição, capazes de produzir orgulho nacional, mas também sofrimento irreparável.

Essa ambivalência é uma das características mais interessantes do livro. Heidenstam tinha simpatia por valores como honra, dever e fidelidade, mas não ignorava a violência envolvida na construção das nações. O passado podia ser fonte de inspiração, porém não deveria ser transformado em propaganda sem sombras.

Para os leitores suecos, Karolinerne oferecia uma narrativa sobre um período decisivo da história nacional. A Suécia havia sido uma potência militar importante, mas perdera grande parte de sua influência ao longo do século XVIII. Ao revisitar esse passado, Heidenstam ajudava seus contemporâneos a refletir sobre grandeza, derrota e identidade. O livro tornou-se uma de suas obras mais influentes e contribuiu para fixar sua imagem como escritor da memória nacional.

Entre a história e o nacionalismo

A relação de Heidenstam com o nacionalismo precisa ser examinada com

cuidado. Ele escreveu em uma época em que vários países europeus buscavam construir identidades nacionais por meio da literatura, da escola, dos monumentos e das comemorações históricas. A Suécia não era exceção. Em meio à industrialização e às mudanças sociais, havia uma sensação de que antigas tradições estavam desaparecendo.

Heidenstam participou desse movimento de recuperação do passado. Em seus textos, valorizava os costumes locais, as paisagens suecas, as figuras históricas e as tradições populares. Também defendia a necessidade de uma cultura nacional forte, capaz de resistir à imitação automática de modelos estrangeiros.

Esse nacionalismo, porém, não se encaixa perfeitamente nas categorias políticas atuais. Em alguns momentos, Heidenstam assumiu posições conservadoras e expressou desconfiança diante da democracia de massas, do igualitarismo radical e do socialismo. Via com preocupação a perda de autoridade das instituições tradicionais e a dissolução de hierarquias que considerava importantes.

Ao mesmo tempo, sua literatura não pode ser reduzida a um programa político. Os personagens de Heidenstam são frequentemente contraditórios, e o passado que ele evoca não aparece como um paraíso sem conflitos. Há crueldade, injustiça, fanatismo e opressão em suas narrativas. A admiração por heróis antigos convive com a consciência de que a história é feita de violência e perdas.

Essa tensão explica parte da força e também parte das limitações de sua obra. Heidenstam acreditava que um povo precisava de imagens compartilhadas de si mesmo. Mas imagens nacionais podem unir comunidades e, ao mesmo tempo, excluir aqueles que não se encaixam nelas. A literatura histórica pode recuperar vozes esquecidas, mas também pode selecionar quais memórias serão celebradas.

O Nobel em um país neutro

A premiação de Heidenstam, em 1916, ocorreu enquanto a Suécia mantinha uma posição de neutralidade na Primeira Guerra Mundial. O país não estava diretamente envolvido no conflito, mas não permanecia isolado de suas consequências. Havia escassez, tensões políticas, discussões sobre defesa nacional e debates intensos sobre o papel da Suécia em uma Europa em guerra.

Nesse contexto, Heidenstam era uma escolha compreensível para a Academia Sueca. Ele representava a literatura nacional em um momento em que a identidade cultural parecia especialmente importante. Sua obra oferecia ao público uma narrativa de continuidade histórica, ligando a Suécia moderna a seus reis, soldados, camponeses e paisagens ancestrais.

Mas o prêmio também foi controverso. Alguns críticos consideravam que a Academia havia escolhido um escritor excessivamente ligado ao passado, justamente quando a literatura europeia começava a enfrentar a ruptura produzida pela guerra. Outros viam na decisão uma reação contra o modernismo e contra as tendências políticas mais igualitárias que ganhavam força.

A Academia, por sua vez, parecia enxergar em Heidenstam algo mais amplo do que um simples poeta nacional. A fórmula usada na justificativa, ao falar de uma nova era na literatura mundial, indicava que ele era visto como representante de uma mudança estética. A novidade não estava necessariamente na forma experimental, mas na recuperação de uma literatura capaz de combinar história, imaginação e idealismo.

A escolha também revela a natureza do Nobel em seus primeiros anos. A premiação ainda não possuía um critério único e estável. Às vezes reconhecia a inovação formal, como no caso de Maeterlinck. Em outras ocasiões, premiava uma filosofia espiritual, como em Eucken, ou uma obra voltada para a identidade nacional, como a de Heidenstam. O prêmio era uma disputa entre diferentes ideias sobre o que a literatura deveria fazer.

ARTE

A Imutabilidade da Arte Como Testemunha da História

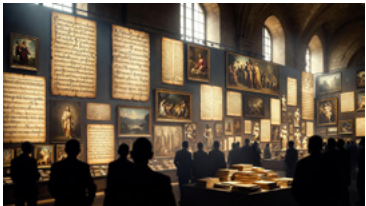


Por Jeane Tertuliano
COLUMNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

"Como a arte preserva experiências humanas que o tempo, os conflitos e as narrativas oficiais muitas vezes tentam apagar."



Há algo de profundamente humano no desejo de deixar marcas. Desde os primeiros registros da civilização, homens e mulheres buscaram maneiras de impedir que suas experiências fossem consumidas pelo esquecimento. Poucas realizações conseguiram cumprir essa tarefa com tanta força quanto a arte. Impérios desapareceram, fronteiras foram redesenhadas e incontáveis nomes se perderam ao longo dos séculos. Ainda assim, um poema escrito há mais de dois mil anos, uma melodia medieval ou uma escultura moldada em

outro tempo continuam capazes de despertar emoções, provocar reflexões e aproximar épocas aparentemente distantes. A arte não apenas atravessa a história; ela preserva aquilo que o tempo insiste em apagar.

A história da arte produzida por mulheres toma essa permanência ainda mais significativa. Durante séculos, seus espaços de expressão foram reduzidos, seus talentos subestimados e suas produções frequentemente relegadas ao silêncio. Nem por isso deixaram de criar. Em versos, pinturas, composições, esculturas, fotografias, danças e trabalhos manuais, registraram aspectos da experiência humana que dificilmente encontrariam lugar nos relatos oficiais. Enquanto os registros tradicionais voltavam seus olhos para guerras, governos e disputas de poder, muitas artistas preservavam aquilo que acontecia nos bastidores da existência, onde habitam os afetos, as ausências, os medos e os sonhos.

Os fragmentos que sobreviveram da obra de Safo demonstram a força dessa permanência. Na Grécia Antiga, a poeta transformou sentimentos em arte e fez da palavra um abrigo para emoções que continuam reconhecíveis ainda hoje. Restaram apenas partes de seus escritos, mas elas bastam para revelar que certas inquietações humanas resistem à erosão dos séculos. Ler

Safo é descobrir que o tempo pode envelhecer civilizações inteiras sem conseguir apagar aquilo que verdadeiramente nos constitui.

Outro testemunho valioso surgiu na Idade Média. Hildegard von Bingen, escritora, compositora e pensadora, deixou registros que permitem compreender aspectos da vida intelectual e espiritual de seu período. Sua produção demonstra que, mesmo em contextos marcados por limitações severas, a arte encontrava caminhos para florescer. O que chegou até nós não é apenas uma manifestação estética, mas também uma janela aberta para a sociedade em que viveu.

Virginia Woolf, muitos séculos depois, voltaria seu olhar para uma questão que atravessava gerações de mulheres artistas. Em Um Teto Todo Seu, a escritora argumenta que a criação exige mais do que talento; exige condições para florescer. Ao refletir sobre a ausência de independência financeira, de liberdade intelectual e de espaços próprios para a produção artística feminina, Woolf registrou uma realidade histórica que limitou inúmeras vozes. Seu ensaio permanece atual porque testemunha não apenas a força da arte produzida por mulheres, mas também os obstáculos que tantas delas precisaram enfrentar para que essa arte pudesse existir.

As artes visuais guardam marcas profundas dessa mesma permanência. Artemisia Gentileschi imprimiu em suas telas a intensidade de uma época que reservava às mulheres posições restritas e quase sempre subordinadas. Séculos depois, suas pinturas continuam provocando reflexões que ultrapassam seu contexto histórico. Camille Claudel, por sua vez, encontrou na escultura uma linguagem capaz de transformar emoções em matéria. Ao contemplar suas obras, não enxergamos apenas técnica ou beleza; encontramos vestígios de uma sensibilidade que resistiu ao desgaste do tempo.

Nem toda memória, porém, foi preservada em museus ou bibliotecas. Muitas mulheres transmitiram histórias por meio da dança, perpetuando tradições, celebrações e modos de compreender o mundo. O mesmo ocorreu com bordados, rendas e tapeçarias. Em cada ponto cuidadosamente tecido permaneceram saberes, símbolos e costumes que dificilmente seriam registrados em documentos formais. O que parecia uma atividade cotidiana acabou se tornando um arquivo silencioso da cultura.

Com a modernidade, novas formas de testemunhar a história surgiram. As fotografias de Dorothea Lange eternizaram os impactos da Grande Depressão sobre vidas comuns. Seus retratos permitem que ainda hoje se perceba a

dimensão humana de uma crise frequentemente resumida por números e estatísticas. Em suas imagens, a história deixa de ser abstrata e ganha rosto.

Carolina Maria de Jesus realizou algo semelhante por meio da escrita. Ao narrar a fome, a pobreza e a exclusão em Quarto de Despejo, transformou sua vivência em documento histórico. Sua obra permanece necessária porque revela um país que muitos preferiram ignorar. Existem verdades que sobrevivem justamente porque alguém encontrou coragem para registrá-las.

Também nas telas de Frida Kahlo a experiência individual ultrapassou os limites da própria biografia. Ao retratar suas dores, suas origens e seus conflitos, a artista acabou registrando aspectos culturais e sociais de seu tempo. Por trás de cada autorretrato existe muito mais do que uma história pessoal; existe uma época inteira refletida em cores, símbolos e sentimentos.

Percorrer essas trajetórias é compreender que a história não pertence apenas aos grandes acontecimentos. Existe uma memória construída por artistas que observaram o mundo a partir de perspectivas frequentemente negligenciadas. Graças a elas, conhecemos não apenas os fatos, mas também as emoções que os acompanharam. Conhecemos o peso das perdas, a persistência dos sonhos e a força daqueles que se recusaram a desaparecer sem deixar vestígios.

A verdadeira imutabilidade da arte não reside na matéria que a sustenta, mas na memória que ela protege. Pedras se desgastam, tintas desbotam e páginas envelhecem. Ainda assim, os versos de Safo continuam atravessando séculos, as reflexões de Virginia Woolf permanecem provocando questionamentos e as palavras de Carolina Maria de Jesus seguem denunciando realidades que insistem em sobreviver ao tempo. A arte permanece porque conserva aquilo que há de mais humano em nossa passagem pelo mundo. Graças a ela, o passado não se transforma apenas em lembrança. Continua sendo presença.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"



PARE DE CONVERSAR COM A IA.

COMECE A DELEGAR.

Com o poder de mais de 50 IAs, o **Modo Agente da INNER AI** transforma comandos em entregas completas sem que você precise ficar horas na frente do computador.

Pesquisas e Análise

Agente de IA

Relatórios Inteligentes

Agente de IA

Dashboards e Dados

Agente de IA

Apresentações

Agente de IA

Documentos e PDFs

Agente de IA

Word e Textos

Agente de IA

Excel e Planilhas

Agente de IA

PowerPoint

Agente de IA

Imagens e Design

Agente de IA

PDFs e Conversão

Agente de IA

→ COMEÇAR AGORA

ARTE

Arte como Ferramenta de Resistência Cultural



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar



“A arte diz o indizível; exprime o inexprimível; traduz o intraduzível.”

Leonardo da Vinci



“Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver.”

Bertolt Brecht

A Arte como Força Histórica, Política e Social: da Resistência à Construção de Memória

Historicamente, a arte tem sido a voz dos marginalizados, um registro visual crítico e um catalisador de mudanças. Acompanhando a humanidade desde seus primórdios, das pinturas rupestres às manifestações contemporâneas, ela se apresenta como expressão estética, comunicativa e simbólica, influenciando aspectos sociais, políticos, religiosos e culturais.

A arte é, portanto, manifestação da diversidade cultural entre os povos. É responsável por contar histórias, expor costumes, marcar culturas e registrar momentos de cada época. Compreender que a arte permeia o mundo e o ser humano é reconhecer que ela é um direito universal e que esse direito deve ser garantido.



Mais do que um reflexo da sociedade, a arte é um campo de disputa ideológica, onde se definem valores que moldam nossas relações. A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, com pensadores como Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin, já alertava: a cultura pode ser instrumento de dominação ou de emancipação, dependendo de quem a utiliza. Ao ocupar o imaginário coletivo, ela pode tanto semear violência e discriminação quanto promover paz e inclusão.

Se a cultura já foi utilizada para oprimir, também é caminho para libertar. Hoje, artistas e movimentos sociais resgatam a arte como prática transformadora. Grafites de Eduardo Kobra que celebram a diversidade nas periferias, ou filmes que humanizam migrantes, como Bienvenidos, desmontam estereótipos e constroem alteridade. A cultura de paz exige descolonizar o imaginário.

Substituindo narrativas de exclusão por diálogos que valorizem o outro.

A arte crítica e insurgente tem poder de despertar consciências. Se regimes totalitários utilizaram a cultura para moldar corpos e mentes, hoje ela pode reencantar o mundo, promovendo empatia radical. Coletivos teatrais nas favelas, músicas que denunciam o racismo e literaturas que dão voz a minorias mostram como a produção cultural se torna trincheira de resistência.

No Brasil, mesmo sob repressão, a arte tornou-se vetor de dissenso e intervenção simbólica. Como aponta Claudia Calirman (2013), práticas conceituais, efêmeras e não convencionais emergiram como resposta ao autoritarismo. A fluidez das linguagens vanguardistas e a ineficácia da censura abriram brechas para ações questionadoras, desafiando tanto o conservadorismo do regime quanto os limites institucionais.

Com o AI-5, em 1968, a censura se intensificou. Exposições foram canceladas, obras proibidas e artistas perseguidos. Ainda assim, as vanguardas continuaram a reinventar seus códigos. O corpo tornou-se linguagem política: em 1970, Antônio Manuel apresentou-se nu no Salão Nacional de Arte Moderna, rompendo convenções e afirmando uma presença contestatória. Artur Barrio utilizou materiais orgânicos em espaços públicos para denunciar a violência e os desaparecimentos da ditadura. Já Tropicália (1967), de Hélio Oiticica, tornou-se marco da arte brasileira ao unir elementos populares e eruditos em uma experiência sensorial e politicamente provocadora.

Ditaduras também marcaram países como Argentina, Chile, Uruguai e México. Em todos, a repressão impactou profundamente as artes visuais, mas também impulsionou movimentos criativos que transformaram a arte em ferramenta de denúncia, memória e resistência.

A arte como memória e construção de identidade

A arte latino-americana carrega a marca de uma história de resistência, em que criar é, muitas



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026”

vezes, um ato de coragem. Esse campo do saber está em constante construção, moldado pelas manifestações que surgem e se transformam na sociedade.

Antropólogos e historiadores utilizam a arte como ferramenta para compreender povos, culturas e organizações sociais. Ela preserva a memória histórica, transmitindo experiências e eventos às gerações futuras por meio de imagens, símbolos e narrativas. Ao mesmo tempo, sensibiliza e educa sobre a importância dessa preservação.

A arte na Idade Contemporânea

A Idade Contemporânea, iniciada com a Revolução Francesa (1789) e estendendo-se até hoje, foi marcada por eventos como as duas guerras mundiais e a Guerra Fria. Entre as principais vertentes artísticas desse período estão:

- Neoclassicismo
- Romantismo
- Realismo
- Impressionismo
- Pós-Impressionismo

Na arte contemporânea, o conceito por trás das obras ganha centralidade, e o contexto globalizado influencia diretamente artistas e

públicos. As manifestações se expandem para campos como dança, moda, música, teatro, escultura, espetáculos, instalações, videoarte, web arte, fotografia, literatura, happenings, objetos e expressões híbridas.

Obras que abordam guerra, opressão, resistência e superação ajudam a refletir sobre desafios e conquistas da humanidade. A arte também promove diálogo intergeracional e intercultural, construindo pontes entre diferentes grupos sociais.

O historiador Simon Schama, professor da Universidade de Columbia, destaca em O Poder da Arte oito momentos decisivos da história da arte, mostrando como grandes artistas, de Caravaggio a Rothko, transformaram a compreensão da pintura e da escultura ao priorizar a verdade e a intensidade emocional sobre a mera beleza.

A arte e a cultura desempenham papel fundamental na sociedade contemporânea, influenciando nossa forma de pensar, sentir e interagir com o mundo. Elas refletem e moldam nossa identidade coletiva, preservam memórias, questionam estruturas de poder e abrem caminhos para novas formas de existir.

Em um mundo em constante transformação, a arte permanece como força vital crítica, sensível e profundamente humana.

Participe do Edital da Revista The Bard

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
Imagens que salvam a humanidade

40ª EDIÇÃO

Revista The Bard

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS

Ass 6 - Nº 40 - Edição Novembro e Dezembro 2026

ISSN 2525-8336

ISSN 2525-8336

ISSN 2525-8336

22 categorias com temas livres

Clique aqui

Edital Novembro e Dezembro aberto até dia 30/09/2026.

LITERATURA

O Papel do Romance Histórico na Preservação da Memória Coletiva



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.

@marianapacheco.mp

"O romance histórico aparece neste texto como uma ponte entre pesquisa e imaginação, capaz de devolver humanidade ao passado e ampliar a memória coletiva"



Em sua tentativa de ensinar jovens a cultivar uma vida de leitura, o grande autor C.S Lewis apresenta a literatura como uma forma de viajarmos no tempo, já que “apenas a História não é o suficiente, já que a disciplina estuda o passado apenas à luz de autoridades secundárias”. E expõe ainda que, dentro da universidade, o curso de Literatura é mais libertador e permite o conhecimento sobre outras realidades do passado, os colocando como “expectadores” de uma parte do “tempo e da existência”.

Lewis descreve os romances históricos, mesmo que tenha diminuído consideravelmente “Os Três Mosqueteiros”, de Alexandre Dumas, um marco da literatura histórica e de Capa e Espada da França. Ainda assim, ambos, obra e a fala do autor inglês, expõe a relevância do gênero e sua preciosa função: uma aproximação mais agradável e humana de momentos históricos, através da narrativa de personagens reais e ficcionais, em que leitores se posicionam como viajantes do tempo.



O estilo surgiu em meados do século XIX na Escócia, mas não possui um período específico para ser retratado nessas obras, podendo abordar desde o período medieval até o século XX. Os autores escolhem um acontecimento real do passado – guerras, revoluções, manifestações, etc. de escala global ou local – e combiná-los com a ficção imaginada, colocando personagens irreais em cena das figuras que realmente

existiram, no mesmo plano e até com diálogos compartilhados. Desta forma se humaniza a história tão endurecida em livros didáticos.



Um bom romance histórico deve prezar por uma pesquisa profunda do momento real em que os personagens fictícios serão inseridos, com o propósito de que aquele fato verídico seja o ponto de partida e ambientação da narrativa. É preciso buscar a legitimação do que é escrito, com documentos e referências confiáveis, além da tentativa de recuperar estruturas sociais, culturais, políticas e estilos do passado, e apresentá-los na narrativa. Afinal, o autor precisa conhecer profundamente sobre o que escreve.

Normalmente tal enredo usa de temas heroicos, com personagens de valores éticos e morais, além de objetivos nobres a serem alcançados. Eles podem ter relações com figuras históricas (que realmente existiram) ou

protagonistas típicos, inventados, mas de acordo com os padrões da época. Existe uma hierarquia dos personagens neste gênero: personagens centrais, que geram mudanças; personagens médios com aventuras pessoais durante a trama; o herói formado pelo coletivo de um grupo; e os marginalizados, com traços externos ou de personalidade própria.



Dito isso, podemos já lembrar de títulos de romances históricos marcantes: “Guerra e Paz” e “Os Miseráveis” são clássicos inesquecíveis, mas autores como Bernard Cornwell, com “As Crônicas Saxônicas”, e Umberto Eco com “O Nome da Rosa” também fazem jus à narrativa na atualidade. Em todos os casos é dada a permissão de compreender os acontecimentos, suas motivações e como podem ter influenciado a relação humana do passado com o presente.

E indo além, os romances históricos também

resguardam estilos, tradições, linguagem e narrativas do período em que foram escritos. O romance e a galanteria entre espadas dominam em “Os Três Mosqueteiros”; já Victor Hugo não economiza os detalhes das barricadas e dos jovens revolucionários de 1830; Eiji Yoshikawa também coloca o leitor a par do Japão feudal e os códigos samurais em “Musashi”, Bernard Corwell nos transporta pelas guerras em cada um dos seus livros, com cenas vivas e soldados que sentem a cada momento de tensão.



Também válido dizer que, apesar da evolução literária, o romance de época ainda se estende ao sucesso de autores americanos e ingleses, escritos principalmente por mulheres, enquanto o romance histórico se permitiu expandir para outros países, e que autores de nacionalidade mais diversificadas contassem a história de seus países e também de outros países de acordo com a sua forma de olhar aquele período histórico.

Logo, o romance histórico preserva na memória coletiva de seus autores o passado, não apenas o relato de fatos, mas sua humanidade e os hábitos culturais e sociais daqueles que podem tê-los vivido, graças à pesquisa profunda costurada minuciosamente, tal como uma colcha de retalhos, com a imaginação dos autores, ao ponto de que o leitor não saiba onde a realidade termina e a ficção termina. Assim, se prende pela emoção e identificação, indo além do aprendizado e a construção da criticidade do conhecimento.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/06/2026”

PUBLIQUE SEU LIVRO



NEVOEIRO

Textos e Poemas

Uma coletânea sensível sobre alma, silêncio e os mistérios que nos habitam.

Autora
Mia Koda

CONHEÇA O LIVRO



LITERATURA

A poesia está guardada nas palavras: o universo poético de Manoel de Barros



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

“A poesia está guardada nas palavras, é tudo que eu sei” (Manoel de Barros, Tratado geral das grandezas do íntimo, Record, 2001)



Manoel de Barros brinca com as palavras e fala da grandeza das pequenas coisas da vida e do mundo, fala do campo, do tempo, da natureza e da infância, com tanta simplicidade, sensibilidade e leveza que emociona. Esse ilustre poeta nos deixou há cerca de um ano, mas a riqueza que dele ficou enche nossos olhos de beleza e encantamento.

Nascido em Cuiabá em 19 de dezembro de 1916, Manoel Wenceslau Leite de Barros passou boa parte da infância em um colégio interno em Campo Grande. Aos 21 anos, publicou seu primeiro livro de poesias, “Poemas Concebidos Sem Pecados”, e se mudou para o Rio de Janeiro, onde graduou-se em Direito.

Entre 1942 e 1946, publicou mais dois livros: “Face Imóvel” e “Poesias”, e em 1960 retornou para Campo Grande, onde assumiu a fazenda da família, vivendo como fazendeiro e criador de gado. Casado com Stella, com quem teve três filhos, morou em Campo Grande e administrou a fazenda herdada do pai, “10 anos de trabalho para depois ficar à toa”. Em sua casa tinha um quatinho onde escreveu seus livros, todos à mão, escritos com lápis e confeccionados cuidadosamente com capa feita à mão por ele mesmo. A esse quarto dava-se o nome de “lugar de ser inútil”.

Ao longo de sua vida, publicou mais de 20 livros e recebeu diversos prêmios, como Orlando Dantas, Jabuti, Cecília Meireles e Academia Brasileira de Letras.

A leveza e a poesia que habitam Manoel de Barros

“A poesia é voar fora das asas.” Manoel de Barros

Muitos dizem que a poesia de Manoel de Barros tenta “descoisificar a realidade”. Ele tem na palavra o sentido da existência. E vai além: a poesia ressignifica “coisas”. Para Manoel de Barros, as coisas têm valor. Coisas são elementos que ele olha e que, segundo ele, o escolhem. Assim como as palavras, que ele diz que “se apaixonam por ele”. O pensamento de Manoel de Barros era tornar-se grande como miudezas. Ele o fez com grandeza única.

E é por meio dela que o poeta de Cuiabá

traduz o mundo de forma inventiva e simples. Assim, nos convida a transformar, a reinventar este mundo: O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.

Manoel de Barros olhava a natureza, os bichos, o cotidiano e, principalmente, as palavras, com uma visão doce, com a fantasia de um jardim secreto da imaginação. Ele era um brincador, um criador de palavras, um misturador de sensações, não gostava da normalidade, apreciava a ousadia do som das palavras e de suas infinitas possibilidades de criação.

Aprendamos com Manoel de Barros: “As folhas das árvores servem para nos ensinar a cair sem alardes.”

Sua simplicidade em gestos e maneiras torna sua poesia complexa. Ria de si mesmo das glórias que não teve. “Vivo de mesada, sou um dependente”, dizia. Averso a entrevistas filmadas ou gravadas (“a palavra falada não dá rascunho”).

Só há um documentário sobre ele, feito pelo diretor Pedro Cesar, em 2008: Só Dez Por Cento é Mentira. O título vem de sua frase: “Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira.”

Manoel de Barros: a natureza como fonte de inspiração

O tema do poeta Manoel de Barros é sempre ele mesmo. Ele expõe o mundo através de si. “O tema da minha poesia sou eu mesmo, e eu sou pantaneiro. Então, não é que eu descreva o Pantanal não sou disso, nem de narrar nada. Mas nasci aqui, fiquei até os oito anos e depois fui estudar. Tenho um lastro da infância; tudo o que a gente é mais tarde vem da infância.”

“Meu avô era tomado por leso porque, de manhã, dava bom dia aos sapos, ao sol, às águas. Só tinha receio de amanhecer normal. Penso que ele era provedor de poesia como as aves e os lírios do campo.” Manoel de Barros, Ensaios Fotográficos. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000, p. 51.

“Aprendi que o artista não vê apenas. Ele tem visões. A visão vem acompanhada de loucuras,

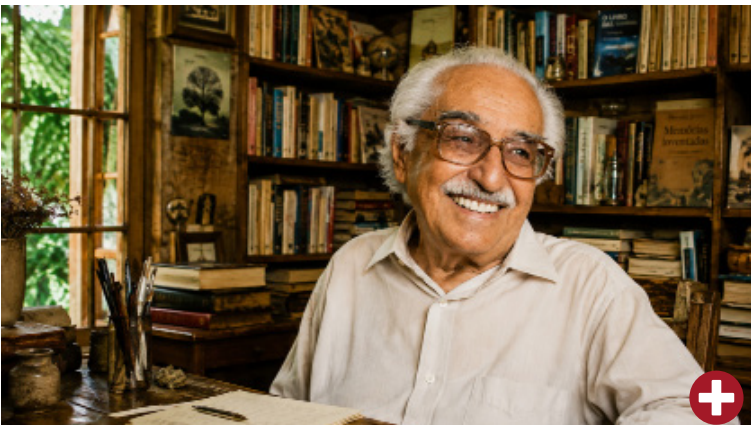


IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026”

de coisinhas à toa, de fantasias, de peraltagens. Eu vejo pouco. Uso mais ter visões. Nas visões vêm as imagens, todas as transfigurações. O poeta humaniza as coisas, o tempo, o vento. As coisas, como estão no mundo, de tanto vê-las, nos dão tédio. Temos que arrumar novos comportamentos para as coisas.”

Na poesia de Manoel de Barros, o quintal fala muito: é desse canto escondido que o poeta recolhe sua matéria poética, transformando-o num vasto território de invenção e, junto dele, no próprio chão onde a infância volta a respirar.

O “criancimento” em Manoel de Barros

Para o poeta, é nas nossas raízes criancieiras que está a chave para imaginar, criar e transgredir, é nessa visão que carrega da própria infância que mostra a criança não como um sujeito frágil ou incapaz, mas questionador e criativo, cúmplice no seu complexo jogo de linguagem. Ele vê na linguagem (e na linguagem infantil) a possibilidade de se fazer outra história”. Manoel de Barros mostra, assim, a percepção que tem sobre a infância e a própria visão das crianças, que, como a dos poetas, é libertadora, livre de modelos sociais e expressa numa linguagem que voa como pássaro.

Um final... sem fim

A grandeza de Manoel de Barros pode ser exemplificada em uma das inúmeras passagens marcantes de sua vida de poeta: quando Carlos Drummond de Andrade recebeu o título de maior poeta vivo do Brasil, teria recusado a homenagem em favor de Manoel. Só esse gesto já bastaria para que o poeta mato-grossense recebesse o devido prestígio. No entanto, há muitos outros motivos para conhecer esse autor fundamental para compreender um Brasil ao mesmo tempo regional, universal e contemporâneo.

Manoel de Barros é um poeta que devaneia ao brincar com as palavras mostrando ao mundo como pode ser saboroso voar na poesia escrita em “língua de ave”: uma linguagem solta, fluida, livre das tensões gramaticais: a língua da infância.



Por Que Homero Ainda nos Ensina Sobre Virtude e Tragédia?



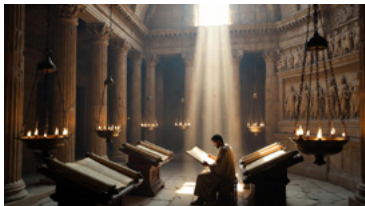
Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),
@fontenellemagna

LITERATURA
"Suporta, meu coração!
Já suportaste coisas piores."



Ao longo da história, poucas obras conseguiram manter tamanho alcance e influência quanto os poemas atribuídos a Homero. Considerado o fundador da literatura ocidental, o poeta grego segue vivo no imaginário coletivo por meio de suas epopeias Ilíada e Odisseia. São textos que atravessaram séculos e continuam atuais, mesmo em um mundo bem diferente daquele em que foram escritos.



A permanência dessas obras acontece porque Homero não escreveu apenas sobre heróis, guerras e deuses. Em vez disso, sua obra aborda, acima de tudo, a condição humana. Ele explora valores, conflitos, emoções e dilemas que seguem presentes na vida de hoje.

Na Ilíada, o centro da narrativa é a ira de Aquiles, um guerreiro extraordinário cuja busca por honra e glória o leva a enfrentar conflitos intensos, tanto por dentro quanto por fora. Sua trajetória mostra como o orgulho, a vaidade e o desejo de reconhecimento podem causar sofrimento não apenas ao indivíduo, mas também à comunidade.

Ao mesmo tempo, o poema evidencia a capacidade humana de transformação.

Um dos momentos mais marcantes da literatura universal acontece quando Aquiles encontra Priamo, rei de Troia e pai de Heitor. Nesse encontro, a compaixão vence o ódio e a violência, deixando claro que a humanidade pode prevalecer mesmo diante de horrores como os da guerra.

Já na Odisseia, conhecemos um herói de outra natureza. Ulisses se destaca não só pela força física, mas principalmente pela inteligência, pela prudência e pela resistência diante das adversidades. A longa viagem de volta a Ítaca simboliza a própria jornada humana em busca de pertencimento, identidade e sentido para a existência.

Ao enfrentar monstros, tempestades e inúmeras tentações, Ulisses mostra que a verdadeira grandeza não está apenas em conquistar territórios. Ela também envolve preservar valores e retornar diferente, transformado pelas experiências que atravessou. Por isso, sua história segue como uma metáfora poderosa sobre perseverança.

As obras homéricas também trazem uma reflexão profunda sobre a tragédia. Para os gregos antigos, ela não era apenas um acontecimento doloroso, mas uma parte inevitável da vida. Os personagens de Homero lidam com perdas, limitações, escolhas difíceis e com a consciência de que nem sempre dá para controlar o próprio destino.

Essa visão continua muito atual. Em um mundo cheio de incertezas, conflitos e mudanças constantes, as epopeias homéricas lembram que

a fragilidade faz parte da experiência humana e que a verdadeira grandeza está na forma como enfrentamos os desafios.

Outro motivo para Homero continuar relevante é sua compreensão sobre a virtude. Nos poemas, a excelência humana não se resume ao poder nem ao sucesso material. A virtude aparece na coragem, na honra, na lealdade, na prudência e na capacidade de agir com dignidade, mesmo nas circunstâncias mais difíceis.

Esses valores seguem inspirando reflexões éticas, filosóficas e educacionais em culturas diferentes. Por isso, Homero permanece contemporâneo. Suas narrativas falam de sentimentos universais amor, medo, ambição,

perda, esperança e superação. E seus heróis não são figuras perfeitas: são pessoas complexas, capazes de errar, aprender e evoluir.

Quando reavemos seus feitos, percebemos que as grandes perguntas da existência, seguem no mesmo contexto, ou seja continuam, em essência, as mesmas. A literatura homérica segue nos ensinando que a virtude nasce de escolhas conscientes e que a tragédia, longe de ser apenas sinônimo de derrota, pode se transformar em fonte de sabedoria, crescimento e humanidade.

Mais de três mil anos depois, Homero ainda conversa com o presente. Afinal, os clássicos sobrevivem porque falam do que é eterno no ser humano.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/07/2026”

LITERATURA

LINHAS CRUZADAS: O Javanês Nosso De Cada Dia - Parte III



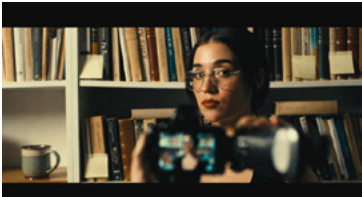
Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais e MBA em Saúde Mental no Trabalho

@prof.alineabreu



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"



1. O Crítico que Lia pelas Bordas

Ele falava de livros como quem atravessara todos eles.

Diante da câmera, com uma estante cuidadosamente montada ao fundo, óculos discretos, iluminação morna e uma caneca apoiada ao lado de edições marcadas por post-its estrategicamente visíveis, comentava romances densos, filósofos difíceis e autores que a maioria do público talvez jamais abrisse por conta própria. Seus vídeos tinham títulos sedutores: “O que ninguém entendeu em Proust”, “A violência silenciosa em Kafka”, “Por que Dostoiévski ainda nos desmonta”, “O verdadeiro sentido de Grande Sertão: Veredas”. Falava pausadamente, com a segurança de quem parecia não apenas ter lido, mas decifrado.

Não fazia resenhas. Fazia “leituras de profundidade”.

Era assim que gostava de chamar seu trabalho. Dizia que não comentava livros, mas “desdobrava camadas”. Cada obra surgia em seus vídeos envolta numa névoa respeitável de complexidade. Havia sempre um conceito, uma tensão, uma chave interpretativa, uma frase de efeito suficientemente abstrata para

soar importante. O público, fascinado, sentia-se diante de alguém que finalmente podia traduzir a grande literatura sem vulgarizá-la. E isso, nos tempos apressados, tinha grande valor simbólico.

Vieram os convites para mesas-redondas, clubes de leitura, feiras literárias, entrevistas e cursos sobre formação de leitores. Depois, as parcerias com editoras, os descontos afiliados, os módulos pagos sobre “como ler os clássicos sem medo” e os comentários reverentes de seguidores que agradeciam por ele tornar acessível o que parecia inalcançável. Já não era apenas um criador de conteúdo. Tornara-se uma pequena autoridade em literatura.



O detalhe é que ele quase não lia os livros de que falava.

Lia a orelha, a quarta capa, dois ou três prefácios, resenhas de jornais, comentários em fóruns, vídeos estrangeiros e, quando muito, algum capítulo mais citado. Sabia localizar frases emblemáticas, enfileirar referências e repetir com elegância certas interpretações já circulantes. Sua especialidade não era propriamente a leitura, mas a administração habilidosa dos sinais externos dela. Sabia parecer leitor com notável eficiência.



E talvez esse seja, hoje, um dos talentos mais premiados.

Porque ler exige tempo, demora, hesitação, retorno, dúvida, silêncio e até fracasso. Já comentar bem um livro sem tê-lo lido inteiramente exige outra coisa: vocabulário seguro, montagem de imagem, domínio do tom e a percepção precisa de que boa parte do público não verificará nada. Entre a leitura real e a performance de leitura, as redes quase sempre recompensam a segunda, sobretudo quando ela vem embalada em eloquência.

Foi uma falha pequena que começou a desmanchar a névoa.

Durante uma transmissão ao vivo, perguntaram-lhe sobre uma cena central de um romance que ele havia chamado, dias antes, de “inesgotável”. Ele sorriu, ajeitou os óculos, tomou água e respondeu de forma circular. Falou do contexto, da atmosfera, do drama existencial, da crise do sujeito moderno. O problema é que a pergunta era simples e direta, ligada a um episódio concreto do enredo. Ele contornou uma vez, duas, três, até que ficou claro, para quem realmente conhecia a obra, que não estava comentando o livro, mas a reputação do livro.

Ainda assim, nada desmoronou de imediato.

Houve quem o defendesse dizendo que a literatura não deve ser reduzida à narrativa. Outros afirmaram que seu valor estava na interpretação, não na memória de detalhes. Alguns chegaram a sugerir que a leitura integral é um fetiche pedante, e que um bom mediador cultural não precisa necessariamente passar página por página para captar o essencial. A precariedade, como acontece com frequência, foi sendo reapresentada como sofisticação.

O problema, porém, não estava apenas na leitura incompleta, mas na facilidade com que isso se convertia em prestígio. Aos moldes de Lima Barreto em “O Homem que Sabia Javanês”, bastava ocupar com naturalidade o lugar de quem domina um saber raro para que o restante fosse completado pela admiração alheia. No caso desse especialista de YouTube, a estante bem montada, os autores difíceis, o tom grave e a linguagem abstrata faziam as vezes do conhecimento que, em boa medida, ficara do lado de fora das páginas.

A literatura, então, deixava de ser encontro com o texto para virar ornamento de autoridade.

O livro, que deveria abrir perguntas, servia antes para fechar a imagem do comentarista. Importava menos o que a obra dizia do que o efeito de prestígio produzido ao citá-la. Havia uma espécie de consumo indireto da leitura: não era preciso ler Proust, Borges ou Rosa; bastava assistir a alguém que parecesse tê-los absorvido por todos. O intermediário crescia, o texto encolhia, e a crítica literária passava a flertar com o espetáculo.

Quando as dúvidas aumentaram, ele fez o que já se tornou uma saída elegante em tempos de exposição constante. Gravou um vídeo sobre “a leitura possível no mundo contemporâneo”. Disse que ninguém mais lê como no século XIX, que a experiência fragmentada também é experiência, que o importante é circular sentido, não ostentar completude, e que seu trabalho sempre foi o de aproximar obras e pessoas, não o de prestar contas a uma patrulha livresca. Foi aplaudido por muitos. Ganhou novos seguidores. Lançou, dias depois, um curso de leitura crítica em oito módulos.

As vagas esgotaram-se rapidamente.

Talvez porque muita gente não procure exatamente um leitor, mas um intérprete com boa dicção. Alguém que empreste profundidade pronta ao que daria trabalho pensar sozinho. E, no grande mercado do prestígio cultural, poucos papéis rendem tanto quanto o daquele que fala longamente sobre livros que os outros não leram e que, às vezes, ele próprio mal leu.

No fim, o crítico não comentava apenas obras difíceis. Comentava, sem admitir, a disposição de seu tempo para aceitar a aparência da leitura como substituta da leitura. E nisso havia uma ironia antiga, apenas atualizada por câmera, algoritmo e estante iluminada: a de que, muitas vezes, basta saber circular bem entre os sinais do saber para que o mundo dispense o trabalho de perguntar quanto, de fato, se sabe.



Conexão com conto e “O Homem que Sabia Javanês” (1911) de Lima Barreto

A conexão com “O Homem que Sabia Javanês” (1911), de Lima Barreto, está no modo como essa crônica retoma a crítica à autoridade construída mais pela aparência do que pela verdade. No conto, o prestígio do personagem nasce não de um saber real, mas da habilidade de representar esse saber diante de um público disposto a acreditar. Na crônica, esse mesmo mecanismo reaparece em figuras contemporâneas que transformam imagem, discurso e encenação em legitimidade, mostrando que, embora mudem os cenários e as linguagens, permanece atual a ironia de Lima Barreto sobre a facilidade com que a sociedade confunde performance com conhecimento.

PUBLIQUE CONOSCO



INNER AI
Tenha acesso as 50 melhores IAs do mundo em um só lugar

COMECE AQUI

AGPT-5.2, Claude, Gemini, Perplexity e dezenas de outros modelos para simplificar seu trabalho e otimizar resultados.



LITERATURA

Café Passagem - Cap. 11: Escrevendo Juntos

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf
ESCRITOR

Recapitulação
Capítulo 10: Primeira Saída



Daniel busca Luísa com margaridas brancas, escolhidas por impulso, não por visão. Eles jantam na Livraria Babel, um café literário que Daniel frequenta desde adolescente. Durante a conversa, Daniel revela sua conversa com Miguel e sua nova compreensão de que o dom era uma escolha, uma forma de fugir do presente. Ambos admitem que passaram a vida evitando o presente, ele através das visões, ela através da solidão e do trabalho. Após o jantar, caminham sem destino pelas ruas históricas, explorando a cidade e as possibilidades de quem podem ser juntos. O capítulo termina com um beijo na praça e Luísa convidando Daniel para subir ao apartamento, ambos finalmente vivendo plenamente o presente.



O Café Passagem
Capítulo 11: Escrevendo Juntos

O apartamento de Luísa parecia diferente à luz suave das luminárias noturnas. Daniel observou os detalhes que havia notado rapidamente antes: as fotografias de viagens em molduras simples, a manta de crochê sobre o sofá, o cheiro sutil de lavanda que impregnava o ambiente.

— Café mesmo ou era só uma desculpa? — Luísa perguntou, tirando os sapatos e se dirigindo à cozinha.

— Um pouco dos dois — Daniel admitiu, seguindo-a.

Enquanto ela preparava o café, ele observou seus movimentos — a forma precisa como media a água, como organizava as xícaras na bandeja. Havia algo hipnótico na domesticidade do momento.

— Daniel? — Luísa se virou e o encontrou olhando-a intensamente. — No que está pensando?

— Em como é estranho estar aqui. Durante três anos, imaginei este apartamento, esta cozinha, você fazendo café. Mas a realidade é... diferente.



— Melhor ou pior?

— Mais real. Mais... presente.

Eles se sentaram no sofá da sala, as xícaras fumegantes entre eles. Luísa havia acendido apenas uma luminária, criando uma atmosfera íntima e acolhedora.

— Posso te mostrar uma coisa? — ela perguntou.

— Claro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"

Luísa se levantou e foi até a estante, de onde tirou um caderno de capa vermelha.

— Comecei a escrever depois que nos conhecemos — disse, sentando-se mais perto dele. — Não sobre o futuro, como você fazia. Sobre o presente.

Daniel pegou o caderno com cuidado, como se fosse algo precioso.

— Posso ler?

— É para isso que estou mostrando.

Ele abriu na primeira página e leu em voz alta:



"Domingo, 15 de março. Conheci um homem hoje que diz escrever sobre o futuro. Mas o que mais me impressiona não são suas visões impossíveis, e sim a forma como ele olha para mim — como se estivesse vendo algo que eu mesma não sei que existe."

Daniel ergueu os olhos para ela.

— Você escreve bem.

— Continue lendo.

"Segunda-feira, 16 de março. Passei o dia inteiro pensando nele. Não nas coisas estranhas que disse, mas na vulnerabilidade que vi em seus olhos quando admitiu que não sabia como explicar o que acontecia com ele. Há algo profundamente humano em alguém que carrega um mistério que nem ele mesmo compreende."

— Luísa...

— Há mais.

Daniel continuou folheando. Cada entrada documentava não eventos extraordinários, mas momentos pequenos e íntimos: a forma como ele mexia o café, o jeito como seus olhos se iluminavam quando falava sobre livros, como sua voz mudava quando estava nervoso.

— Por que começou a escrever? — ele perguntou.

— Porque você me inspirou. Não o dom, mas a ideia de documentar algo importante. E percebi que nossa história, mesmo sem magia, valia a pena ser registrada.

Daniel fechou o caderno e olhou para ela.

— Tenho uma ideia.

— Qual?

— E se escrevêssemos juntos? Não sobre o futuro, mas sobre agora. Sobre este momento, esta noite, o que estamos construindo.

Luísa sorriu.

— Como seria?

— Você escreve sobre mim, eu escrevo sobre você. Mas no presente, sobre o que estamos vivendo agora.

— Uma espécie de diário compartilhado?

— Exatamente.

Luísa foi buscar outro caderno — este de capa azul — e duas canetas. Sentaram-se no chão da sala, usando a mesa de centro como apoio.

— Como fazemos? — ela perguntou.

— Escrevemos ao mesmo tempo. Cinco minutos sobre este momento, sobre o que estamos sentindo agora.

— E depois?

— Depois lemos um para o outro.

Eles se posicionaram em lados opostos da mesa, cada um com seu caderno. Daniel olhou para o relógio.

— Prontos? Começamos... agora.

Por cinco minutos, o apartamento ficou em silêncio, exceto pelo som das canetas deslizando sobre o papel. Ocasionalmente, um deles erguia os olhos para observar o outro escrevendo, sorria, e voltava ao texto.

Quando o tempo terminou, eles trocaram os cadernos.

Daniel leu o texto de Luísa primeiro:

"Estou sentada no chão da minha sala, observando um homem que até uma semana atrás era um estranho, e agora parece ser a pessoa mais importante da minha vida. Há algo surreal em como rapidamente duas vidas podem se entrelaçar. Ele está concentrado, a testa ligeiramente franzida, e posso ver que está escolhendo cada palavra com cuidado. Não sei o que está escrevendo sobre mim, mas espero que seja gentil. Espero que veja em mim pelo menos

metade da beleza que vejo nele neste momento."

— Luísa... — Daniel começou, mas ela fez um gesto para que esperasse.

Luísa leu o texto dele:

"Ela morde levemente o lábio quando está concentrada, como faz agora. Há uma graça em seus movimentos que me faz entender por que passei três anos sonhando com este momento. Mas a realidade supera qualquer visão: o som de sua respiração, o cheiro de lavanda em seus cabelos, a forma como a luz da luminária cria sombras suaves em seu rosto. Estou escrevendo sobre o presente pela primeira vez em quinze anos, e descobrindo que é infinitamente mais rico que qualquer futuro que já imaginei."

Quando terminaram de ler, ficaram se olhando em silêncio.

— É estranho — Luísa disse finalmente.

— O quê?

— Ler como alguém me vê. É... íntimo de uma forma que não esperava.

— Quer parar?

— Não. Quero continuar. Mas talvez... — ela hesitou — talvez possamos escrever sobre outras coisas também. Sobre nossos medos, nossos sonhos, o que esperamos desta... seja lá o que isto for.

Daniel se aproximou dela no chão.

— Luísa, posso te dizer uma coisa?

— Claro.

— Pela primeira vez em quinze anos, não tenho medo do futuro. Não porque sei o que vai acontecer, mas porque sei que, aconteça o que acontecer, quero que você esteja lá.

— Mesmo que eu não seja perfeita? Mesmo que decepcione você?

— Especialmente então. Porque perfeição é previsível, e eu cansei de previsibilidade.

Luísa se inclinou e o beijou suavemente.



— Então vamos fazer um pacto — ela sussurrou contra seus lábios.

— Que tipo de pacto?

— Vamos escrever nossa história juntos. Uma página de cada vez, sem saber como vai terminar.

— E se der errado?

— Então pelo menos teremos documentado algo bonito enquanto durou.

Daniel sorriu e a puxou para mais perto.

— Aceito o pacto.

Eles passaram o resto da noite escrevendo — às vezes sobre o momento presente, às vezes sobre memórias, às vezes sobre sonhos para o futuro. Quando o sono finalmente chegou, estavam deitados no sofá, os cadernos abertos sobre a mesa de centro, as mãos entrelaçadas.



Pela primeira vez em suas vidas, ambos adormeceram sem medo do que o amanhã traria. Porque sabiam que, qualquer que fosse o futuro, eles o escreveriam juntos.

E isso, descobriram, era muito mais emocionante que qualquer destino predeterminado.

Na manhã seguinte, Daniel acordou com o sol entrando pelas janelas e Luísa ainda dormindo em seus braços. Observou seu rosto relaxado, os cabelos espalhados sobre o travesseiro improvisado, e teve vontade de escrever sobre aquele momento.

Mas em vez disso, simplesmente ficou ali, vivendo-o.

Porque algumas coisas, percebeu, eram belas demais para serem documentadas. Eram para serem vividas, sentidas, guardadas na memória do coração.

E pela primeira vez em quinze anos, isso era mais que suficiente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT Image 2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"

CULTURA

A Influência das Religiões na Formação Cultural do Ocidente



Por Drika Gomes
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psiqe



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"



Poucos elementos exerceram influência tão profunda sobre a formação cultural do Ocidente quanto as religiões. Muito além da espiritualidade, elas ajudaram a moldar estruturas sociais, códigos morais, manifestações artísticas, sistemas educacionais, conceitos filosóficos e até a maneira como o ser humano passou a compreender a si mesmo ao longo da história.

Mesmo em uma sociedade moderna marcada pela secularização, ainda vivemos cercados por símbolos, valores e comportamentos herdados de tradições religiosas.

- Os feriados.
- Os rituais de passagem.
- A ideia de culpa e redenção.
- Os conceitos de bem e mal.
- A noção de compaixão coletiva.

A própria construção simbólica da família. Tudo isso carrega marcas profundas da influência religiosa sobre a cultura ocidental.

O filósofo Friedrich Nietzsche afirmou que “Deus está morto”, não como celebração simplista do fim da religião, mas como um alerta filosófico sobre o vazio existencial que surgiria quando as estruturas tradicionais de sentido comesçassem a ruir. Nietzsche compreendia que a religião, independentemente da crença individual, havia sido um dos pilares organizadores da moral, da cultura e da identidade coletiva do Ocidente.

Muito antes dele, Santo Agostinho já refletia sobre a inquietação humana diante da existência. Em suas Confissões, escreveu: “Nosso coração anda inquieto enquanto não repousa em Ti.” A frase atravessou séculos justamente porque toca uma dimensão profundamente humana: a busca por significado.

Talvez seja impossível compreender a história da civilização ocidental sem compreender também essa necessidade humana de transcendência.

As religiões ofereceram durante séculos não apenas respostas metafísicas, mas estruturas

emocionais capazes de sustentar sociedades inteiras em períodos de guerra, fome, epidemias e sofrimento coletivo.

Os templos não eram apenas espaços espirituais. Eram centros culturais. Centros sociais. Centros emocionais.

O sociólogo Émile Durkheim via a religião como um dos principais mecanismos de coesão social. Para ele, os rituais religiosos fortaleciam o senso de pertencimento coletivo e criavam vínculos simbólicos que organizavam comunidades inteiras. O indivíduo sentia que fazia parte de algo maior do que si mesmo.

Essa percepção também aparece em Carl Jung, que via os símbolos religiosos como manifestações arquetípicas do inconsciente coletivo. Jung acreditava que mitos, imagens espirituais e narrativas sagradas expressavam conteúdos universais da psique humana. Para ele, a religião não era apenas crença institucional, mas linguagem simbólica da mente humana tentando dar sentido à experiência da existência.

E talvez seja justamente por isso que arte e espiritualidade caminharam juntas ao longo

da história.

- A pintura sacra.
- A arquitetura das catedrais.
- Os vitrais.
- Os poemas místicos.
- Os textos filosóficos.
- E também a música religiosa.

Os cantos litúrgicos, os corais e os hinos não surgiram apenas como ornamentação ritualística. Eles ajudavam a criar estados emocionais coletivos de contemplação, reverência e conexão humana.

Ao longo da minha atuação clínica, observei algo profundamente interessante relacionado a isso. Uma paciente que carregava traumas severos da infância, associados a medo constante, rejeição emocional e sensação crônica de abandono, apresentava um sistema nervoso permanentemente em estado de alerta. Durante muito tempo, músicas comuns não produziam grande resposta emocional nela. Mas determinadas músicas religiosas da infância provocavam algo diferente.

Quando ouvia antigos hinos que escutava ao lado da avó, seu corpo relaxava gradualmente. A respiração desacelerava. O olhar mudava. Havia redução clara da tensão física e emocional

durante as sessões. Não era apenas lembrança consciente. O cérebro parecia reconhecer naquelas músicas um território interno de segurança emocional.

A neurociência hoje ajuda a compreender parte desse fenômeno. Sons associados a pertencimento, acolhimento e experiências afetivas profundas podem ativar áreas cerebrais ligadas à memória autobiográfica, emoção e regulação do sistema nervoso. Em alguns casos, determinadas músicas religiosas funcionam quase como pontes emocionais entre a dor e a sensação de proteção psíquica.

Isso ajuda a explicar por que certas canções espirituais ainda provocam lágrimas, arrepios e sensação de paz mesmo em pessoas que já não mantêm vínculos religiosos formais.

O filósofo Mircea Eliade dizia que o ser humano possui uma necessidade quase inevitável de separar o “sagrado” do “profano”. Em outras palavras: a humanidade sempre buscou experiências que transcendam a rotina puramente material da vida.

Mesmo na contemporaneidade, marcada pela tecnologia e pela velocidade da informação, essa busca permanece viva.

Talvez mudem os formatos. Mudam os discursos. Mudam os símbolos.

Mas a necessidade humana de pertencimento, significado e transcendência continua existindo.

Naturalmente, a história das religiões também envolve conflitos, intolerâncias e disputas de poder. O próprio processo de secularização trouxe debates fundamentais sobre laicidade, liberdade religiosa e pluralidade cultural, debates essenciais para sociedades democráticas.

Mas compreender a influência histórica das religiões não significa abandonar pensamento crítico. Significa reconhecer que grande parte da identidade cultural do Ocidente foi construída a partir dessas estruturas simbólicas e espirituais.

A religião ajudou a moldar a forma como o Ocidente aprendeu a celebrar, sofrer, amar, organizar comunidades e compreender o mistério da existência.

E talvez o aspecto mais fascinante disso tudo seja perceber que, antes mesmo da ciência explicar o comportamento humano, as tradições religiosas já tentavam responder às perguntas mais profundas da mente e do coração humano.



PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião)
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

CULTURA

Entre o Belo e o Concreto: A preservação do Patrimônio Histórico e Cultural no Brasil



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar

Ao entender que o patrimônio representa simbolicamente a identidade e a memória de um povo, percebe-se que o patrimônio não um mero vestígio de um determinado tempo. A história não é estática e as sociedades acompanham essa dinamicidade. Faz-se necessário o reconhecimento da real importância do patrimônio na cultura, na identidade de um povo, em sua noção de pertencimento social e de que esse patrimônio precisa ser preservado, não como demonstração de um momento imutável de nossa história, mas como um período de eventos e significados que suscitaram outros e nos perpetuaram como somos hoje.



A contemplação de um espaço de relevância histórica, lembranças são evocadas de um passado que, mesmo remoto, produz sentimentos e sensações que parecem fazer reviver momentos e fatos ali vividos que fundamentam e explicam a realidade presente, despertada por lugares, edificações e de monumentos que, em sua

materialidade, são capazes de fazer rememorar a forma de vida daqueles que no passado deles se utilizaram. Cada edificação, portanto, carrega em si não apenas o material de que é composto, mas toda uma gama de significados e vivências.



O espaço urbano de ruas e edificações de aspecto familiar a todos os cidadãos, aparentemente estável, dá a impressão de que tudo está tranquilo, embora a agitação humana do dia-a-dia e o progresso estão presentes com elementos modernos e provocadores de uma realidade de embates, velocidade de informações e construção de novas ideologias.

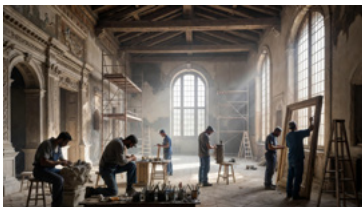
O olhar com desprezo para construções antigas, é uma tendência natural do homem moderno, vendo-as como bens ultrapassados e desatualizados, os quais devem ser demolidos e ceder lugar a edificações mais modernas e arrojadas, mais úteis ao desenvolvimento da cidade. Esse tipo de pensamento impacta

frontalmente a ideia de preservação, de valorização do patrimônio como herança histórica a ser preservada. Não é possível preservar a memória de um povo sem, ao mesmo tempo, preservar os espaços por ele utilizados e as manifestações quotidianas de seu viver.

Destaca-se que estudos sobre patrimônios culturais promovem a valorização e consagração daquilo que é comum a determinado grupo social no tempo e no espaço. Os chamados patrimônios históricos culturais têm, nas modernas sociedades ocidentais, a função de representar simbolicamente a identidade e a memória de uma nação. O pertencimento a uma comunidade nacional é produzido a partir da ideia de propriedade sobre um conjunto de bens culturais: relíquias, monumentos, cidades históricas, entre outros.

Isto posto, entende-se que o patrimônio é uma das peças que compõem as questões relevantes aos processos urbanísticos e indissociáveis, pois não se pode entender de forma isolada um do outro.

No Brasil, a preservação de patrimônios seguiu uma concepção de política cultural de “Pedra e Cal”, referindo-se à visão tradicional das políticas de preservação que focavam exclusivamente na proteção de monumentos, edificações e obras de arte, principalmente os do período colonial.



Os pioneiros do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional - IPHAN, o órgão responsável pela classificação e preservação do patrimônio cultural material e imaterial, com apoio da elite culta, criaram a consciência nacional que deu suporte a uma prática de proteção ao patrimônio baseada no tombamento, com o objetivo de preservar para as gerações presentes e futuras tudo aquilo que é considerado como parte da

memória do País, o que significa o valor histórico e cultural e uma vez tombados não podem ser demolidos ou reformados, mas podem ser restaurados e mantidos sem que as características originais desapareçam.



O patrimônio cultural material são objetos tangíveis, com materiais concretos identitários de momentos históricos, de um povo, de uma cultura ou de uma cidade. Os patrimônios culturais brasileiros são:

- Cidade Histórica de Ouro Preto (MG)
- Centro Histórico de Olinda (PE)
- Centro Histórico de Salvador (BA)
- Santuário de Bom Jesus de Matosinhos (MG)
- Ruínas de São Miguel das Missões (RS)
- Brasília (DF)
- Parque Nacional da Serra da Capivara (PI)
- Centro histórico de São Luís (MA)
- Centro histórico de Diamantina (MG)
- Centro histórico da Cidade de Goiás (GO)
- Praça São Francisco (SE)
- Rio de Janeiro: paisagens cariocas entre a montanha e o mar (RJ)
- Conjunto arquitetônico da Pampulha (MG)
- Sítio arqueológico do Cais do Valongo (RJ)
- Estátua do Cristo Redentor (RJ)
- Estação da Luz (SP)
- Conjunto dos Doze Profetas, (MG)

Assim, pensar a preservação do patrimônio histórico e cultural e histórico, bem como a sua repercussão nos organismos nacionais possibilitaram uma maior abrangência em sua esfera de atuação, permitindo-se ampliar a valorização e a preservação das mais variadas manifestações culturais tão latentes na sociedade brasileira.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026”

O Éden de Cornwall: Arquitetura, Natureza e Cultura em Diálogo Vivo



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

jardim histórico em Cornwall, os Lost Gardens of Heligan (Jardins Perdidos de Heligan).

Isso levou ao desenvolvimento da primeira ideia sugerida por Tim Smit após uma visita a uma pedreira de argila: construir a maior estufa do mundo em um poço de argila abandonado. O Projeto Éden está localizado em Bodelva, no sudoeste da Inglaterra, próximo à pequena cidade de St. Austell, na Cornualha, onde adquiriu uma pedreira quase esgotada de argila da China (caulim).

Essa escolha deu ao Éden outro propósito: a ecologia da restauração, demonstrando o que pode ser feito para recuperar um buraco aberto no solo que, no início do projeto, se assemelhava à superfície lunar. Outra finalidade foi impulsionar a enfraquecida economia da Cornualha e criar postos de trabalho em uma área com elevado desemprego, trazendo mudanças econômicas e sociais significativas para a região.

Hoje, o Projeto Éden é uma das atrações mais populares do Reino Unido e uma iniciativa que transmite a mensagem da botânica a mais de onze milhões de visitantes desde sua abertura, em 2001.

O Projeto Éden funciona como uma fundação filantrópica sem fins lucrativos e depende da venda de ingressos e produtos, que representam 75% do orçamento anual. O restante provém da captação de recursos externos de diversas fontes.

CIÊNCIA E EDUCAÇÃO NO ÉDEN

O Projeto Éden, na Cornualha, é um local inspirador, lar da maior floresta tropical em cativeiro do mundo, com mais de 8 hectares de

jardins ao ar livre e uma área externa selvagem, oferecendo uma variedade de programas de aprendizagem, desde passeios educativos para escolas e cursos de graduação imersivos até experiências criativas de liderança para profissionais.

A educação no Éden inclui programas sobre mudanças climáticas, alimentação, nutrição, saúde, biodiversidade e uso sustentável de recursos biológicos.

O Éden oferece um diploma bial em horticultura, em colaboração com uma instituição educacional local. Vários estudantes já concluíram pesquisas de mestrado e doutorado no Éden ou em locais patrocinados pelo projeto ao redor do mundo. As pesquisas variam desde estudos sobre solo e acúmulo de pesticidas nos biomas até investigações com plantas raras e ameaçadas em regiões como Gâmbia, Santa Helena, Seicheles e a floresta tropical atlântica de Misiones, na Argentina.

Transmitir a mensagem do Éden ao visitante é a principal finalidade do projeto. Para isso, duas áreas de educação são fundamentais: os guias chamados de “polinizadores” e a sinalização interpretativa. Eles oferecem diariamente verdadeiras aulas de botânica ao público. Ninguém visita o Projeto Éden sem compreender que as plantas são vitais para a sobrevivência humana.

Importância educativa do projeto: milhares de estudantes aprendem anualmente sobre a interdependência entre seres humanos e o mundo natural. As exposições interativas incentivam hábitos mais conscientes para proteger o futuro do planeta.

EXTENSO E BELO JARDIM

Oito gigantescas cúpulas geodésicas revestidas de plástico, que permitem a passagem da luz solar e funcionam como isolamento térmico, interligam-se para formar a maior greenhouse do mundo. No interior das estufas, dois biomas se destacam:

- Bioma Mediterrâneo, com plantas da região homônima, além de espécies da Califórnia e da África do Sul.
- Bioma da Floresta Tropical, com plantas da Amazônia, Malásia e África Ocidental.

Há ainda um bioma ao ar livre dedicado às espécies vegetais da própria Inglaterra e de outros países europeus com clima semelhante.

Contudo, o Éden não é apenas um jardim botânico. Ele vai muito além: é um laboratório vivo de soluções para a crise ambiental. A experiência imersiva educa o público sobre a necessidade urgente de conservar as florestas e os oceanos do planeta.

O design modular foi inspirado na geometria da natureza e permite cobrir grandes vãos sem colunas internas. A obra do escritório Grimshaw Architects é referência mundial em engenharia e regeneração ambiental no Reino Unido.

Principais destaques da diversidade biológica preservada no local:

- Bioma Tropical, abriga a maior floresta tropical em cativeiro do mundo, com espécies da América do Sul.
- Bioma Mediterrâneo, focado na flora de regiões temperadas como Grécia, Itália e partes da África.

• Jardins Exteriores, exibem plantas nativas do Reino Unido e discutem a importância da biodiversidade local.

• Horta Educativa, demonstra métodos de agricultura sustentável e a origem dos alimentos consumidos pela humanidade.

• Seção de Plantas Medicinais, explora a importância de diversas espécies para o avanço da ciência e da saúde.

ARTE, TEATRO E MÚSICA NO ÉDEN

O Éden transmite sua mensagem de muitas maneiras diferentes, e arte e música são amplamente utilizadas. Muitos artistas locais foram convidados a representar plantas e suas histórias por meio de suas obras. Muitas peças artísticas estão ao ar livre, como uma abelha gigante que atrai inúmeros visitantes e exemplifica o processo de polinização.

Há também esculturas que representam instrumentos e plantas utilizadas na produção de cerveja, instaladas próximas ao cultivo de lúpulos.

O Éden conta com um grupo de atores que realiza apresentações regularmente. A diferença é que todas as peças e esquetes apresentados transmitem a mensagem do Éden sobre a conexão humana com as plantas.

O Projeto Éden é um empreendimento para ensinar botânica por meio da maior estufa do mundo, admirado não apenas por sua coleção de plantas ou arquitetura de vanguarda, mas também como centro gerador de cultura, promotor de eventos, exposições, concertos, cursos e formação de profissionais em ecologia, ambientalismo e economia criativa.



Em 1994, um grupo de pessoas em Cornwall, um condado no extremo sudoeste da Inglaterra, acreditava que, por ser uma das regiões economicamente mais desfavorecidas do Reino Unido, deveria receber um dos projetos de referência nacional. O grupo foi conduzido pelo visionário Tim Smit, que já havia restaurado um

CULTURA

A Conquista Cultural do Ocidente pela Mídia Pop



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduiche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.
@marianapacheco.mp



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"



A palavra “Pop” remete a muitas coisas, memórias e, especialmente, símbolos. A primeira referência que alguns podem ter é da Pop Art, com o rosto de Marilyn Monroe em diversos tons, reinterpretado pelo artista Andy Warhol, nos anos 1950. Outros, de uma geração mais jovem, logo associará ao universo musical. Por essa variedade de referências, é válido definir o termo corretamente: segundo Thiago Soares (2015), “a cultura Pop estabelece formas de fruição e consumo que permeiam um certo senso de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afetos e finidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante”.

A partir daí, conseguimos pensar em como o Pop se infiltra nas sociedades, encontrando elementos comuns que causem identificação

com um amplo público, que irá desejar e consumi-lo, bem como posteriormente se encaixar em um grupo de outros que também sentem atração pelo mesmo produto. E para ampliar seu alcance, a mídia em cada época é utilizada para disseminar a cultura Pop, com um sentido comercial e posicionamento de marcas dentro de uma cultura – e atenção: até artistas podem ser marcas.



Antes dos anos 1950, a percepção do Pop era menor (mas não que ele já não existisse), porém, além da arte, a cultura feita para vender se torna mais latente a música, no cinema e moda. A exemplo, quatro garotos de Liverpool faz barulho nos anos 1960, e cria um movimento gigantesco a cada música. Os Beatles criaram um sucesso estrondoso que nomeou um movimento: a Beatlemania, que abraçava seus tantos fãs. Foi a primeira obsessão cultural que pode exemplificar o poder do Pop. De um

grupo de Rock rebelde, seu agente sinalizou que cortassem os cabelos e vestissem ternos. E somando às canções, foi mais do que suficiente para tornar a embalagem vendável.



No cinema, os Estados Unidos dominaram a cultura Pop, com referências que perduram até a atualidade, criam tendências e comunidades. “Star Trek”, a série televisiva que começou em 1966 criou o desejo de um futuro espacial, um universo tão único que atravessou gerações de fãs ansiando pelo tele-transporte, mas já vendo a criação de smartphones e assistentes de voz. Os chamados “trekkers” aprenderam a falar romulano e possuem até fóruns globais para se conectar e conhecer as novidades da série, que nunca foi descontinuada.

Com os anos, a cultura Pop se adapta para alcançar cada geração e seus hábitos e necessidades comunitárias, a fim de aliviar a

culpa do consumo e torna-lo mais sutil e natural na rotina – daí o Soft-Power, muito usado inclusive na diplomacia. Michael Jackson, em seu auge trazia pautas raciais e sociais em suas músicas, e abraçou seu público que sentiu que alguém se importava com eles (já que “They Don’t Care About Us”). Michael também criou sua legião de fãs, com 95% da população mundial conhecendo o artista e ainda batendo recordes mesmo depois de seu falecimento. Ele é o rei do Pop.



Porém, hoje com a mídia das plataformas digitais e redes sociais, príncipes estão sendo moldados, e eles não vêm do Ocidente, mudando a polarização do jogo. A Ásia vem com força conquistando seu espaço dentro da cultura Pop, lançando a Hallyu, a Onda Pop Coreana. E a boyband BTS é o embaixador do movimento, já podendo ser comparado a Michael Jackson e Beatles em questão de mover multidões,

como seu fã clube internacional, o ARMY. O grupo de 13 anos de formação já discursou na ONU e representa a voz de uma geração que descentraliza o Pop de um produto exclusivo estadunidense ou ocidental.

A cultura Pop, somado ao avanço tecnológico das mídias, permitiu que o mundo se abrisse e as fronteiras nacionais e idiomáticas não fossem mais limitadores de consumo. Se assistem séries asiáticas em streamings com legenda ou dubladas, e se criam novos símbolos e referências pelas redes sociais, com amigos e contatos virtuais que se conectam pelo interesse em comum. Isso é Pop: democratizar o consumo. Seria impressionante o que Michael Jackson faria com Instagram e YouTube nos dias de hoje!

Hoje, o Ocidente, tão potente na indústria Pop, está com concorrentes à altura: Coreia do Sul em uma onda gigante arrasta consigo a China com artistas e séries, Bollywood no cinema, e as produções turcas similares às novelas. O Oriente surfa no momento em que o mundo o descobre tão rico culturalmente. Porém, essa cultura deve se moldar para ser consumida. E nem tudo cabe nas prateleiras da sociedade. Filtros existem, nem tudo passa e alcança o público.

Ainda assim, é notável como o Pop se “desocidentalizou” e abraçou, como bom empresário, vender algo novo para um mercado que outrora estava saturado, e agora descobre um público sedento por algo inédito. Bom, o Oriente tem entregado isso ao Ocidente, sem perspectiva de cair no esquecimento (perpetuando mais uma característica do Pop: sua longevidade).



PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião)
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI



CULTURA

Quando o tempo ganha personalidade



Por Alexandre Câmara
COLUNISTA

Alexandre Câmara é doutorando em Ciência da Informação pela UFPB, onde pesquisa cultura visual e xilogravura popular nordestina na perspectiva da Representação da Informação. Mestre em Comunicação Social e bacharel em Design, escreve a partir das relações entre arte, imagem, memória, linguagem e cultura popular.

@camara1004

É próprio do ser humano nomear, comparar e atribuir qualidades às coisas. Existem carros velozes, cachorros bravos, comidas irresistíveis e paisagens melancólicas. Curiosamente, fazemos exatamente o mesmo com algo que ninguém jamais viu ou tocou: o tempo. É comum dizermos que o dia está pesado, que a semana passou voando, que determinado mês nunca termina ou simplesmente comemorarmos porque... “sextou!”. Também não estranhamos dizer que o tempo cura todas as feridas e que ele também é o senhor da razão. Naturalizamos a ideia de que o tempo possui humor, velocidade, intenções e até caprichos. Sem perceber, deixamos de tratá-lo apenas como uma unidade de medida e passamos a tratá-lo quase como uma personagem.

Um dos exemplos mais curiosos dessa tendência talvez seja o calendário. Para nós, janeiro costuma representar recomeços e expectativas. Junho acende as fogueiras, celebra encontros e aquece tradições. Dezembro encerra ciclos e convida aos balanços da vida. Porém, dentre todos os meses, poucos receberam uma identidade tão marcante quanto agosto.

Sua chegada costuma despertar cautela, adiar decisões e negócios importantes e até protelar casamentos. Se algo inesperado acontece, não tarda alguém comentar: “Tinha que ser em agosto”. Como um simples intervalo de trinta e um dias acabou cercado por uma fama tão persistente?

Talvez a resposta diga menos sobre o calendário e mais sobre a maneira como compreendemos o próprio tempo.

Desde a Antiguidade, filósofos tentam defini-lo. Aristóteles relacionava o tempo ao movimento: só o percebemos pelas transformações do mundo. Sem tais mudanças, o próprio conceito de tempo perderia seu significado.

Séculos depois, Santo Agostinho resumiria esse paradoxo em uma das passagens mais conhecidas da filosofia. Segundo ele, todos sabem o que é o tempo — até que alguém lhes peça para defini-lo. O que parecia evidente torna-se, de repente, uma das ideias mais difíceis de explicar.

Immanuel Kant propôs outra perspectiva. Para ele, o tempo não é algo que descobrimos na experiência, mas uma condição necessária para que qualquer experiência seja possível. Em outras palavras, não observamos primeiro o tempo para depois compreender o mundo;

é justamente porque nossa percepção já está organizada temporalmente que conseguimos compreender os acontecimentos.

Apesar das diferenças entre essas interpretações, todas convergem para um mesmo ponto: o tempo resiste às definições simples. Ele organiza nossa existência, orienta nossas memórias, alimenta expectativas e marca transformações, mas continua invisível. Nunca o vemos diretamente. Percebemos apenas seus efeitos. Talvez por isso, diferentes culturas tenham buscado representá-lo por meio de imagens, símbolos e narrativas. Dar forma ao invisível sempre foi uma maneira de torná-lo compreensível.

Mircea Eliade ajuda a ampliar essa reflexão. Em O Mito do Eterno Retorno, mostra que muitas sociedades tradicionais compreendiam o tempo como um movimento cíclico. Grandes acontecimentos eram constantemente reatualizados por meio de festas, rituais e celebrações. O passado não permanecia distante; voltava continuamente ao presente. Em vez de uma linha reta conduzindo ao futuro, o tempo era vivido como um ciclo permanente de renovação.

Essa percepção ajuda a explicar por que, ainda hoje, fazemos mais do que medir o tempo: nós o revestimos de significado. As estações, os feriados, as festas e as lembranças transformam

o calendário em algo que ultrapassa a simples contagem dos dias, que passa a funcionar como um mapa afetivo da experiência humana.

Paul Ricoeur leva essa reflexão um passo adiante. Em Tempo e Narrativa, defende que o tempo vivido só adquire sentido quando é organizado em histórias. Narrar não significa apenas relatar acontecimentos em sequência; significa dar sentido à passagem do tempo. É por meio da narrativa que ligamos passado, presente e futuro, transformando experiências dispersas em memória compartilhada.

Talvez seja justamente nesse ponto que o calendário deixe de ser apenas calendário. Os meses passam a carregar lembranças, expectativas, símbolos, frustrações e afetos. Deixam de representar simples intervalos cronológicos para habitar o imaginário coletivo. É nesse momento que o tempo, silenciosamente, ganha personalidade. E poucos meses representam isso tão bem quanto agosto.

Como toda boa lenda, sua reputação não nasceu de um único acontecimento, foi sendo construída aos poucos. Ditados populares, fatos históricos, crenças religiosas, coincidências e experiências pessoais acabaram sedimentando uma imagem que atravessou gerações. O curioso é que sua força independe da comprovação dos fatos — ela sobrevive porque continua sendo repetida.

A literatura percebeu esse fenômeno com rara sensibilidade. Em Os desgostos de agosto, Moacyr Scliar transforma a má fama do mês em matéria-prima para uma deliciosa ironia. A rima entre “agosto” e “desgosto” já parece suficiente para condená-lo. O autor brinca com a ideia de que seus trinta e um dias oferecem mais oportunidades para o azar, lembra que agosto ficou conhecido como o mês dos cães rabugentos e observa que, enquanto os demais meses colecionam festas e comemorações, restou a agosto o trabalho duro e a fama de anunciar más notícias.

O humor de Scliar funciona porque reconhecemos imediatamente esse personagem. Não rimos de agosto, mas da facilidade com que atribuímos personalidade a um simples período do calendário. Ao exagerar deliberadamente a superstição, o escritor revela justamente o

mecanismo que a mantém viva: não é agosto que produz o azar; somos nós que continuamos alimentando sua reputação.

Talvez esse seja o destino de muitas ideias que atravessam a cultura. Em determinado momento, elas deixam de sobreviver pelas provas e passam a sobreviver porque são compartilhadas. O ano realmente começa apenas depois do Carnaval? Janeiro demora mais do que os outros meses? Dezembro passa mais depressa? Nenhuma dessas afirmações descreve objetivamente o tempo. Elas descrevem a forma como o experimentamos através da linguagem. Humanizamos aquilo que, por definição, é impessoal e abstrato para torná-lo compreensível por meio das narrativas.

Não contamos apenas histórias que acontecem no tempo; contamos histórias sobre o próprio tempo.

Transformamos uma convenção cronológica em símbolo — não porque os dias tenham mudado, mas porque mudaram os sentidos que passamos a atribuir a eles.

E agosto continuará despertando curiosidade, mesmo entre os céticos. Seu lugar no imaginário brasileiro fez dele um personagem repleto de virtudes, defeitos, exageros e contradições.

Ao preenchermos o calendário com as nossas lembranças, medos, perdas, celebrações e esperanças, acabamos emprestando personalidade ao tempo. Passamos a vida dizendo que o tempo passa, quando, na verdade, somos nós que o atravessamos. O calendário permanece silencioso, indiferente às nossas alegrias e tristezas. Somos nós que lhe damos voz, temperamento e memória. Afinal, talvez, ao falar da personalidade do tempo, estejamos apenas descrevendo a nossa própria.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026”

O Teatro Clássico em um Mundo de Entretenimento Rápido



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinamentos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

Em uma época marcada pela velocidade, pela fragmentação da atenção e pela busca constante por estímulos imediatos, o teatro clássico parece ocupar um lugar paradoxal. Enquanto plataformas digitais disputam cada segundo do olhar do público com vídeos curtos, algoritmos personalizados e conteúdos descartáveis, peças escritas há séculos continuam sendo encenadas em palcos de todo o mundo. Shakespeare, Sófocles, Molière e Tchekhov permanecem vivos não por nostalgia, mas porque tratam de conflitos humanos que

atravessam gerações. A questão que se impõe não é se o teatro clássico ainda tem lugar na contemporaneidade, mas como preservar sua força sem submetê-lo às lógicas do consumo instantâneo.

O teatro sempre exigiu do espectador algo que poucos meios de comunicação podem atualmente: tempo. No tempo cronológico de uma apresentação está contido o tempo da escuta, da contemplação e da elaboração das emoções. Em vez de oferecer respostas prontas, uma peça clássica convida o público a habitar dúvidas. O silêncio entre duas falas, um gesto contido ou uma pausa cuidadosamente construída podem carregar mais significado do que uma sequência de imagens frenéticas. Essa experiência, justamente por desacelerar o ritmo da percepção, tornou-se ainda mais valiosa.

Pesquisas conduzidas pelo Royal National Theatre, no Reino Unido, mostram que o contato com o teatro produz benefícios que extrapolam a esfera cultural. Estudos desenvolvidos pela instituição apontam ganhos relacionados ao desenvolvimento da empatia, da capacidade de concentração e da reflexão crítica, especialmente entre jovens. Assistir a uma peça significa compartilhar um mesmo espaço físico com atores e espectadores, participando de uma experiência coletiva que dificilmente pode ser reproduzida por telas individuais. Em um mundo cada vez mais mediado por telas e dispositivos digitais, essa dimensão humana torna-se essencial à manutenção das emoções.

Ao mesmo tempo, seria ingênuo ignorar as dificuldades enfrentadas pelas artes cênicas. O crítico teatral Michael Billington, ao analisar a

crise dos palcos em The Decline of the American Theater, observa que a competição com formas de entretenimento mais rápidas e comercialmente agressivas transformou profundamente os hábitos culturais do público. A lógica do consumo privilegia produtos que exigem pouco esforço interpretativo e oferecem gratificação imediata. Nesse cenário, o teatro corre o risco de ser visto como uma experiência lenta ou excessivamente intelectualizada.

Entretanto, responder a esse desafio não significa simplificar os clássicos ou reduzir sua complexidade para competir com as redes sociais. Quando adaptações eliminam ambiguidades, aceleram artificialmente os diálogos ou transformam tragédias em mero espetáculo visual, frequentemente sacrificam aquilo que torna essas obras duradouras: sua capacidade de provocar reflexão. A permanência dos clássicos nunca dependeu da facilidade, mas da profundidade.

Manter o teatro relevante exige outra estratégia. Em vez de alterar radicalmente os textos, é possível renovar as formas de mediação entre obra e público. Debates após as apresentações, programas educativos, oficinas, materiais digitais de contextualização histórica e aproximações com questões contemporâneas ajudam o espectador a compreender que os conflitos encenados podem promover a catarse e auxiliar na manutenção do equilíbrio emocional. A ambição de Macbeth, o clímax de Oteló, a rebeldia de Antígona ou a ironia de Dom Juan continuam reconhecíveis porque falam de paixões, escolhas éticas e dilemas que permanecem atuais, como em todos os bons textos canônicos.

Também é necessário ampliar o acesso. O

uso criterioso das tecnologias pode fortalecer, e não enfraquecer, a experiência teatral. Transmissões de espetáculos, registros audiovisuais, plataformas educacionais e conteúdos produzidos para preparar o público antes da apresentação funcionam como portas de entrada para novos espectadores. A tecnologia não precisa substituir o palco; pode conduzir até ele.

Há ainda um aspecto frequentemente esquecido: o teatro é uma arte da presença. Diferentemente do cinema ou do conteúdo digital, cada apresentação é única. O improviso no palco, a reação da plateia e a energia compartilhada entre atores e espectadores fazem parte da obra. Essa singularidade desafia a lógica da reprodução infinita característica do ambiente

virtual. Em uma sociedade acostumada a repetir o mesmo vídeo incontáveis vezes, o teatro oferece algo irrepetível.

Talvez seja justamente essa experiência que explique sua permanência ao longo dos séculos. O teatro clássico não sobrevive porque resiste ao tempo, mas porque continua dialogando com ele. Em vez de disputar espaço na corrida pela atenção imediata, sua força está em oferecer aquilo que o entretenimento rápido dificilmente proporciona: a possibilidade de desacelerar, pensar e reconhecer, no drama alheio, aspectos fundamentais da própria condição humana.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026”

FILOSOFIA

O Filósofo Educador Arthur Schopenhauer: Análise e Interpretação Nietzscheana



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/07/2026"

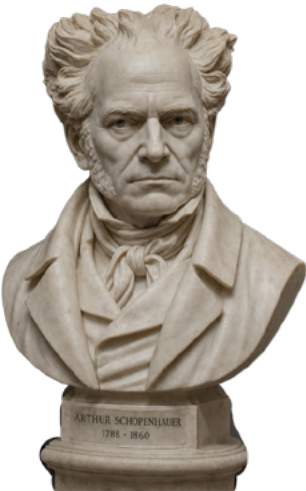


Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

“Nietzsche reinterpreto o pensamento schopenhaueriano, transformando a “vontade de viver” em sua própria “vontade de poder” e propondo a autossuperação como princípio educativo.”



Arthur Schopenhauer (1788–1860), conhecido por sua filosofia pessimista e por enfatizar a vontade como a força fundamental do mundo, provou ser influente para Nietzsche, que o considerava um verdadeiro “educador filosófico”. Foi o pessimismo filosófico de Schopenhauer que disse a Nietzsche que o homem tinha que cessar a busca pelo significado metafísico de sua vida e lidar com a natureza trágica da mesma. Nietzsche identificou em Schopenhauer o arquétipo do verdadeiro mestre e a articulação do gênio que a educação deve buscar como uma instância de formação humana para os jovens. Mais do que a ideia, foi a atitude filosófica de Schopenhauer que atraiu Nietzsche. Em suma, os temas da vida a vontade de viver contra a vontade de não viver, a felicidade em seu estado mais sublime, o sofrimento contra o tédio são os fios condutores da filosofia e do pensamento de Schopenhauer. Seu pensamento é baseado na experiência vivida; não é um produto do conhecimento, mas uma expressão vital. O sistema filosófico introduzido por Schopenhauer busca não somente explicar como o universo está organizado, mas responder à questão do sofrimento e, mais especificamente, ao fato de que não há justificativa para sua existência. Schopenhauer foi, para Nietzsche, o epitome do pensador livre que não se esquivaria de questões sobre o certo ou errado ou o modo correto ou incorreto de viver, que não poderia ser amarrado aos ditames do que se acreditava ser certo pelos outros.

A perspectiva nietzschiana vê em Schopenhauer o papel de inspirador/provocador, em virtude de defender o cultivo de seres autônomos e criativos, em vez da reprodução sem sentido de sistemas de crenças aceitos. Desta forma, proporcionando autoeducação, uma educação externa que consistiria em emancipação existencial, com o ponto final na maturidade, fecundidade e desenvolvimento harmonioso no ser humano. Nietzsche seleciona Schopenhauer como seu guia ideal porque vê nele três características principais: sinceridade, serenidade e firmeza. Ao fazer isso, ele permite que Schopenhauer se distancie do perfil típico do “acadêmico erudito”, preocupado em agradar instituições e adquirir prestígio.

Schopenhauer dizia que os eruditos são aqueles que leram coisas nos livros, mas os pensadores, os gênios, os fâcos de luz e promotores da espécie humana são aqueles que as leram diretamente no livro do mundo. Nietzsche encontra em Schopenhauer alguém que não buscava aprovação; que não se submetia ao sistema, que deliberadamente quebrava os limites esperados dos acadêmicos. É precisamente por essa razão que Schopenhauer serve, para Nietzsche, como um mestre eleito: um personagem cuja independência intelectual

e coragem de pensar por si mesmo inspiram admiração ao seu próprio trabalho em filosofia. O filósofo elege Schopenhauer como seu grande professor, porque somente a filosofia proporciona ao homem um asilo que nenhuma tirania pode alcançar (Nietzsche, 1999, p. 8). Nietzsche identifica três modelos idênticos de homem, como o homem de Rousseau, que personifica o espírito de rebanho e que acreditava que a civilização corrompe o humano; como o homem de Goethe, um revolucionário contemplativo que perdeu seu ideal quando Fausto se torna um servo e deixa de ser livre; e como o homem de Schopenhauer, para quem, segundo Nietzsche, é o humano por essa medida puro no ideal: ele aceita o sofrimento voluntariamente em sua busca pela verdade e grandeza presentemente e não busca a felicidade, mas simplesmente uma vida heroica. Portanto, vê em Schopenhauer a figura que sempre admirou como o herói homérico. Para ele, é o filósofo que é o super-homem: alguém que enfrenta perigos, transcende a si mesmo e que é um libertador, um educador. É uma das contribuições de Nietzsche, finalmente, é a ideia de uma educação na qual é o que o indivíduo constrói em uma gama mais ampla de outras capacidades, sendo mais reflexiva e, portanto, em certo sentido, sensível e menos alienada do conhecimento.

Nietzsche então via Schopenhauer como um educador e um mestre, e assim como um mestre que havia formulado uma crença no que constitui a essência a filosofia que ele desde então trouxe à luz não estava preocupada com “sua substância”, mas sim com a “vontade” e, portanto, uma visão do mundo como parte dela.

Nietzsche via Schopenhauer como um “educador” e um “mestre”, criador de uma filosofia que via a “vontade” como essência do mundo, e abriu caminho para uma percepção filosófica que olhava além das aparências. Sempre invocando

Schopenhauer, parece expressar a gratidão pelo mestre que, ironicamente, lhe abriu o caminho para superá-lo; retratando o filósofo como um modelo de integridade intelectual alguém que vive com suas próprias ideias e assim sugere uma educação enraizada na autenticidade e na busca por uma cultura mais elevada.

Um formador nesta perspectiva é um modelo de ética, de estética, de política, de seriedade frente ao conhecimento científico e à cultura em geral. É, também, um modelo prático de didática e de profícuo desempenho técnico-pedagógico. Mas, paradoxalmente, um modelo para ser superado, não para ser copiado. É uma pedagogia que exige uma tarefa interminável, quer dizer, a autoformação, a educação de si próprio continuamente.

Nietzsche adotou a visão de Schopenhauer de que, no fundo, o mundo é movido por uma vontade cega e irracional. Contudo, ao invés de permanecer nesse pessimismo, ele a reinterpretou radicalmente: transformou a “vontade de viver” schopenhaueriana em sua própria “Vontade de Poder”, uma força ativa, criativa e afirmativa da vida.

Entretanto, o que mais se destaca em Nietzsche sobre Schopenhauer é a exigência constante e imperiosa da autossuperação como uma das máximas fundamentais para a formação do homem. Não estar contente consigo próprio como se é, sem condescender à preguiça ou ao narcisismo, modos próprios de ser do homem contemporâneo, além de outros. Portanto, quem tem consciência do que é a vida não se espantará por saber que a formação e a educação são uma atividade interminável e intransferível.

Schopenhauer foi para Nietzsche o modelo do filósofo que irrompeu contra seu tempo, e

por ter sido o avesso da cultura alemã, seria o educador que iria educar o próprio Nietzsche a irromper contra seu tempo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"

FILOSOFIA

A Filosofia do Belo na Arte: Aristóteles vs. Kant

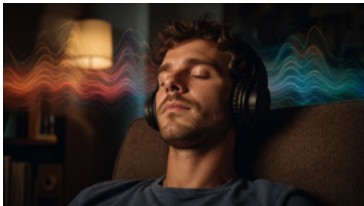


Por Drika Gomes
COLONISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional. @drikagomes_psique



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatCPT Image 2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"



Por que algumas obras de arte parecem atravessar a alma humana de forma tão profunda? Por que certas músicas provocam lágrimas sem que entendamos exatamente o motivo? O que existe em uma pintura, em um poema ou em uma melodia capaz de interromper, ainda que por alguns instantes, o ruído do mundo dentro de nós?

Desde a antiguidade, filósofos tentam compreender o que é o belo e por que ele exerce tamanho impacto sobre a experiência humana. Afinal, a beleza seria uma característica da própria obra... ou nasceria dentro daquele que a contempla?

Entre os pensadores que mais influenciaram essa discussão estão Aristóteles e Immanuel Kant. Separados por séculos, ambos ofereceram visões profundas e bastante diferentes sobre a arte, a beleza e a emoção humana.

Para Aristóteles, a beleza estava ligada à harmonia, à proporção e à ordem. O filósofo grego acreditava que o ser humano reconhece naturalmente padrões organizados como

agradáveis porque existe uma espécie de inteligência estrutural no universo. Na arte, isso se manifesta no equilíbrio das formas, no ritmo, na simetria e na coerência entre as partes e o todo.

Mas Aristóteles não via a arte apenas como contemplação estética. Para ele, a arte possuía função emocional e transformadora. Em sua análise sobre a tragédia grega, surge o conceito de catarse: a capacidade da arte de provocar uma purificação emocional. Ao assistir uma tragédia, o indivíduo experimentava medo, compaixão, dor e reflexão, reorganizando emoções internas através da experiência artística.

De certa forma, Aristóteles compreendia algo que hoje a neurociência também começa a revelar: a arte modifica estados mentais.

Uma música pode desacelerar o sistema nervoso. Um filme pode despertar memórias profundas. Uma pintura pode induzir contemplação. O belo, nesse sentido, não seria apenas algo "bonito", mas algo capaz de reorganizar a experiência humana.

Talvez seja por isso que civilizações inteiras sempre utilizaram arte, música e símbolos como instrumentos de conexão emocional e espiritual. A beleza nunca ocupou apenas o campo do entretenimento. Ela sempre esteve associada ao mistério, à transcendência e ao sentido da existência.

Séculos depois, Kant amplia essa discussão de maneira revolucionária.

Enquanto Aristóteles associava a beleza à harmonia objetiva das formas, Kant desloca a experiência do belo para dentro do observador. Em sua obra Crítica da Faculdade do Juízo, o filósofo afirma que o belo não existe apenas no objeto, mas nasce da relação subjetiva entre a obra e quem a contempla.

Para Kant, algo é belo quando produz um prazer desinteressado. Ou seja: admiramos não porque aquilo possui utilidade prática, mas porque desperta uma sensação livre de contemplação. O belo suspende, por instantes, as exigências do mundo.

É como quando ouvimos uma música e, por alguns segundos, o tempo parece parar.

Ou quando observamos uma obra de arte e sentimos algo impossível de explicar racionalmente.

Kant entendia que a experiência estética toca uma dimensão profunda da consciência humana. O belo não precisa servir para nada. Seu valor está justamente na experiência sensível que provoca.

E talvez seja exatamente por isso que a arte continue sendo tão necessária em uma sociedade exausta.

Vivemos em um tempo acelerado, funcional e hiperestimulado, onde quase tudo precisa gerar produtividade, resultado ou performance. A arte resiste a essa lógica. Ela nos devolve pausa,

contemplação e presença.

Em meio ao excesso de estímulos digitais, a experiência estética se torna quase um ato de resistência emocional. Sentar para ouvir uma música com profundidade, contemplar uma pintura ou ler poesia sem pressa passou a ser algo raro. E justamente por isso, profundamente terapêutico.

A arte desacelera o cérebro.

Ela reorganiza a atenção, suaviza o estado de alerta e permite que o indivíduo volte a sentir. Talvez o belo seja uma das poucas experiências capazes de lembrar o ser humano de que ele não nasceu apenas para produzir, correr e sobreviver, mas também para contemplar.

Aristóteles nos ensinou que o belo organiza.

Kant nos mostrou que o belo desperta.

E entre organização e despertar, a arte continua sendo uma das experiências mais profundamente humanas que existem.



Comparativos

"Aristóteles e Immanuel Kant"

A disputa intelectual entre Aristóteles e Immanuel Kant define os dois grandes eixos da estética ocidental: a beleza como uma propriedade do objeto versus a beleza como uma experiência do sujeito.



1. Aristóteles: A Estética da Objetividade:

Para Aristóteles, a beleza é uma questão de estrutura e proporção. Ela existe "lá fora", no mundo físico, e pode ser medida e analisada racionalmente.

O Belo como Ordem: Um objeto é belo se possuir simetria, ordem (taxis) e uma dimensão que permita ser apreendido pela visão de uma só vez.

Mimese e Verdade: A arte é uma imitação da natureza que revela verdades universais. Ela tem uma função pedagógica e social, purificando as emoções do público (Catarse).

Ponto Forte: Oferece critérios claros e objetivos para avaliar a qualidade técnica e a harmonia de uma obra.



2. Immanuel Kant: A Estética da Subjetividade

Kant revolucionou a área ao afirmar que a beleza não está na coisa em si, mas no sentimento de quem a observa.

Juízo de Gosto: O belo é o que agrada universalmente sem a necessidade de um conceito lógico. É uma resposta emocional, não um cálculo matemático.

Desinteresse: A verdadeira apreciação estética deve ser livre de interesses práticos (não importa se o objeto é útil ou caro, apenas como ele afeta sua sensibilidade).

Livre Jogo: A beleza nasce do equilíbrio harmonioso entre a nossa imaginação e o nosso entendimento ao contemplar uma forma.

Ponto Forte: Valoriza a liberdade individual e a experiência emocional única de cada ser humano diante da arte.

MÚSICA, CIÊNCIA E EMOÇÕES PARA TRANSFORMAR VIDAS.

NEUROCIÊNCIA, MÚSICA E CONSCIÊNCIA A SERVIÇO DA REGULAÇÃO EMOCIONAL E DO BEM-ESTAR.

DRIKA GOMES

NEUROCIENTISTA DA MÚSICA
PSICANALISTA
HIPNOTERAPEUTA

CRIADORA DO

NeuroMusic®



Unindo neurociência, música e profundidade terapêutica, Drika Gomes desenvolve métodos e experiências que promovem autoconhecimento, regulação emocional e expansão da consciência. Bem-vindo ao universo **NeuroMusic®**.

CONTEÚDOS, PROJETOS E EXPERIÊNCIAS



LIVRO

Coisas que a gente faz e põe tudo a perder
Reflexões profundas sobre escolhas, padrões e transformação.



NEUROMUSIC EXPERIENCE®

Imersão ao vivo que ativa emoções, expande a consciência e promove transformações reais.



JORNADA DA ALMA

Processo terapêutico profundo para cura emocional, ressignificação e reconexão com a sua essência.



RÁDIO NEUROMUSIC®

Rádio online 24h com músicas e conteúdos que nutrem, acolhem e elevam a consciência.



YOUTUBE OFICIAL

Vídeos, aulas, entrevistas e conteúdos exclusivos para inspirar e transformar.



INSTAGRAM OFICIAL

Conteúdos diários sobre neurociência, música, emoções e consciência. Conecte-se!

PROGRAMA ALQUIMIA DA MENTE



Programa de desenvolvimento emocional que integra ciência, música e terapias para reprogramar a mente, regular emoções e criar uma vida com mais equilíbrio, clareza e propósito.



ACESSE O PORTAL OFICIAL E ENTRE NO UNIVERSO NEUROMUSIC®
www.drikagomes.com.br



ARTIGOS E CONTEÚDOS EXCLUSIVOS



AGENDA DE ATENDIMENTOS E EVENTOS



LIVROS E E-BOOKS



IMERSÕES E PROJETOS



E MUITO MAIS DO UNIVERSO NEUROMUSIC®

EDUCAÇÃO

O Paradoxo da Tecnologia na Educação: conectar-se por telas ou pelo olhar?



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

A presença constante das telas transformou de forma decisiva o aprendizado, a convivência e a atenção dos estudantes. Nos últimos anos, celulares deixaram de ser apenas ferramentas de comunicação para ocupar um espaço central na vida cotidiana de crianças e adolescentes. Nesse cenário tecnológico, o Brasil passou a discutir leis que restringem o uso de aparelhos eletrônicos nas escolas, reacendendo um debate essencial: a hiperconectividade realmente aproxima os indivíduos?

Em janeiro de 2025, foi sancionada a lei nº 15.100/2025 que proíbe o uso de celulares em todas as escolas públicas e privadas da Educação Básica no Brasil. A restrição vale para aulas e intervalos. Essa medida resulta do aumento da dispersão em sala de aula e da dificuldade de concentração entre estudantes. Professores relatam uma disputa constante entre o conteúdo pedagógico e o fluxo ininterrupto de notificações, vídeos curtos e redes sociais. A lógica imediatista das plataformas digitais altera a maneira como os jovens lidam com o tempo, com a leitura e com a construção do pensamento crítico. Em consequência disso, atividades que exigem atenção prolongada passaram a encontrar maior resistência no ambiente escolar.

Nesse contexto, a restrição das telas não deve ser interpretada apenas como uma medida disciplinar, mas como uma tentativa de recuperar a função humana da escola. A educação não se limita à transmissão de conteúdos: ela depende de convivência, diálogo, escuta e formação emocional. O contato visual, as conversas espontâneas e a participação coletiva fazem parte da experiência educativa. Entretanto, tornou-se comum observar estudantes fisicamente próximos, mas emocionalmente isolados em seus próprios universos digitais.

O paradoxo contemporâneo torna-se evidente: nunca estivemos tão conectados virtualmente e, ao mesmo tempo, tão distantes se considerarmos as relações sociais presenciais. Estudos recentes apontam que o uso excessivo das telas está associado ao aumento de ansiedade, irritabilidade, distúrbios do sono, depressão e dificuldades de foco entre crianças e adolescentes. Pesquisas também relacionam a exposição digital ao agravamento de sintomas semelhantes ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), além do crescimento de comportamentos compulsivos ligados às redes sociais e aos jogos eletrônicos.

A própria Organização Mundial da Saúde reconheceu, na CID-11, o chamado gaming disorder, transtorno relacionado ao uso compulsivo de jogos eletrônicos. Especialistas alertam ainda para o crescimento da chamada dependência digital, caracterizada pela incapacidade de controlar o tempo de uso das telas, irritação diante da ausência do celular e



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/07/2026"

prejuízos nas relações sociais e acadêmicas. Além disso, estudos recentes investigam fenômenos como a "síndrome da fadiga digital", marcada por exaustão mental, dificuldade de concentração e sobrecarga cognitiva decorrentes do excesso de estímulos tecnológicos.

Diante desse cenário, diversos países passaram a adotar políticas de restrição ao uso de celulares nas escolas. O objetivo dessas medidas não é negar a importância da tecnologia, mas impedir que ela substitua experiências fundamentais para o desenvolvimento humano. Afinal, nenhuma tela consegue reproduzir plenamente o olhar atento, a escuta verdadeira e a convivência coletiva que fazem parte da experiência escolar.

Além das evidências e do senso comum, estudos da UNESCO e da OECD indicam

que a tecnologia continuará presente no futuro da educação. Torna-se, portanto, impossível rejeitar os avanços tecnológicos. É evidente que as ferramentas digitais possuem grande potencial pedagógico. Nesse sentido, o verdadeiro desafio da educação contemporânea consiste em estabelecer limites saudáveis para que a tecnologia não comprometa a capacidade de concentração, reflexão e interação humana. Afinal, em meio ao avanço das tecnologias, uma urgência consiste em preservar aquilo que nenhuma inovação consegue substituir completamente: a presença humana.

Saúde mental nas escolas: o novo desafio da educação contemporânea

A saúde mental nas escolas deixou de ser um tema secundário e passou a ocupar o centro das preocupações educacionais. O aumento de casos de ansiedade, depressão, bullying, violência escolar e esgotamento emocional entre estudantes e professores mostra que a escola já não pode ser vista apenas como espaço de transmissão de conteúdo. Ela também precisa funcionar como ambiente de acolhimento, prevenção, escuta e proteção.

O artigo destaca que o sofrimento psíquico interfere diretamente no processo de aprendizagem. Alunos emocionalmente abalados têm mais dificuldade de concentração, convivência e rendimento escolar. Professores sobrecarregados, por sua vez, enfrentam desgaste crescente, o que afeta a qualidade do ensino e o clima institucional. Assim, a saúde mental aparece não só como questão individual, mas como fator estrutural da educação contemporânea.

Outro ponto central é o papel das redes sociais. Elas intensificam comparações, reforçam padrões irreais de sucesso e beleza, estimulam a busca por validação e ampliam a pressão emocional sobre crianças e adolescentes. Em muitos casos, conflitos digitais transbordam para a escola, agravando tensões, exclusões e episódios de violência. O ambiente virtual, portanto, passou a influenciar de forma decisiva o comportamento dentro da sala de aula.

O texto também defende a educação socioemocional como ferramenta pedagógica essencial. Ensinar empatia, autorregulação, escuta, respeito e resolução de conflitos não é um complemento opcional, mas uma necessidade para formar estudantes mais preparados para a vida em sociedade. Essa abordagem fortalece vínculos, reduz a agressividade e ajuda a construir um ambiente escolar mais saudável e produtivo.

Ao mesmo tempo, o artigo chama atenção para o fato de que os professores precisam de apoio real. Não basta exigir deles sensibilidade e equilíbrio diante de tantas pressões. É necessário oferecer formação adequada, suporte psicológico, equipes multiprofissionais e políticas institucionais consistentes. Sem isso, o risco é transformar o educador em alguém obrigado a absorver problemas complexos sem meios de resposta.

A escola, nesse cenário, surge como espaço estratégico de proteção e transformação. Quando estruturada com cuidado, ela pode identificar sinais de sofrimento cedo, encaminhar casos graves, fortalecer vínculos e criar uma cultura de bem-estar. Mais do que ensinar disciplinas, a escola contemporânea precisa também ensinar a conviver, a sentir e a pedir ajuda.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/07/2026"

EDUCAÇÃO

A beleza da arte de debuxar nas escolas atuais



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

"O desenho das letras com regularidade e precisão, não é apenas uma prática antiga, mas um exercício de disciplina, atenção e formação intelectual."



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/07/2026"

Aprender a desenhar as letras com caligrafia regular e legível sempre fez parte da educação escolar. Essa é a "arte de debuxar", em que a beleza, a precisão e regularidade da escrita manual provam a sólida formação intelectual. Muito antes do advento das telas, a caligrafia representava um exercício de disciplina, concentração e refinamento cultural. No entanto, os tradicionais cadernos de caligrafia desapareceram de grande parte das escolas na sociedade brasileira. Há alguma perda com o abandono dessa prática?

Essa pergunta que reflete a preocupação com a escrita manual não é recente. Em Portugal, um dos mais importantes registros da tradição caligráfica é a obra Nova Escola para Aprender

a Ler, Escrever e Contar (1722), de Manuel de Andrade de Figueiredo. Considerado um dos primeiros grandes manuais pedagógicos da língua portuguesa, o livro dedicava extensa atenção ao ensino da escrita, apresentando modelos de letras e orientações para o desenvolvimento de uma caligrafia clara e elegante. A escrita era entendida como parte fundamental da educação e da participação social.

Nas últimas décadas, entretanto, mudanças pedagógicas e tecnológicas alteraram esse cenário. A popularização dos computadores, tablets e smartphones levou muitas escolas a priorizarem o letramento digital, reduzindo o tempo destinado ao treino sistemático da escrita manual. Além disso, métodos de ensino passaram a enfatizar a

produção de sentidos e a comunicação escrita, relegando a caligrafia a um papel secundário.

Pesquisas recentes indicam que a escrita manual continua desempenhando funções importantes no desenvolvimento infantil. A pesquisadora britânica Rosemary Sassoon, autora de Handwriting and Education, argumenta que a caligrafia envolve muito mais do que a estética da letra. Trata-se de uma atividade complexa que integra coordenação motora fina, percepção visual, planejamento dos movimentos e automatização de gestos gráficos.

A neurociência tem reforçado essa perspectiva. Um estudo publicado em 2024 por pesquisadores da Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia demonstrou que escrever à mão ativa redes neurais mais amplas do que a digitação, especialmente aquelas relacionadas à memória e à aprendizagem. Os resultados sugerem que a formação das letras por meio do movimento favorece a consolidação do conhecimento e o processamento cognitivo.

Outras investigações, como as conduzidas pela American Educational Research Association (AERA), apontam que estudantes que desenvolvem fluência na escrita manual tendem a produzir textos mais extensos e complexos, uma vez que a automatização dos movimentos reduz a sobrecarga cognitiva durante a escrita. Em outras palavras, quando o aluno não precisa concentrar seus esforços na formação das letras, consegue dedicar mais atenção às ideias que deseja expressar. Será verdade?

Além dos benefícios intelectuais, a caligrafia contribui para o desenvolvimento das habilidades motoras finas, essenciais para diversas atividades acadêmicas e cotidianas. A escrita manual exige controle muscular, coordenação entre olhos e mãos e organização espacial, competências que se desenvolvem progressivamente durante a infância.

Isso significa que devemos abandonar as tecnologias digitais? Certamente, não! O desafio contemporâneo consiste em equilibrar a tradição com a inovação. A escrita digital é indispensável no mundo atual, mas não precisa substituir completamente a escrita manuscrita. Práticas como diários de leitura, anotações à mão, produção de cartas, exercícios de desenho de letras e atividades artísticas podem reintroduzir a caligrafia de forma significativa e contextualizada.

Nesse sentido, práticas como o lettering demonstram que a arte de debuxar continua despertando interesse nas novas gerações, unindo estética, coordenação motora e identidade visual. Cabe, portanto, às escolas equilibrar tradição e tecnologia nos processos de alfabetização.



RESENHA LITERÁRIA

O Apanhador no Campo de Centeio - J.D. Salinger

Por J.B Wolf



FAZER DOWNLOAD

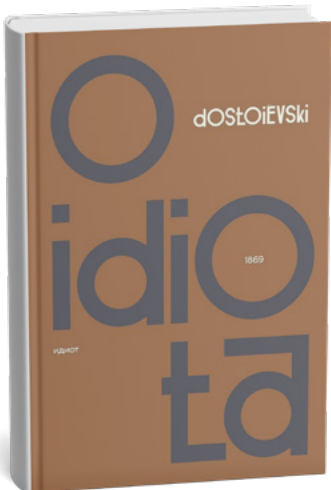
Salinger apresenta um retrato cru e honesto da luta interna de Holden, destacando sua profunda sensação de desilusão com o mundo adulto, que ele vê como hipócrita e insensível. A jornada de Holden por Nova York, em busca de um lugar onde possa se sentir em casa, é um reflexo angustiante e comovente do desejo universal de conexão e compreensão.

A prosa de Salinger é marcada por um estilo coloquial e introspectivo que captura perfeitamente a voz de Holden, tornando suas experiências e pensamentos palpáveis e autênticos. A narrativa é repleta de momentos de humor e tristeza, oferecendo uma visão complexa e empática da mente de um jovem perturbado.

"O Apanhador no Campo de Centeio" é uma obra que continua a ressoar com leitores de todas as idades, oferecendo uma profunda reflexão sobre a vulnerabilidade humana e a dificuldade de encontrar um sentido no mundo. É um romance que não só entretém, mas também provoca uma introspecção sobre as próprias esperanças e angústias.

O Apanhador no Campo de Centeio", de J.D. Salinger, é um clássico da literatura americana que captura a turbulência da adolescência e a complexidade da busca por identidade. Narrado em primeira pessoa por Holden Caulfield, um jovem de 16 anos que foi expulso de sua escola preparatória, o romance explora temas de alienação, rebeldia e a transição para a idade adulta.

"O idiota de Fiódor Dostoiévski"



FAZER DOWNLOAD

O idiota é uma das obras mais comoventes de Fiódor Dostoiévski. Abstrusa para os contemporâneos do escritor, mas atual e compreensível para quem a conhecer em nossos dias, ela conta a história de um jovem aristocrata russo que se atreve a defender o sublime ideal humanista numa sociedade regida pelas leis do livre comércio. Ovelha negra da alta-rodada de São Petersburgo, o príncipe Míchkin é tachado de idiota em virtude das suas qualidades morais e acaba perdendo de fato o juízo. Sua imagem de mártir e visionário, inspirada na do magnífico Dom Quixote de Cervantes, fica interiorizada pelo leitor; seu trágico fim leva-o a perguntar a si mesmo onde termina a loucura e começa a santidade do protagonista e, conseqüentemente, a repensar o próprio conceito daquilo que pode ser objeto de compra e venda no conturbado âmbito das relações humanas. Revisão técnica e notas da tradução por Oleg Almeida (escritor e tradutor bielorrusso).

CURIOSIDADES

A fascinante história do Trem Fantasma: Mito ou Realidade?



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

Muito além do suspense. Presente em lendas ferroviárias e em parques de diversão, o Trem Fantasma atravessa gerações como uma imagem que reúne medo, memória e entretenimento. Entre o sobrenatural e o susto encenado, a atração segue viva no imaginário popular, inclusive em festas tradicionais do Nordeste, nas festividades juninas.

Nos parques de diversão, o Trem Fantasma ganhou outra forma e outro destino: o entretenimento. O conceito remete às antigas atrações conhecidas como dark rides, popularizadas entre o fim do século XIX e o início do século XX e, ainda hoje, presentes em parques de vários países. No Brasil, diferentes lugares já abrigaram versões desse brinquedo. Entre os exemplos mais lembrados estão o Parque Guanabara, em Minas Gerais; o Parque Marisa, em São Paulo; e o Beto Carrero World, que mantém experiências imersivas de terror, como o Portal da Escuridão.

Para a ciência, os relatos de trens fantasmas podem ser explicados por fenômenos naturais mal interpretados, pela força da sugestão ou pelo peso da memória coletiva. Para muitos, no entanto, o enigma resiste. Há quem jure ter visto luzes sobre os trilhos, ouvido apitos na madrugada ou sentido o chão vibrar com a passagem de um trem que jamais chega à estação. É nesse cruzamento entre medo, lembrança e imaginação que a lenda permanece viva. Alimentada por acidentes históricos, depoimentos orais e pelo fascínio humano diante do inexplicável, ela continua a ocupar um lugar duradouro no imaginário popular.

Trem Fantasma junino no Maior São João do Mundo, em Campina Grande (PB)

No universo das festas juninas, o Trem Fantasma também encontrou espaço para se reinventar. Em Campina Grande, no contexto do Maior São João do Mundo, a atração já apareceu adaptada ao imaginário do folclore brasileiro, reunindo personagens como Cumadi Fulozinha, Caipora, Boitatá, Lobisomem, Vaqueiro Misterioso e Saci. A proposta transforma o susto em celebração cultural e aproxima o brinquedo de tradições e narrativas profundamente enraizadas no Nordeste.

Nessa versão, o visitante embarca em um percurso curto, cercado por cenografia, fumaça, iluminação e trilha sonora, enquanto encontra figuras lendárias transmitidas pela tradição oral. Mais do que um brinquedo, a experiência

funciona como porta de entrada para um repertório de histórias que atravessa gerações.

Em alguns casos, a atração é acompanhada de material explicativo sobre as lendas apresentadas no trajeto, reforçando seu caráter educativo e ampliando o vínculo entre entretenimento e cultura popular.

O Trem Fantasma e a nostalgia dos parques de diversão

Os parques de diversão atraem. Neles, famílias, crianças e amantes da aventura com adrenalina encontram um território onde luz, música, velocidade e fantasia se combinam para produzir experiências intensas. Mais do que simples passatempo, esses espaços acionam memórias, despertam sentidos e transformam o lazer em espetáculo compartilhado.

Entre mito e memória, o Trem Fantasma consolidou-se como uma das imagens mais nostálgicas dos parques de diversão. Para muitos, ele guarda o susto da infância; para outros, o encanto das atrações clássicas que marcaram as décadas de 1980 e 1990. Em sua forma mais conhecida, o brinquedo conduz os visitantes em minicarros por corredores escuros, povoados por monstros, múmias, vampiros e criaturas com vasto repertório do imaginário popular.

Em João Pessoa, o Trem Fantasma costuma integrar o parque de diversões montado no Parque Solon de Lucena, durante a Festa de Nossa Senhora das Neves. A celebração, além de homenagear a padroeira, marca o aniversário da capital paraibana e, tradicionalmente, ocupa o calendário da cidade entre o fim de julho e o dia 5 de agosto.

Na infância e na adolescência, eu me sentia irresistivelmente atraída por esse tipo de diversão, feito de sustos, suspense e expectativa. Mesmo cercado de carrosséis e rodas-gigantes, o Trem Fantasma sempre me parecia uma atração à parte. Havia nele algo que mobilizava até a imaginação dos adultos: bastava entrar no carrinho, sobre trilhos, para começar uma breve travessia no escuro, por um castelo povoado de monstros, fantasmas, múmias e outras criaturas ameaçadoras. Eu demorava a entrar, porque sabia que enfrentaria o medo do escuro e a sensação de que, a qualquer momento, alguém poderia puxar meu cabelo, segurar minha perna ou me arrancar do carrinho. A música alta aumentava o suspense; as mãos começavam a suar e, quando o trem partia, eu já me sentia envolvida por um medo sem forma, acompanhado de um frio na barriga. No percurso, surgiam os fantasmas, e a única certeza era a de que os sustos só terminariam quando o trenzinho parasse. O alívio vinha com a luz da saída, meu e de tantos

outros que desciam dali entre risos, tensão e encantamento.

Quando a viagem termina, o corpo ainda guarda um leve sobressalto, mas a memória já começa a filtrar o medo e a transformá-lo em diversão. Fica à vontade para esperar que o próximo parque seja montado, e para reunir coragem para embarcar outra vez.

Entre a memória e as emoções

Entre a assombração e a brincadeira, o Trem Fantasma atravessa o tempo como imagem viva do imaginário popular. Seja nos trilhos da lenda, seja nos carrinhos dos parques de diversão, ele continua a mobilizar emoções antigas: o medo do desconhecido, o fascínio pelo mistério e a alegria nervosa de quem encara a escuridão sabendo que, ao final, restará uma cativante história para contar. Talvez por isso nunca desapareça por completo, porque, mais do que uma atração ou uma narrativa de terror, o Trem Fantasma é também uma memória coletiva em movimento.

Como uma atração que mistura medo, memória, nostalgia e cultura popular. Entre lendas ferroviárias, parques de diversão e festas juninas do Nordeste."



IMAGEM GERADA POR IA “usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/07/2026”

PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

CURIOSIDADES

A Sinfonia da Alma: como ordens religiosas desvendam o poder curativo do som muito antes da ciência

CURIOSIDADES
- Leia o artigo completo no Site



IMAGEM GERADA POR IA “usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/07/2026”

POR
The Bard News, Redação

“Hoje a neurociência confirma que essas práticas influenciam o sistema nervoso autônomo, reduzem o estresse e fortalecem laços sociais.”

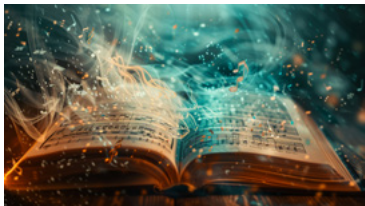


Durante séculos, a religião tratou o som como ponte entre o corpo e o invisível. Em mosteiros, abadias, templos e retiros espirituais, cânticos repetidos, mantras, salmódias e coros não serviam apenas para ornamentar a fé. Eles organizavam o tempo, disciplinavam a respiração, unificavam a comunidade e, muitas vezes, produziam uma experiência subjetiva de calma, concentração e transcendência. Hoje, com a neurociência e a psicologia do estresse avançando sobre temas antes reservados à espiritualidade, cresce o interesse por uma pergunta antiga: haveria, por trás do silêncio sagrado e da repetição sonora, um efeito real sobre o corpo e a mente?

A resposta mais honesta é que sim, mas com nuances. A ciência contemporânea já reconhece que determinadas práticas sonoras podem influenciar a respiração, a frequência cardíaca, a atenção, o nível de estresse e até marcadores fisiológicos ligados ao bem-estar. Isso não significa que cânticos e frequências tenham poderes milagrosos nem que curas instantâneas possam ser atribuídas ao som. Significa, porém, que as tradições religiosas podem ter intuitivamente descoberto um mecanismo poderoso muito antes de a linguagem científica existir para descrevê-lo.

Em várias culturas, o som sempre foi mais do que arte. No cristianismo medieval, especialmente nas ordens monásticas, o canto gregoriano ganhou status de disciplina espiritual. Suas linhas longas, cadência livre e ausência de virtuosismo instrumental criavam uma atmosfera de reco-

lhimento. Em vez de excitar, o canto parecia acalmar. Em vez de impor velocidade, induzia lentidão. A repetição, a melodia monofônica e o ambiente acústico das igrejas de pedra ajudavam a prolongar a reverberação e a mergulhar os fiéis em uma experiência de escuta mais profunda.



Não era por acaso que arquitetos e religiosos davam tanta importância ao espaço. As grandes catedrais europeias, com arcos altos, naves extensas e superfícies duras, funcionavam como câmaras de ressonância. A voz se espalhava, retornava, pairava no ar. O efeito não era apenas estético. Em contextos de baixa iluminação, ritos demorados e pouca distração visual, o som preenchia o ambiente e ajudava a produzir estados de atenção concentrada. Para os monges, isso fazia parte da oração. Para a ciência atual, pode ser descrito como modulação da excitação fisiológica e indução de relaxamento.

Em tradições orientais, o princípio era semelhante, embora com outras linguagens. No budismo, no hinduísmo e em outras correntes contemplativas, a repetição de mantras é usada para focar a mente, reduzir dispersão e ancorar a atenção em um padrão sonoro estável. O valor do mantra não está apenas em seu significado literal. Está também na vibração produzida pela repetição ritmada, na cadência respiratória e na concentração que ela exige. Em práticas de japa, dhikar e outras formas de vocalização meditativa, o som se torna uma técnica de atenção.

Esse ponto é importante porque ajuda a separar ciência de crença. Quando praticantes falam em energia, alinhamento ou ressonância espiritual, estão descrevendo experiências vividas e sistemas simbólicos legítimos. A ciência, por sua vez, consegue medir alguns efeitos associados: menor ativação do sistema de estresse, sensação subjetiva de tranquilidade, melhora de foco e redução de ruminação mental. O que ela ainda não pode fazer, com a mesma segurança, é confirmar alegações mais amplas sobre cura de doenças complexas ou reparação de DNA por frequências específicas. Essas hipóteses circulam em ambientes de bem-estar, mas carecem de validação robusta e consistente.

Ainda assim, o campo da musicoterapia e da pesquisa em neurociência do som oferece indícios sólidos de que o corpo responde ao ambiente acústico de modo significativo. Ritmos lentos podem favorecer a desaceleração fisiológica. Vocalizações repetidas podem sincronizar respiração e reduzir a atividade associada ao alerta. Canto coletivo pode reforçar vínculos sociais e diminuir a sensação de isolamento. Mesmo a experiência de ouvir música de modo contemplativo já foi associada, em diferentes estudos, à redução de ansiedade e à melhora do humor em alguns contextos clínicos.

Há também uma dimensão neurológica menos visível, mas igualmente relevante. Práticas sonoras repetitivas podem ajudar a interromper a ruminação, aquele ciclo mental de pensamentos repetidos que costuma acompanhar ansiedade, estresse e sofrimento emocional. Quando a mente se ocupa de um padrão sonoro estável, há menos espaço para a espiral do excesso de pensamento. É uma lógica simples, mas poderosa: a repetição organizada do som ocupa o lugar do ruído interno. Por isso tantas tradições insistem na recitação, no canto e na escuta disciplinada.

O interesse contemporâneo por esses efeitos levou o tema para além dos claustros e dos centros espirituais. Hospitais, clínicas de reabilitação e consultórios têm incorporado práticas ligadas à musicoterapia em apoio a tratamentos convencionais. Não se trata de substituir medicamentos ou terapias clínicas, mas de usar o som como ferramenta complementar. Em alguns ambientes de cuidado, música calma e ritmada ajuda pacientes a relaxar antes de procedimentos. Em outros, a participação em atividades sonoras contribui para aliviar o desconforto emocional em quadros de ansiedade, dor crônica e estresse.

Essa redescoberta moderna, porém, deve ser acompanhada de cautela. Há uma tendência crescente de transformar qualquer prática sonora em promessa terapêutica universal. Isso é um erro. Nem todo som cura, nem toda frequência faz o que a publicidade promete. A popularização de conceitos como frequências “mágicas” e tons capazes de “harmonizar células” costuma misturar ciência real com linguagem mística de consumo rápido. Em vez de rejeitar o tema, o jornalismo responsável deve separar o que é observado experimentalmente do que pertence ao campo da crença ou do marketing.

Mesmo assim, o fascínio persiste porque a experiência humana do som é profunda. Ao contrário de outras formas de estímulo, o som atravessa o corpo. Ele não é apenas ouvido, é

sentido. Vibra no peito, altera a percepção de espaço, modifica o ritmo da respiração e molda a atenção. Quem já participou de um coro, assistiu a uma liturgia cantada ou permaneceu em silêncio dentro de uma igreja com boa acústica sabe que o som pode produzir efeitos difíceis de reduzir a números. O que as ordens religiosas compreenderam, talvez sem fórmulas laboratoriais, foi que a repetição sonora organizada é capaz de criar um ambiente interno e externo de recolhimento.

A arquitetura reforçou esse efeito. Mosteiros e templos não eram apenas cenários da prática sonora, mas instrumentos dela. Corredores longos, abóbadas, pedras frias e espaços vazios aumentavam a reverberação e davam à voz uma espécie de prolongamento sagrado. Em vez de competir com o som, o ambiente o amplificava. Isso criava uma experiência sensorial total, na qual o praticante não apenas ouvia, mas era envolvido pelo som. É uma tecnologia antiga, simples e sofisticada ao mesmo tempo.

Há, inclusive, uma dimensão social nesse uso. O som compartilhado organiza o grupo. Quando uma comunidade canta junto, respira junto e repete a mesma sequência de palavras, produz uma forma de sincronização coletiva. Essa sincronização pode reforçar pertencimento, disciplina e confiança mútua. Em tempos de fragmentação social, não é surpreendente que muitos busquem novamente essas práticas, ainda que em versões laicizadas, como corais, meditação guiada e sessões de escuta terapêutica.

O desafio contemporâneo é não transformar esse legado em superstição nem desprez-lo como mera curiosidade folclórica. As ordens religiosas podem não ter falado em neurotransmissores, sistema nervoso autônomo ou variabilidade da frequência cardíaca, mas observaram efeitos que hoje começam a ser descritos com precisão científica. Em vez de opor fé e ciência, talvez o mais correto seja reconhecer que a fé

preservou, por séculos, uma prática cuja racionalidade só agora começa a ser compreendida em outra linguagem.

Isso não significa que o som substitua tratamento médico, psicoterapia ou mudanças concretas de vida. Significa que ele pode ser um aliado real, sobretudo quando integrado a práticas mais amplas de cuidado. O canto, o mantra, o coral, o silêncio entre as notas e a atenção à respiração podem compor uma ecologia de bem-estar que atue sobre estresse, foco e sensação de presença. O valor disso é enorme, especialmente em um mundo marcado por excesso de estímulo, pressa e dispersão.

No fundo, a história do som sagrado é a história de uma intuição humana persistente: a de que vibração, repetição e escuta podem reorganizar não apenas o ambiente, mas o próprio estado interior. Talvez seja por isso que essas práticas sobreviveram a impérios, reformas religiosas, revoluções tecnológicas e ceticismos de toda ordem. Elas tocam em algo elementar. Antes de ser linguagem de fé, o som é linguagem do corpo. Antes de ser doutrina, é ritmo. Antes de ser explicação, é experiência.

E é justamente essa experiência que explica sua permanência. Em tempos em que a ciência reconhece cada vez mais a relação entre atenção, respiração, emoção e fisiologia, o legado sonoro das tradições religiosas deixa de parecer um enigma místico e passa a ser visto como uma herança sofisticada de cuidado humano. Nem milagre, nem ilusão. Apenas uma forma antiga e surpreendentemente atual de lembrar que ouvir, em certos contextos, também é uma maneira de curar.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/07/2026”

COMPORTAMENTO

A História dos Provérbios: Pequenas Sentenças, Grandes Valores

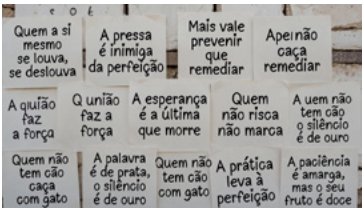


Por Alexandre Câmara
COLUNISTA

Alexandre Câmara é doutorando em Ciência da Informação pela UFPB, onde pesquisa cultura visual e xilogravura popular nordestina na perspectiva da Representação da Informação. Mestre em Comunicação Social e bacharel em Design, escreve a partir das relações entre arte, imagem, memória, linguagem e cultura popular.

@camara1004

"Os provérbios são fórmulas curtas que condensam gerações de experiência, moral e humor."



A voz do povo é a voz de Deus." O velho dito popular reivindica para si autoridade, certeza e a força do conhecimento coletivo. De boca em boca, os provérbios atravessam gerações e surgem não apenas como verdades incômodas ou tiradas bem-humoradas, mas também como palavras de alento, fé e esperança. São pequenas sentenças que parecem chegar sempre na hora exata: resumem uma situação, oferecem um conselho, lançam uma advertência ou devolvem ao mundo uma ironia que, muitas vezes, nenhum discurso longo alcançaria com a mesma precisão.

Certamente você já ouviu alguma dessas pílulas de sabedoria aplicadas no momento certo por avós, pais, tios ou professoras da escola. Minha avó, por exemplo, encerrava qualquer conversa sobre alguém que fracassou na vida



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/07/2026"

com provérbios como "quem tudo quer, nada tem" ou "da pataca do miserável, o diabo tem um vintém e dez réis", enquanto contava os pontos do seu crochê.

Mas, afinal, o que é um provérbio? Em termos simples, trata-se de um enunciado breve, sonoro e relativamente estável, capaz de fazer sentido por si só. Sua força está em dizer muito com pouco: em fórmulas curtas, memoráveis e fáceis de reconhecer. Por meio delas, uma comunidade preserva conselhos, observações, advertências e modos de ver o mundo no ritmo da fala cotidiana.

A origem dos provérbios se perde no tempo. Eles brotam da vida prática, de acontecimentos históricos, mitologias, reverências religiosas e também dos campos das ciências, das letras e das artes. Filósofos e sábios da Antiguidade recorreram a eles como forma de transmitir conhecimentos e princípios morais. A palavra provérbio possui pelo menos duas acepções: pro (favor) + verbium (palavra), isto é, "a favor da palavra"; e pro (em vez de) + verbo (palavra de Deus), "palavra a serviço de Deus", o que sinaliza, segundo o professor João Ribeiro Júnior (1986), uma possível origem religiosa do termo. Já Latuf Isaias Mucci (2009) o define como uma fórmula breve e memorável na qual uma comunidade condensa experiência, conselho e visão de mundo. A ciência que se dedica ao estudo sistemático dos provérbios recebe o nome de paremiologia.

É impressionante a capacidade que os provérbios têm de atravessar o tempo. A repetição os fixa na memória, e a oralidade os dissemina. Como se ajustam a diferentes situações, também podem ser usados como recursos estratégicos de retórica, inclusive em sentidos opostos, como acontece nos chamados contraditados. Se alguém diz "Deus ajuda quem cedo madruga", outro pode retrucar, sem perder

o fôlego: "mas a pressa é inimiga da perfeição".

É bem verdade que atualizações como "cuspido e escarrado", em vez de "esculpido em Carrara", e "cor de burro quando foge", em vez de "corro de burro quando foge", podem alterar o sentido original da fórmula. Ainda assim, essas deformações mostram que o provérbio não desaparece: ele continua circulando, sendo ouvido, repetido e recriado, mesmo quando a memória coletiva já não conserva com precisão sua forma primeira.

A importância dos provérbios foi tão grande que eles chegaram a integrar materiais de alfabetização. Nas antigas cartas de ABC, como as de Laudelino Rocha e de Antônio Maria Marker, publicadas no Brasil por volta de 1924, respectivamente no Nordeste e no Sul, essas fórmulas apareciam como parte do conteúdo didático. Sua função, além de ensinar a ler, era também difundir valores morais.

Mais do que sobreviver ao tempo, os provérbios se mantêm porque carregam uma autoridade peculiar: a de um saber que parece já ter sido testado pela vida. Sua força não está em provar tudo racionalmente, mas em soar familiar, reconhecível e socialmente validado. Por isso, entram na conversa com facilidade, às vezes para abrir um assunto, às vezes para encerrá-lo de vez.

Se sua confiabilidade se apoia na experiência e nos conhecimentos socialmente partilhados, sua eficácia também depende de uma estrutura verbal precisa. Um bom provérbio costuma ser simples, direto e construído com palavras, personagens e situações facilmente reconhecíveis. Ele precisa funcionar por si só, sem depender de grandes explicações. É como uma boa piada: perde força quando precisa ser explicada.

Outro ponto interessante é a sonoridade. Cadência, repetição de sílabas e até de

palavras inteiras ajudam na memorização e no reconhecimento. Provérbios como "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura", "quem conta um conto, aumenta-lhe um ponto", "ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão" e "amigos, amigos, negócios à parte" são bons exemplos. Seu cérebro completou algum deles antes do fim da leitura? Aposto que sim.

A lógica dos provérbios, na maioria das vezes, se apoia na relação entre ação e consequência. Em muitos casos, parte-se do princípio de que determinadas atitudes tendem a produzir certos resultados, convidando à reflexão e orientando a conduta. Ao se apresentarem como uma espécie de regra geral sobre o funcionamento da vida, eles não se colocam necessariamente como verdades absolutas, mas como generalizações construídas pela experiência. O contraste entre opostos também aparece com frequência como forma de reforçar escolhas e valores, como em "antes só do que mal acompanhado", "o pior cego é aquele que não quer ver" ou "um dia da caça, outro do caçador".

Há ainda uma lógica de base religiosa muito evidente no livro bíblico de Provérbios. Nele, a sabedoria não depende apenas da experiência prática, mas se ancora na ideia de que "o temor do Senhor" é o seu princípio. Em outras palavras, compreender a vida de forma correta exigiria, antes de tudo, uma postura de reverência, respeito e reconhecimento da autoridade divina. Nesse caso, a sabedoria não aparece apenas como prudência cotidiana, mas como uma orientação de conduta fundada em uma base espiritual.

Embora tenham uma forma consagrada, os provérbios também vivem de reinvenções. No uso cotidiano, na publicidade, no jornalismo e nas redes sociais, eles podem ser parodiados, distorcidos ou reformulados para produzir humor, crítica ou surpresa. Quando alguém altera um dito conhecido, o efeito costuma

nascer justamente do reconhecimento da forma original. É essa tensão entre tradição e desvio que mostra como o provérbio, mesmo tão marcado pela repetição, continua sendo uma linguagem viva.

Nascidos na oralidade, os provérbios encontraram no ambiente digital novas rotas para sua circulação. Hoje, fórmulas breves, reconhecíveis e facilmente replicáveis encontram em mensagens de WhatsApp, memes, legendas, vídeos curtos e bordões um terreno fértil para se desenvolverem com velocidade. O suporte mudou, a lógica permanece: dizer muito com pouco, fixar-se pela repetição e ganhar força no reconhecimento coletivo.

Porém, nem todo meme é um provérbio, embora muitas formas atuais de expressão encontrem um lugar próximo a ele. Frases virais, bordões e reformulações irônicas condensam experiências, comentam comportamentos e funcionam como respostas prontas para situações do cotidiano; não raro, transformam excessos, contradições ou deslizes em pequenas cenas de justiça simbólica. Se antes o provérbio era transmitido como herança, hoje muitas dessas fórmulas circulam como tendência. Ainda assim, continuam respondendo à mesma necessidade humana de resumir o mundo em poucas palavras.

Talvez seja justamente por isso que os provérbios continuem tão vivos: porque não pertencem apenas à língua, mas à experiência compartilhada. Eles reaparecem na voz de quem aconselha, adverte, consola ou ironiza; atravessam cozinhas, quintais, salas de aula, feiras, conversas de família e, agora, também as telas iluminadas do cotidiano. Mudam de suporte, de ritmo e até de roupa, mas preservam sua vocação essencial: dizer muito com pouco, fixar-se pela repetição e devolver ao mundo, em forma breve, uma verdade, um riso, um alerta ou uma pequena justiça. Mais do que fórmulas antigas, os provérbios são sinais de uma inteligência coletiva que não se apaga, apenas encontra novas maneiras de circular.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



COMPORTAMENTO

Pequenos Atos de Bondade Que Transformam Comunidades



Por Sandra Santiago
COLUNISTA

Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo”.

@sandraassantiago

COMPORTAMENTO

- Leia o artigo completo no Site

necessidade de conhecer para discernir, escolher, fazer melhor, aprimorar o espírito humano. Parece estar na essência humana, a busca por um ideal de bem que o faça ser feliz, ainda que o sentido do que seja esse bem em si possa ser diferente a depender do olhar de cada um.

Para Aristóteles, assim como para Kant, o bem é o fim supremo da humanidade e dele deriva a felicidade, pois é guiada pela boa vontade em assim viver para si e para a coletividade. De modo análogo, para Sêneca, o bem é algo interior ao ser humano, mas, com expressão prática, se pauta no desenvolvimento das virtudes, portanto, pode ser visível na conduta humana. De modo geral, se percebe que, embora, tenham vivido em contextos diferentes, para Aristóteles, Sêneca e Kant, a razão é a faculdade humana fundamental para alcançar o bem.

Nessa direção, nos acochamos à concepção desses filósofos para defender que, são os Pequenos Atos de Bondade, possíveis de serem realizados por qualquer indivíduo, que levam à transformação da realidade e, certamente, à felicidade. No passado assim como hoje, sempre se buscou uma sociedade onde fosse possível viver no bem, onde se encontre a razão de existir e se alcance a felicidade. Fora disso, qualquer vida humana, quando refletida se torna vazia.

Dessa perspectiva, comportamentos que se pautam na ética, no respeito e na justiça seriam potencialmente capazes de conduzir ao bem. No dia a dia pode se dizer que o exercício da empatia, da gentileza, do respeito às diferenças, da colaboração e da doação (seja de recursos ou de tempo) são exemplos simples dos pequenos atos de bondade, que todos são capazes de ofertar e, ao mesmo tempo, todos podem necessitar, em algum momento de suas vidas. Portanto, o bem não está posto como ideia inalcançável, nem privilégio de alguns; é uma construção individual e coletiva. Quem não se sente bem ao ser cumprimentado, tratado com amabilidade, com carinho e respeito? Quem não fica feliz ao ser ajudado, quando necessita?

Com tal compreensão, se percebe que num mundo profundamente perturbado pelas desigualdades e injustiças, misérias e conflitos, os pequenos atos de bondade são necessários para a recuperação da esperança na humanidade e, portanto, nas instituições que organizam a vida social. Quando a humanidade está adormecida nas pessoas, ela precisa ser despertada, pois, do contrário, não há sonhar com um mundo melhor, com justiça, equidade, inclusão.

Sem negar as tramas sociais e os desafios de um mundo capitalista exacerbado e violento, qualquer sistema se realiza nas relações entre as pessoas, logo, está nelas o germe da indignação, do inconformismo, mas, sobretudo, o da produção de sentidos, ressignificação da vida e da transformação social. É preciso ofertar ao mundo o que se espera dele. Pessoas doentes constroem e sustentam um mundo doente, onde a destruição é o único destino possível. Sendo



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok”, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026”

assim, é urgente resgatar a dimensão humana em nós para que nos nossos pequenos atos de bondade reconstruamos o mundo. O bem existe no interior de cada um, por vezes, apagado pelas sombras, é verdade. Ainda assim, está lá, então, há esperança! Sonhos podem virar projetos e estes podem mobilizar pessoas e modificar a realidade. Foi assim com o Projeto Aponte.

O Projeto Aponte é uma ação social desenvolvida por um grupo formado por dez (10) voluntárias que oferecem atividades educativas para crianças pequenas (com e sem deficiências, transtornos do neurodesenvolvimento ou transtornos de aprendizagem). As atividades se realizam de segunda a sexta-feira, no turno da manhã, no bairro das Indústrias, região periférica de João Pessoa, na Paraíba, Brasil. Nesse projeto, as pessoas são voluntárias e se dividem conforme suas disponibilidades de tempo e de habilidades.

O Projeto Aponte não tem sede própria e, atualmente, funciona num espaço cedido por uma instituição espírita – a FEAk (Fraternidade Espírita Allan Kardec), com a qual se compromete em dividir as obrigações com o pagamento da energia, água, material de limpeza etc. Além disso, o projeto oferece às crianças: alimentação, material escolar, fardamento e acompanhamento nutricional, psicomotor, pedagógico e psicopedagógico. E, como o projeto não recebe nenhum tipo de ajuda financeira de instâncias públicas ou privadas, então, para se manter, criou o “Bazar Solidário”, um espaço que funciona uma vez por mês, no próprio espaço da FEAk.

O Bazar Solidário é uma estratégia que imprime o bem em suas múltiplas dimensões. Primeiro, porque ele recolhe itens os mais

diversos que seriam jogados no lixo, mas, que ainda estando em bom estado de conservação, podem ser aproveitados por outras pessoas por mais tempo. Para tanto, as voluntárias divulgam a ideia junto às pessoas amigas que passam a organizar suas doações mensais. Estas doações são recolhidas pelas voluntárias e levadas ao Projeto Aponte. Lá, são previamente analisadas e organizadas por categorias: adulto, infantil, masculino, feminino, cama, mesa, banho, praia, fitness etc. e vendidas a preços módicos (R\$ 0,50; 1,00 ou 2,00) tornando acessível à comunidade. E no segundo sábado de cada mês, o Bazar Solidário recebe a comunidade, para fazer suas compras. Os valores arrecadados contribuem diretamente na compra da alimentação das crianças ou material de higiene e limpeza e essas compras são feitas no próprio bairro, fazendo com que a economia circule ali mesmo, contribuindo com os pequenos comerciantes e ambulantes do bairro, inclusive, familiares das crianças atendidas.

Todos contribuem e todos usufruem da experiência de fazer o bem: quem doa, quem trabalha, quem compra. Quem doa é beneficiado, pois, encontra um destino melhor para itens que iriam para algum lixão, comprometendo o meio ambiente ou somente se acumulando em seus lares. Quem compra é beneficiado porque tem acesso a itens que não teria como adquirir numa loja. E também o Projeto Aponte se beneficia, pois, encontra os recursos para manter suas ações sociais e colabora com o aproveitamento de recursos duráveis. As crianças que recebem educação de qualidade, alimentação saudável, dignidade e atendimento as suas necessidades básicas de desenvolvimento. A comunidade do bairro das Indústrias que tem sua infância acolhida e sua economia local estimulada.

Como se pode ver, os pequenos atos de bondade não nasceram no interior de nenhuma grande multinacional, mas, da sensibilidade de algumas pessoas que se sentiram convidadas a fazer o bem. Da boa vontade emergente da alma humana (como diria Kant) de alguns, paulatinamente, se formou uma corrente positiva, onde todos são beneficiados de algum modo. Doando, divulgando, colaborando, comprando, cada um é absolutamente importante nesse movimento. Sem dúvida, é uma ação pequenina e talvez não represente muito a nível mundial. Mas, grandes ações só ocorrerão se houver esperança nas pequenas, afinal, a felicidade pode ser feita de pequenos momentos felizes.

Atos de Bondade são absolutamente necessários para nossa sobrevivência nesse planeta, bem como para a própria manutenção do planeta. Triste é reconhecer que eles são mais comuns em momentos de crise coletiva, nas tragédias ou catástrofes, geralmente, quando o desespero toma conta das pessoas, quando não adianta tão somente olhar para si. É, mais fácil nesses instantes, emergir dos seres, aquela humanidade perdida. Ai, a maioria compreende que não há “eu e o outro”; somos um todo, portanto, só existe “nós”. Gestos de solidariedade, de gentileza, de compaixão são contagiosos e nos convidam a sair da indiferença e construir o BEM maior. Como dizia Raul Seixas, na música “Prelúdio”, “sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só; mas, sonho que se sonha junto é realidade”.

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

ACESSE AQUI

COMPORTAMENTO

A Fadiga Digital: O Preço Oculto da Vida Hiperconectada



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)
@jeanetertuliano

Nunca estivemos tão conectados e, ao mesmo tempo, tão distantes de nós mesmos. Há um cansaço silencioso atravessando a nossa época, uma espécie de exaustão que não desaparece após uma boa noite de sono e que raramente encontra nome nas conversas cotidianas. Carregamos o mundo inteiro na palma da mão, mas parecemos cada vez menos capazes de sustentar a presença no instante que vivemos. O excesso de informação transformou-se em ruído, e o ruído, pouco a pouco, passou a habitar nossos pensamentos.

Vivemos cercados por notificações, mensagens, vídeos, notícias e opiniões. A cada minuto, algo novo exige nossa atenção. O problema não está apenas na quantidade de informações disponíveis, mas na velocidade com que elas nos alcançam e na incapacidade humana

de processá-las de maneira saudável. Enquanto a tecnologia avançou em ritmo vertiginoso, nosso cérebro permaneceu essencialmente o mesmo. Somos organismos biológicos tentando sobreviver em um ambiente digital que exige vigilância constante.

Essa hiperconexão tem produzido um fenômeno cada vez mais comum: a fadiga digital. Trata-se de um estado de esgotamento mental provocado pelo excesso de exposição às telas e ao fluxo incessante de informações. Estudos realizados em diferentes países apontam que o uso prolongado de dispositivos digitais está associado ao aumento dos níveis de estresse, ansiedade, dificuldades de concentração e alterações no sono. Submetido a estímulos contínuos, o cérebro permanece em estado de alerta por tempo demais. Descansar torna-se difícil. O silêncio passa a incomodar. Desconectar-se parece quase uma ameaça.

Para muitas pessoas neurodivergentes, essa realidade pode ser ainda mais intensa. Sensibilidades auditivas, visuais e cognitivas transformam a sobrecarga de estímulos em uma experiência particularmente desgastante. O que para alguns parece apenas uma rotina acelerada pode representar uma verdadeira invasão sensorial para outros. Sons, luzes, mensagens e imagens disputam espaço ao mesmo tempo. O sistema nervoso tenta acompanhar. O corpo sente o impacto.

Há também uma dimensão social desse problema. As redes prometiam aproximar pessoas, mas frequentemente produzem relações superficiais e fragmentadas. Conversamos com dezenas de indivíduos ao longo do dia, acompanhamos suas opiniões, conquistas e rotinas, porém muitas vezes desconhecemos o estado emocional daqueles que estão ao nosso lado. A comunicação tornou-se instantânea. O vínculo continua exigindo tempo, escuta e presença.

A filósofa Hannah Arendt defendia que pensar exige pausa. Talvez estejamos vivendo justamente a era da ausência da pausa. Uma nova informação surge antes mesmo que a anterior seja compreendida. Não há tempo para elaborar experiências, refletir sobre sentimentos ou atribuir significado ao que acontece. O resultado é uma sensação permanente de urgência. Corremos sem saber exatamente para onde. Produzimos, compartilhamos, reagimos e consumimos. Refletimos cada vez menos.

Sob essa perspectiva, a dependência digital emerge como um dos grandes desafios contemporâneos. Não se trata apenas de utilizar tecnologia, mas de sentir desconforto quando estamos longe dela. Muitas pessoas verificam o celular segundos após acordar e minutos antes de dormir. Outras experimentam ansiedade ao perceber que ficaram algum tempo sem acesso à internet. Aos poucos, a tecnologia deixa de ser uma ferramenta e passa a ocupar o papel de mediadora constante da realidade.

Paíra algo profundamente inquietante nessa condição. Somos a primeira geração capaz de acessar praticamente qualquer informação em poucos segundos e, ao mesmo tempo, uma das mais emocionalmente exaustas. Sabemos cada vez mais sobre o mundo e, por vezes, cada vez menos sobre nós mesmos. Conhecemos tendências globais, acompanhamos acontecimentos internacionais e seguimos centenas de perfis, mas frequentemente perdemos contato com nossos próprios pensamentos.

Nesse panorama, a desintoxicação digital surge não como uma rejeição à tecnologia, mas como uma tentativa de reconciliação com a própria humanidade. Estabelecer horários sem telas, desativar notificações desnecessárias, limitar o consumo de redes sociais e reservar momentos para atividades offline são práticas capazes de reduzir significativamente a sobrecarga mental. Caminhar, ler um livro físico, dedicar-se a um hobby ou simplesmente permanecer alguns

minutos em silêncio podem parecer gestos simples, mas representam formas concretas de recuperar a atenção fragmentada.

Também é necessário resgatar o valor do tempo de qualidade. Estar presente em uma conversa sem olhar para o celular, observar uma paisagem sem a necessidade imediata de registrá-la ou realizar uma atividade sem compartilhá-la nas redes sociais fortalece a sensação de pertencimento ao momento vivido. Nem tudo precisa ser publicado para existir. Nem toda experiência precisa ser transformada em conteúdo.

A maior tragédia da hiperconexão talvez seja ter nos convencido de que estar disponíveis o tempo todo significa estar próximos. Não significa. A verdadeira conexão exige profundidade, presença e reciprocidade, elementos que não podem ser acelerados por algoritmos. Somos seres humanos, não máquinas de processamento contínuo. Precisamos de intervalos. Precisamos de silêncio. Precisamos reaprender a ouvir a nós mesmos.



IMAGEM GERADA POR IA “usando magnific, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026”

Narcisismo Digital: A Vida como Espetáculo Permanente



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE

Poeta e Escritor
@poetajbwolf

A era das redes sociais mudou mais do que a forma de comunicar. Ela alterou a maneira como muita gente passa a se enxergar. Em vez de apenas viver, registrar e compartilhar, milhões de pessoas começaram a administrar a própria imagem como se estivessem sempre diante de uma plateia. Nesse cenário, o narcisismo digital não é apenas vaidade: é um modo de existência em que a identidade se confunde com a performance, e o valor pessoal passa a ser medido por curtidas, comentários e alcance.

O fenômeno tem raízes claras na arquitetura das plataformas. Redes sociais foram desenhadas para prender atenção, estimular retorno constante e premiar a exposição. Cada notificação funciona como uma pequena recompensa. Cada curtida reforça a sensação de validação. Cada compartilhamento sinaliza que a imagem construída teve efeito. Aos poucos, o usuário deixa de publicar apenas por comunicação e passa a publicar para confirmar a própria relevância.

Esse processo produz uma transformação silenciosa, mas profunda. O cotidiano deixa de ser vivido com espontaneidade e passa a ser filtrado pelo olhar alheio. A refeição precisa render foto, a viagem precisa virar postagem, o momento íntimo precisa ser convertido em conteúdo. O problema não está em registrar a vida, mas em submeter a vida inteira à lógica do registro. Quando tudo precisa ser exibido, a experiência perde densidade e se torna mercadoria emocional.

A comparação social é um dos motores mais corrosivos desse modelo. Ao navegar por perfis editados, iluminados e cuidadosamente selecionados, o usuário compara seus bastidores com os palcos alheios. Vê a dúvida, o cansaço e a frustração da própria rotina, mas observa apenas o recorte mais bonito da vida dos outros. O resultado é uma sensação crescente de insuficiência. A vida comum parece menor, menos interessante e menos digna de atenção.

Pesquisadores do comportamento já observam que esse ciclo pode intensificar sintomas de ansiedade, baixa autoestima e sofrimento emocional. Quando a validação externa se torna a principal régua de valor, a identidade fica instável. A pessoa passa a depender da resposta do público para se sentir confirmada. Se a postagem “vai bem”, há alívio. Se não engaja, surge frustração. O eu, nesse contexto, torna-se frágil e excessivamente sensível ao julgamento.

Há também um custo direto para as relações humanas. Em muitos encontros, a experiência real divide espaço com a necessidade de registrar tudo. Conversas são interrompidas por telas. Momentos afetivos são atravessados pela urgência de publicar. O presente, em vez de ser habitado, é constantemente convertido em material para consumo. Isso enfraquece a escuta, reduz a presença e empobrece vínculos que exigem tempo e atenção.

Outro efeito importante é a chamada tirania da positividade. Nas redes, tristeza, dúvida, vulnerabilidade e fracasso costumam ser escondidos ou suavizados. A imagem dominante é a da felicidade contínua, do sucesso sem esforço, da vida sem falhas. Essa pressão cria uma cultura de inautenticidade, em que emoções legítimas parecem inadequadas para circulação pública. O indivíduo aprende a editar não só fotos, mas também sentimentos.

Nesse ambiente, influenciadores digitais ocupam um papel central. Eles não apenas refletem o narcisismo digital; em muitos casos, o ampliam e o profissionalizam. Ao transformar a própria vida em produto, ajudam a consolidar o ideal de que visibilidade equivale a valor. Para as gerações mais jovens, isso pode reforçar a ideia de que existir é ser visto, e que a intimidade só ganha importância quando se transforma em conteúdo.

Em uma sociedade que valoriza a produtividade acima de quase tudo, desacelerar tornou-se um ato de resistência. Desconectar-se por alguns instantes não significa perder tempo; significa recuperar aquilo que o excesso de estímulos tenta nos roubar diariamente: a capacidade de sentir, refletir e existir com inteireza.

A solução não está em abandonar a tecnologia, mas em lembrar que ela foi criada para servir às pessoas, e não o contrário. Porque, no fim das contas, nenhuma notificação é mais urgente do que a necessidade humana de descansar. Nenhuma conexão virtual substitui o afeto real. E nenhuma tela, por mais brilhante que seja, conseguirá iluminar o vazio deixado por uma vida em que já não encontramos tempo para nós mesmos.

Em um mundo onde cada momento é uma potencial postagem, a vida se transformou em um espetáculo permanente, e o indivíduo, em seu próprio curador e protagonista. O narcisismo digital, impulsionado pela arquitetura das redes sociais, não é apenas uma busca por atenção; é uma reconfiguração profunda da identidade humana, onde o valor do ser é substituído pelo valor da exibição. Este artigo mergulha na tirania da comparação, na fragilidade da autoestima artificial e no custo emocional de uma performance ininterrupta. Exploraremos como a busca incessante por validação externa, a edição meticulosa da realidade e a pressão por uma positividade constante estão desfiando o tecido da autenticidade, deixando-nos com um "eu de vidro" que reflete mais a expectativa alheia do que a verdade interior.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/07/2026”



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

COMPORTAMENTO

O fim da Cortesia: A Civilização em Conflito com a Impaciência



Por Redação, The Bard News
JORNAL

@thebardnews

COMPORTAMENTO
- Leia o artigo completo no Site



A cortesia, durante muito tempo tratada como detalhe de educação doméstica ou formalidade de etiqueta, hoje revela sua verdadeira função civilizatória. Ela não existe apenas para embelezar a convivência; existe para torná-la possível. Quando alguém diz “por favor”, espera a vez na fila, segura a porta ou responde com calma a uma divergência, está praticando algo mais profundo do que boas maneiras. Está reconhecendo que o outro também ocupa o mundo. O que parece simples é, na verdade, um dos fundamentos invisíveis da vida em sociedade.

O problema é que esse fundamento vem sendo corroído pela cultura da impaciência. A aceleração da vida moderna, alimentada por tecnologia, hiperconectividade e pressão por produtividade, transformou a espera em intolerância e a frustração em irritabilidade permanente. A promessa era economizar tempo. O resultado, para muita gente, foi viver em estado de urgência contínua. Nesse ambiente, a cortesia passa a ser vista como perda de tempo, não como investimento na convivência.

A erosão da polidez não aconteceu de uma vez. Ela foi se impondo aos poucos, à medida que a vida cotidiana passou a ser organizada por prazos curtos, respostas imediatas e estímulos constantes. O celular vibra, a mensagem exige retorno instantâneo, o serviço não pode demorar, o trânsito precisa andar, o atendimento precisa ser rápido, a opinião precisa ser postada agora. Em pouco tempo, a civilidade começou a perder espaço para a lógica do atropelo. O outro deixou de ser presença e passou a ser obstáculo.

Esse movimento ajuda a explicar por que a grosseria se normalizou em tantos contextos. No trânsito, buzinas e gestos agressivos se tornaram parte do cenário urbano. No atendimento ao cliente, a impaciência aparece como tom de voz, impessoalidade e pouca disposição para escuta. No ambiente de trabalho, a pressão por entregas rápidas frequentemente apaga a delicadeza e reduz o colega a peça funcional. Nas redes sociais, a desinibição do anonimato facilita insultos que, no contato presencial, talvez jamais fossem ditos. Em todos esses casos, a pressa age como corrosivo silencioso da convivência.

A cortesia, no entanto, sempre foi mais do que um ornamento social. Estudos clássicos sobre civilização e etiqueta mostram que boas maneiras ajudam a regular conflitos e reduzir atritos entre desconhecidos. O sociólogo Norbert Elias, por exemplo, descreveu como os códigos de comportamento se sofisticaram ao longo da história justamente para conter impulsos imediatos e permitir a vida em coletividade. Em termos simples, a polidez funciona como uma tecnologia social de contenção. Ela cria pequenos rituais que diminuem a fricção entre pessoas diferentes e, por isso mesmo, sustenta a vida pública.

Quando esses rituais enfraquecem, a convivência perde previsibilidade. E a previsibilidade é essencial para a sensação de segurança social. Saber que o outro vai esperar sua vez, respeitar seu espaço, pedir licença e responder com alguma consideração reduz a tensão de interações banais. Sem isso, o cotidiano se torna mais hostil, mais desgastante e mais propenso a escaladas de conflito. A incivilidade não se resume ao momento do insulto. Ela mina o ambiente em que todos circulam.

A aceleração digital intensificou esse fenômeno. A comunicação instantânea acostumou as pessoas a esperar respostas no mesmo minuto, como se qualquer demora fosse desinteresse ou descaso. Aplicativos, entregas rápidas, feeds infinitos e notificações incessantes alteraram a percepção subjetiva do tempo. A espera passou a soar insuportável. A pausa, que antes fazia parte da vida, tornou-se quase uma afronta. Nesse cenário, a paciência deixou de ser uma virtude silenciosa e virou uma competência em extinção.

Essa mudança tem efeitos psicológicos importantes. A impaciência crônica aumenta a irritabilidade, reduz a tolerância à frustração e prejudica a empatia. Quando o cérebro se acostuma a respostas imediatas, qualquer interrupção é interpretada como perda. A pessoa passa a reagir ao entorno em modo defensivo, como se estivesse sempre sendo atrasada por alguém ou algo. O resultado é um estado de alerta que empobrece a vida emocional e contamina os vínculos. Pequenos contratempos ganham dimensão desproporcional. O semáforo demora, o caixa trava, a ligação cai, e a reação vem carregada de desdém ou hostilidade.

A neurociência ajuda a entender esse quadro sem simplificações excessivas. O sistema de recompensa do cérebro é sensível à expectativa de alívio ou prazer rápido. Quanto mais a vida se organiza em torno de estímulos instantâneos, mais difícil se torna sustentar a atenção em processos lentos e menos glamorosos, como ouvir, esperar, negociar e ceder. Não se trata de demonizar a tecnologia, mas de reconhecer

que ela reorganiza hábitos emocionais. Quando tudo se acelera, a civilidade perde o ritmo de seus gestos discretos.

A esfera pública é uma das maiores vítimas dessa transformação. Filas, transporte coletivo, repartições, escolas, hospitais e ruas exigem uma gramática mínima de convivência. Sem respeito ao tempo do outro, esses espaços se tornam arenas de disputa constante. A grosseria, então, se espalha por contágio. Um atendimento rude provoca outro. Uma resposta atravessada convoca retaliação. Um comentário agressivo no ambiente de trabalho contamina a equipe inteira. A impaciência, em vez de ser descarga momentânea, vira clima permanente.

No mundo digital, essa dinâmica se amplifica ainda mais. A ausência de contato direto reduz a percepção das consequências emocionais da fala. Isso facilita o que muitos chamam de desinibição online. Pessoas que não seriam agressivas face a face tornam-se duras, sarcásticas ou cruéis atrás de uma tela. O custo humano dessa prática é real: desgaste emocional, polarização, desconfiança e uma atmosfera em que o desacordo deixa de ser conversa e vira ataque. O espaço público digital, que poderia ampliar o debate, frequentemente reproduz a barbárie em versão rápida.

O custo da incivilidade não é apenas moral. É também econômico e institucional. Ambientes de trabalho marcados por grosseria e desrespeito sofrem com queda de produtividade, aumento de rotatividade e piora do clima organizacional. Equipes hostis colaboram menos, erram mais e adoecem com mais frequência. Instituições públicas e privadas perdem eficiência quando o atendimento é permeado por pressa e impaciência. A grosseria não economiza tempo. Ela o desperdiça, porque cria retrabalho, desgaste e conflito.

Há ainda um custo mais profundo, menos visível, mas talvez mais grave: o enfraquecimento da confiança social. Sem cortesia, a vida em comum fica mais cara emocionalmente. As pessoas passam a se proteger mais, a colaborar

menos e a presumir má-fé com maior facilidade. Esse cenário é tóxico para qualquer sociedade que pretenda ser democrática. Democracia não é apenas voto. É também a capacidade diária de conviver com diferenças sem transformar toda divergência em hostilidade.

Por isso, resgatar a cortesia não é nostalgia de um tempo idealizado. É uma necessidade contemporânea. E esse resgate não depende de grandes solenidades, mas de gestos pequenos e consistentes. Pedir licença, agradecer, escutar sem interromper, responder sem humilhar, reconhecer o esforço alheio, aceitar a lentidão ocasional da vida. Esses atos, embora simples, produzem efeitos concretos na qualidade do convívio. São formas de desarmar o ambiente e devolver à vida pública um mínimo de previsibilidade afetiva.

A educação tem papel central nesse processo. A cortesia não é inata; ela é aprendida, observada, repetida e reforçada. Crianças que crescem em ambientes de respeito tendem a reproduzir esse padrão em outros contextos. Por isso, a escola não deveria ensinar apenas conteúdos, mas também práticas de convivência. Isso inclui escuta, empatia, responsabilidade pela fala e respeito ao espaço do outro. Em tempos de polarização, formar cidadãos sem essas competências é preparar adultos incapazes de sustentar o próprio convívio social.

As famílias também continuam essenciais, ainda que sob enorme pressão do cotidiano. Em casas tomadas pela pressa, pela exaustão e pelo celular sempre ligado, a cordialidade costuma ser a primeira vítima. O que era conversa vira comando. O que era presença vira dispersão. O que era atenção vira impaciência. Recuperar a cortesia no espaço doméstico é, muitas vezes, o primeiro passo para reconstruí-la fora de casa.

Há quem veja nessas discussões apenas romantização do passado. Mas o ponto não é defender formalismos vazios ou hierarquias sociais envelhecidas. O ponto é outro: civilidade é infraestrutura. Sem ela, a vida social endurece.

Com ela, até a diferença se torna habitável. Uma sociedade pode ser moderna, tecnológica, eficiente e ainda assim profundamente rude. O progresso material, sozinho, não produz delicadeza. No máximo, acelera procedimentos. A cortesia continua sendo obra humana, não efeito automático da modernidade.

Também seria um erro imaginar que a gentileza é fragilidade. Em muitos contextos, ela exige mais coragem do que a agressividade. Ser cortês em ambientes hostis, manter a calma diante da provocação e respeitar alguém com quem se discorda requer disciplina emocional. A polidez, nesse sentido, é uma forma de força. Ela não elimina o conflito, mas impede que ele destrua a convivência.

O desafio, então, é reaprender a desacelerar sem abandonar a eficiência. É possível ser rápido sem ser brutal, objetivo sem ser seco, firme sem ser rude. A civilização depende justamente dessa capacidade de combinar competência com consideração. Quando isso se perde, não é apenas o bom humor que desaparece. Desaparece também a confiança básica que permite a milhões de estranhos compartilharem o mesmo espaço sem se tratarem como inimigos.

O fim da cortesia não é inevitável. Mas, para evitá-lo, será preciso reconhecer que a impaciência não é sinal de superioridade nem prova de produtividade. Em muitos casos, ela é apenas um sintoma de esgotamento cultural. A boa notícia é que a cortesia ainda pode ser retomada, gesto por gesto, palavra por palavra, encontro por encontro. Talvez esse seja o verdadeiro teste de uma civilização madura: não apenas avançar tecnologicamente, mas continuar capaz de tratar o outro com dignidade, mesmo quando tudo ao redor convida à pressa.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok”, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026”

SAÚDE & BEM-ESTAR

O Valor do Silêncio para a Saúde Mental e Espiritual



Por Drika Gomes
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro *Coisas que a gente faz e põe tudo a perder*. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

📷 @drikagomes_psique

Vivemos cercados por estímulos. Sons, notificações, conversas, vídeos curtos, músicas, opiniões e uma necessidade constante de produzir respostas imediatas. O cérebro moderno raramente descansa. E talvez uma das maiores epidemias emocionais da atualidade não seja apenas a ansiedade, mas a incapacidade de permanecer em silêncio.

O silêncio não é vazio. O silêncio é reorganização. Na neurociência, sabemos que o cérebro precisa de pausas para consolidar memórias, reorganizar emoções e regular o sistema nervoso. Quando permanecemos em estado contínuo de alerta e excesso de informação, a amígdala cerebral, estrutura relacionada ao medo e à vigilância — tende a permanecer hiperativada. Isso gera tensão interna, aceleração mental, irritabilidade e dificuldade de perceber a própria vida com clareza.



A person is sitting on a wooden bench in a park, looking up at a bright sunburst breaking through the trees. The scene is misty and atmospheric. A red cross icon is visible in the bottom right corner.

IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok sob a direção de JB Wolf. Criada em 27/07/2026”

ruído encobre: emoções reprimidas, intuições, dores não elaboradas e até partes esquecidas de nós mesmos.

O explorador e escritor Silence: In the Age of Noise, de Erling Kagge, reflete exatamente sobre isso: a dificuldade contemporânea de encontrar silêncio em uma era dominada pelo excesso de estímulos e pela hiperconexão. A obra mostra que o silêncio não é apenas ausência de barulho, mas uma experiência interna de presença e consciência.

O silêncio revela. Por isso, tantas pessoas evitam ficar sozinhas consigo mesmas. O excesso de estímulo virou uma anestesia emocional socialmente aceita. Rolamos telas para não sentir. Ligamos sons para não entrar em contato com o vazio interno. Mantemos a mente ocupada porque o silêncio, muitas vezes, obriga o encontro com perguntas que foram adiadas por anos.

E, paradoxalmente, é exatamente aí que começa a cura. Não se trata de abandonar o mundo, mas de criar espaços internos de pausa. Pequenos momentos sem excesso de informação

já podem modificar estados mentais. Caminhar sem celular, respirar em silêncio por alguns minutos, observar a natureza sem distrações ou simplesmente permanecer em quietude antes de dormir são práticas que ajudam o cérebro a recuperar equilíbrio emocional.

Pesquisas também indicam que momentos de silêncio favorecem relaxamento, criatividade e reorganização cognitiva. Alguns estudos sugerem inclusive que ambientes silenciosos podem estimular processos ligados à neuroplasticidade e ao desenvolvimento de novas conexões neurais.

E talvez uma das experiências mais profundas que tive com o silêncio não tenha acontecido em um retiro espiritual. Não foram dias de isolamento, não precisei subir nenhuma montanha e nem me confinei em um mosteiro. Descobri que o silêncio pode ser alcançado de forma muito mais simples.

Às vezes, basta uma música suave, instrumental, e permitir que o cérebro seja conduzido pelas ondas sutis daquele som até um estado de quietude interna.

Minha experiência aconteceu ouvindo River Flows in You, de Yiruma. As notas leves como plumas foram me envolvendo lentamente, até que senti como se realmente estivesse flutuando sobre um rio: calmo, sereno e doce. Meu corpo desacelerou. Minha respiração ficou mais profunda. E algo dentro de mim encontrou ordem.

Alcancei o silêncio ouvindo aquele som. Foi como entrar em um espaço interno onde os ruídos emocionais deixaram de gritar. Um estado de presença rara em tempos tão acelerados. Porque o silêncio nem sempre é ausência de som. Muitas vezes, o verdadeiro silêncio é a ausência de ruído interno.

O silêncio também reorganiza a espiritualidade. Ele reduz o ruído externo para que a consciência possa voltar a perceber significado, presença e profundidade. Em um mundo que valoriza velocidade, talvez o silêncio tenha se tornado um dos atos mais revolucionários da saúde mental contemporânea.

Porque algumas respostas não chegam no barulho. Chegam na pausa.



O silêncio atua como um regulador neurofisiológico. Momentos de silêncio reduzem a sobrecarga sensorial e permitem que o sistema nervoso parassimpático seja ativado. É esse sistema que induz estados de relaxamento, recuperação e sensação de segurança interna. Em outras palavras: o cérebro precisa de silêncio para sair do modo sobrevivência.

Relatórios da American Psychological Association apontam que a exposição contínua ao excesso de ruído aumenta níveis de estresse e impacta diretamente a saúde mental. Estudos mostram ainda que períodos de silêncio podem melhorar estados de humor, favorecer relaxamento profundo e ampliar a percepção do momento presente.

Mas existe também uma dimensão mais profunda. Em muitas tradições filosóficas e espirituais, o silêncio sempre foi visto como um portal de percepção. Não porque nele “não exista nada”, mas porque é justamente no silêncio que começamos a ouvir aquilo que o excesso de

Participe do Edital da Revista The Bard

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:

Imagens que salvam a humanidade

40ª
EDIÇÃO



22 categorias com temas livres

Clique aqui

Edital Novembro e Dezembro aberto até dia 30/09/2026.

SAÚDE & BEM-ESTAR

Depois Do Prazo: O Que A Nr-1 Realmente Passou a Exigir Das Empresas



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, MBA em Saúde Mental no Trabalho, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais.
@prof.alineabreu



Com o marco de 26 de maio de 2026 já superado, encerrou-se também o tempo da ambiguidade confortável. A data, antes tratada por muitas organizações como horizonte de adaptação, tornou-se um divisor concreto entre discurso e comprovação. A partir dali, a saúde mental no trabalho deixou de ocupar um espaço periférico nas empresas para assumir, de forma definitiva, o lugar de indicador organizacional, critério de avaliação institucional e objeto de verificação técnica.



Isso significa uma mudança profunda. Durante muito tempo, questões relacionadas ao sofrimento psíquico no ambiente laboral foram empurradas para iniciativas paralelas, campanhas internas ou ações pontuais de acolhimento. Falava-se em bem-estar, qualidade de vida e equilíbrio emocional, mas quase sempre sem tocar no ponto central: a própria forma como o trabalho era estruturado. Metas desproporcionais, equipes reduzidas, pressão

contínua, retrabalho, comunicação falha e lideranças despreparadas permaneceram, em muitos contextos, fora do centro da análise.

A nova redação da NR-1 alterou esse enquadramento. Ao incorporar os riscos psicossociais ao gerenciamento de riscos ocupacionais, a norma impôs às empresas a obrigação de tratá-los com o mesmo rigor aplicado aos demais riscos do trabalho. Já não basta reconhecer que o tema é importante. É preciso demonstrar, com documentos, registros e medidas verificáveis, que ele está sendo efetivamente gerenciado.



Essa talvez seja a ruptura mais significativa do novo cenário: a saúde mental deixou de ser tratada como assunto acessório e passou a integrar o núcleo da governança. Indicadores como afastamento por transtornos relacionados à saúde mental, rotatividade associada ao desgaste organizacional e conflitos recorrentes já não podem ser vistos como simples dificuldades administrativas. Eles exigem leitura técnica. Exigem análise de contexto. Exigem resposta estruturada.

No fundo, o que mudou foi a pergunta. Antes, diante do adoecimento, olhava-se quase sempre para o indivíduo. Agora, a atenção se desloca para a estrutura. A questão deixa de ser apenas quem adoeceu e passa a incluir o que, na organização do trabalho, pode estar contribuindo para esse adoecimento. Essa mudança é desconfortável porque obriga a empresa a examinar seu próprio desenho interno. Obriga a rever metas, práticas de cobrança, distribuição de tarefas, fluxos de comunicação e modos de liderança.

E esse é justamente o ponto que muitas organizações ainda tentam evitar.

Há anos, o ambiente corporativo aperfeiçoou uma linguagem capaz de suavizar a violência organizacional. Pressão excessiva virou “alta performance”. Sobrecarga passou a ser chamada de “comprometimento”. Mudanças abruptas de prioridade receberam o nome de “dinamismo”. Ambientes hostis foram descritos como “competitivos”. O problema dessas expressões não está apenas na escolha vocabular, mas no que elas ajudam a esconder: estruturas que operam à custa do desgaste contínuo de quem trabalha.

A exigência regulatória, agora, torna mais difícil sustentar essa encenação. A fiscalização já não se orienta por intenções declaradas, mas por evidências formais. A empresa precisa ser capaz de responder, tecnicamente, se possui diagnóstico dos riscos psicossociais, plano de ação documentado, registro das medidas adotadas e acompanhamento contínuo. A ausência desses elementos deixa de ser detalhe

burocrático e passa a sinalizar ausência de gerenciamento.



Mas reduzir essa mudança a uma questão de conformidade legal seria insuficiente. Por trás dos indicadores existem pessoas. Cada afastamento é uma experiência concreta de ruptura. Há impacto na vida profissional, na estabilidade familiar, na autoestima, na renda e na saúde de quem já não consegue sustentar determinado contexto de trabalho. O que muitas planilhas registram como afastamento ou absenteísmo costuma esconder histórias de esgotamento, ansiedade, sofrimento persistente e perda da capacidade de seguir funcionando sob certas condições.

É por isso que a diferença entre ação simbólica e gerenciamento real se tornou tão importante. O exemplo descrito no texto-base é revelador. A empresa vistoriada afirmava já ter adotado ações de cuidado: palestras motivacionais, campanha interna e atendimento psicológico conveniado. Em aparência, havia preocupação. Mas a análise mais profunda revelou outro cenário: quadro reduzido havia mais de um ano, metas elevadas após reestruturação, exposição pública de desempenho e mudanças abruptas de prioridade, gerando retrabalho constante. Quando os afastamentos foram cruzados com os períodos de maior sobrecarga, o padrão apareceu com clareza. O problema não era falta de palestra. Era estrutura organizacional.

Esse caso revela uma verdade que muitas empresas ainda resistem em admitir: não se corrige uma engrenagem adoeccedora apenas com discurso acolhedor. Uma cartilha não reorganiza fluxos. Uma palestra não reduz sobrecarga. Um convênio psicológico não substitui a necessidade de rever metas incompatíveis, recompôr equipes, redistribuir responsabilidades e corrigir práticas de cobrança. Suporte posterior é importante, mas não substitui prevenção estrutural.



E prevenir, nesse contexto, exige decisões que nem sempre são confortáveis. Significa rever crenças gerenciais, ajustar planejamento, reconhecer excessos naturalizados e, em alguns casos, aceitar custos imediatos para evitar danos maiores no médio e longo prazo. Ainda assim, ignorar esses ajustes tende a ser mais caro. O adoecimento recorrente desorganiza equipes, desgasta lideranças, reduz previsibilidade, compromete a produtividade e corrói a confiança interna. A empresa que não revisa sua estrutura pode até sustentar aparência de normalidade por algum tempo, mas acumula um passivo humano e institucional cada vez mais difícil de esconder.

Depois de 26 de maio de 2026, portanto, já não se pode alegar surpresa. O período de transição ficou para trás. A saúde mental no trabalho deixou de ser pauta emergente para se tornar requisito normativo, critério de avaliação institucional e elemento de responsabilização organizacional.



No entanto, o mais importante talvez esteja além da própria norma. O que está em jogo não é apenas a capacidade de uma empresa produzir documentação defensiva. É sua disposição de reconhecer que a forma como o trabalho é organizado tem efeitos diretos sobre a vida humana. Nenhuma organização pode reivindicar maturidade enquanto trata sofrimento recorrente como fragilidade individual. Nenhuma gestão pode falar em sustentabilidade enquanto depende do desgaste silencioso de suas equipes para manter resultados.

No fim, a questão central continua simples: a empresa reorganizou de fato sua estrutura ou apenas aperfeiçoou seu discurso?

Agora que o prazo passou, essa pergunta já não pertence apenas ao campo moral. Ela pertence também ao campo da prova.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/06/2026”

SAÚDE & BEM-ESTAR

O Valor do Silêncio para a Saúde Mental e Espiritual



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)
@jeanertuliano

SAÚDE & BEM-ESTAR
- Leia o artigo completo no Site



Outro dia fiquei olhando uma mulher numa fila de mercado. Ela segurava o celular com uma mão e o carrinho com a outra. O filho pequeno puxava a barra da blusa dela tentando mostrar um desenho qualquer feito numa embalagem de cereal. Ela nem percebeu. Continuou deslizando o dedo pela tela, apertando os olhos para responder mensagens enquanto o caixa passava os produtos. A cena durou poucos segundos, mas ficou presa na cabeça como um retrato muito específico do nosso tempo. Tenho pensado muito nisso ultimamente: ninguém parece inteiro em lugar nenhum.

Existe sempre alguma coisa vibrando no bolso, piscando na tela, cobrando resposta imediata. O silêncio foi sumindo da rotina sem

que ninguém percebesse exatamente quando. Até descansar ganhou um ar estranho, quase constrangedor. Quando alguém diz que passou o domingo sem fazer nada, logo aparece outra pessoa contando que trabalhou, estudou, organizou a casa, abriu um curso novo, resolveu pendências. O descanso virou culpa. O cansaço, por outro lado, ganhou prestígio.

Zygmunt Bauman escreveu sobre isso de um jeito quase desconfortável de tão atual. Ao falar sobre “modernidade líquida”, o sociólogo descreveu um mundo em que tudo se tornou instável demais. Nada permanece. Nada cria raiz. Relações mudam depressa, empregos evaporam, opiniões envelhecem em poucos dias. A própria identidade parece desmontável, como aquelas vitrines de shopping que trocam de decoração a cada estação.

Viver assim cansa de um jeito difícil de explicar. Não é apenas sono. Parece um desgaste por dentro, uma fadiga que vai ocupando os pensamentos lentamente.



Basta olhar em volta. Pessoas comem assistindo vídeos acelerados. Escutam áudio no dobro da velocidade. Fazem duas ou três coisas ao mesmo tempo e, mesmo assim, carregam a sensação sufocante de atraso. Existe uma ansiedade espalhada no ar, quase invisível, mas constante. Ela aparece nas olheiras, nas crises de insônia, na incapacidade de permanecer cinco minutos sem tocar no celular.

Não deixa de ser irônico. Nunca houve tanta promessa de praticidade. Aplicativos organizam compromissos, entregam comida, chamam transporte, resolvem pagamentos em segundos. Ainda assim, a vida parece cada vez mais apertada. Como se toda tecnologia criada para economizar tempo tivesse sido usada apenas para encher o dia com mais obrigações.

Clarice Lispector, embora distante das discussões sociológicas de Bauman, parece dialogar profundamente com esse esgotamento moderno. Em muitos de seus textos existe uma angústia silenciosa, quase física. Seus personagens vivem cercados por rotinas aparentemente comuns, mas carregam uma sensação estranha de vazio. Em “A Paixão Segundo G.H.”, por exemplo, a personagem principal atravessa um mergulho brutal dentro de si mesma depois que as estruturas da própria vida começam a se desfazer.

Clarice tinha essa coragem rara de encostar nas partes mais confusas da existência sem tentar organizá-las demais. E talvez seja exatamente isso que esteja faltando agora: pessoas acordadas para si mesmas.

A velocidade virou um valor moral. Quem produz muito é admirado. Quem responde



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/07/2026”

rápido é eficiente. Quem está sempre ocupado parece importante. Aos poucos, criou-se uma cultura em que o indivíduo vale mais pelo que entrega do que pelo que sente. Não por acaso, os índices de ansiedade e depressão crescem no mundo inteiro.



As redes sociais ampliaram ainda mais essa pressão. Basta alguns minutos navegando para encontrar corpos perfeitos, viagens perfeitas, relacionamentos perfeitos, rotinas perfeitamente editadas. Tudo iluminado, bonito, limpo. Enquanto isso, a vida real continua acontecendo sem filtro algum: louca acumulada, medo do futuro, insegurança, crises silenciosas no meio da madrugada.

Existe uma tristeza estranha escondida nessa comparação contínua. O sujeito olha para a própria existência e sente que está falhando o tempo inteiro. Bauman dizia que a sociedade contemporânea transforma pessoas em consumidores permanentes. Isso não vale apenas para objetos. Vale também para experiências, relações e até identidades. Consome-se companhia. Consome-se atenção. Consome-se aparência. Quando algo perde o brilho, troca-se rapidamente por outra novidade.

Nem os afetos ficaram intactos. Relacionamentos passaram a funcionar sob a ameaça constante da substituição. Aplicativos oferecem centenas de possibilidades deslizando numa tela. Uma conversa acaba e outra começa imediatamente. Tudo rápido demais para criar profundidade. Existe gente que conhece o corpo

do outro antes de conhecer o silêncio do outro.

No meio disso tudo, sobra pouco espaço para permanência. Talvez seja justamente a permanência que mais assuste atualmente. Ficar. Sustentar. Criar vínculo. Enfrentar conflitos sem fugir imediatamente para a próxima distração.

A sociedade acelerada desaprendeu a lidar com demora. Só que quase tudo que realmente importa exige tempo: amizade, confiança, maturidade, amor, autoconhecimento.

O curioso é perceber como a tecnologia aproximou pessoas fisicamente distantes e afastou quem está perto. Não é raro encontrar mesas de restaurante em completo silêncio, cada indivíduo mergulhado na própria tela brilhante. Há conversa em excesso e presença de menos.

Em algum momento, o ser humano começou a tratar a própria atenção como território disponível para invasão contínua. Notificações interrompem pensamentos. Vídeos curtos fragmentam concentração. O cérebro se acostuma ao excesso de estímulo e depois estranha qualquer instante de quietude. Ficar sozinho com os próprios pensamentos tornou-se desconfortável para muita gente.

Porque o silêncio faz perguntas que a correria consegue adiar. Quem sou eu sem produtividade? O que sobra quando ninguém está olhando? Quanto da minha vida é desejo verdadeiro e quanto é performance?

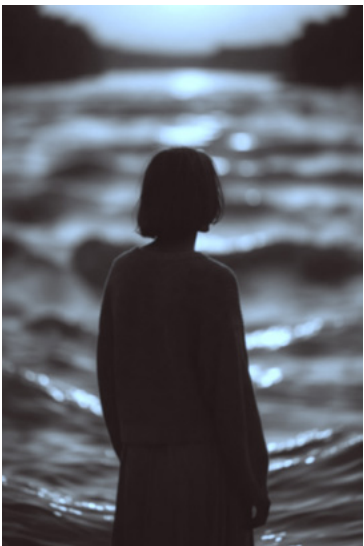
Clarice Lispector parecia perseguir exatamente esse tipo de pergunta. Seus textos frequentemente atravessam zonas desconfortáveis da existência humana. Não oferecem respostas prontas. Oferecem espelho. E espelhos honestos assustam.

Por isso a discussão sobre estresse vai muito além da saúde mental. Existe uma questão social

e cultural por trás desse esgotamento coletivo. O mundo atual estimula velocidade contínua, consumo emocional e excesso de exposição. O indivíduo vive pressionado a ser interessante o tempo inteiro.

Só que ninguém suporta transformar a própria existência num espetáculo permanente sem adoecer um pouco. Talvez a resistência moderna comece em gestos pequenos. Desligar o celular por algumas horas. Conversar sem olhar para a tela. Ler devagar. Permanecer em silêncio sem sentir culpa. Recuperar a capacidade de atenção.

Às vezes imagino que salvar a própria atenção seja uma das últimas formas possíveis de delicadeza. Num tempo em que tudo escorre rapidamente, permanecer pode ser um ato radical.



SAÚDE & BEM-ESTAR

A Espiritualidade é uma Aliada ou uma Alienante para a Saúde Mental?



Por Sandra Santiago
COLONISTA

Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo”.

@sandraassantiago

Dessa perspectiva, o ser humano possui corpos: espiritual, mental, emocional, físico etc. e, com base nisso, podemos inferir que o adoecimento mental, assim como seu tratamento e a cura não pode se dá (tão somente) por ações direcionados ao corpo físico; precisam alcançar os outros corpos, oferecendo-lhes o “medicamento” compatível com suas necessidades. Então, buscar tratamentos não físicos é, por assim dizer, buscar esse poder superior que os antigos povos acreditavam e buscavam na natureza, nos ancestrais, na divindade etc., integrando todos os corpos em prol da saúde.

Por outro lado, ao longo de séculos, a humanidade foi se distanciando desta concepção, destinando à espiritualidade ao campo das religiões, o que em alguma medida atribuiu a ela um olhar de descrédito. Em meio ao progresso científico, buscando responder às necessidades humanas apenas pela dimensão material, a relação do ser humano com a espiritualidade ficou cada vez mais confusa. Talvez numa necessidade de se sentir poderoso, capaz de caminhar sozinho, sem a presença de algo maior do que ele mesmo, o homem de ciência se destituiu de espírito. Talvez esse desejo desenfreado pelo poder afastou a humanidade daquilo que lhe é inerente: sua espiritualidade. Pouco a pouco, a ciência foi ocupando esse lugar e de algum modo, o ser humano se sente mais criador do que criatura. Mas, isso teve um preço.

É sabido que as sociedades usufruem, na atualidade, de muito mais conforto, facilidades materiais, acesso às informações e às tecnologias de ponta, como nunca antes visto. Mas, contraditoriamente, as pessoas estão cada vez mais perdidas, desamparadas e adoecidas, principalmente, sob o ponto de vista mental. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que desde a última pandemia, o mundo registrou um aumento de 25% em quadros de ansiedade. De acordo com a World Health Organization (WHO), um em cada sete jovens entre 10 e 19 anos sofre de algum transtorno mental. Além disso, a depressão, a ansiedade e outros distúrbios comportamentais estão entre as principais causas de doenças e incapacidades em adolescentes e de que o suicídio é, atualmente, a terceira principal causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos de idade.

No Brasil, não é diferente. Dados do Observatório da Saúde Pública da UMANE indicam que 26,8% da população apresenta diagnóstico de ansiedade. E na última década se registrou um aumento de 43% nos casos de suicídio no Brasil, sendo ainda maior esse percentual entre crianças e adolescentes. Mas, sabemos que há inúmeros casos subnotificados, o que significa que os índices podem ser ainda mais alarmantes.

Diante deste quadro, nos parece sensato admitir que, mesmo em meio grandes achados científicos e avanços tecnológicos, ainda há muita dor, sofrimento e adoecimento mental em todo o planeta, para os quais os recursos materiais não encontram respostas. Fica patente que a ciência não foi capaz de minimizar esses desequilíbrios e trazer paz e felicidade à população. As drogas podem aliviar os sintomas, mas, não resolvem as causas. A medicina convencional ou alopática



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/07/2026”

compreende que a doença advém de agentes externos que atingem o corpo físico ou do mal funcionamento de algum de seus órgãos e, portanto, o tratamento deve incidir sobre esse mesmo corpo em busca de corrigir tais desajustes ou combater agentes nocivos a ele.

Com o advento do pensamento científico clássico, a partir do qual, “tudo é matéria” se observou um distanciamento entre ciência e espiritualidade, colocando sobre essa última um caráter místico e de menor importância. O viés materialista presente nos diferentes ramos da ciência se faz refletir na Medicina, onde a alopatia carrega a supremacia da dimensão física para os processos de adoecimento, de tratamento e de cura. Nesse sentido, é evidente que nenhuma atenção se dá a espiritualidade como parte da dimensão humana e, portanto, capaz de contribuir como coadjuvante nos processos de tratamento e de cura.

A partir do século XIX, diferentes ramos da ciência moderna, cujas bases são de cunho exclusivamente materiais, passam a explicar o funcionamento da mente humana e nesse sentido, os adoecimentos mentais, começaram a ser estudados como doenças do cérebro ou disfunções orgânicas. Nesse contexto, temos a influência da psicanálise no início do século XX, definindo, grosso modo, a religião e a espiritualidade como fenômenos psicológicos, ilusões, projeções ou necessidades inconscientes, o que, em certa medida, alimenta a ideia de que a fé seria um sintoma ou um sinal de fraqueza, portanto, algo que deveria se afastado do processo de tratamento ou de cura.

Diferente disso, outras medicinas muito antigas (homeopática, chinesa, Ayurveda etc.), seguem apostando na integração de várias dimensões: corpo, mente, espírito como requisitos para a saúde dos corpos. Para a medicina convencional, tudo se processa num

corpo biológico. Para a medicina alternativa, há desequilíbrios no campo energético que exigem tratamentos na energia vital. A meditação, o uso de ervas, a massagem, a contemplação ou a oração são recomendados como importantes aliados da saúde física e mental, em diferentes abordagens.

É, somente, mais recentemente, que se observa uma reaproximação entre ciência e espiritualidade. Algumas pesquisas já indicam a espiritualidade como um importante componente da experiência humana e um aliado na busca por significado, portanto, capaz de auxiliar na busca pela saúde mental. Alguns centros médicos e acadêmicos, como a Universidade de Medicina de Harvard, nos Estados Unidos ou na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e na Universidade de São Paulo (USP), no Brasil, têm debatido os benefícios da fé para a saúde emocional.

De tal modo, nas últimas décadas, a espiritualidade passou a ser investigada cientificamente e alguns estudos já apontam que indivíduos com uma vida espiritual ativa apresentam, em média, menores índices de depressão, menor incidência de abuso de álcool e drogas e menor risco de suicídio. Tais estudos destacam ainda que práticas como a meditação e a oração estão associadas a uma melhor regulação emocional e resiliência, especialmente, em quadros de doenças mentais.

No passado, se evidencia um esforço da ciência para afastar a dimensão espiritual da prática clínica, mas, no presente, existe um movimento de parte da academia que busca integrar o tratamento médico com a espiritualidade, com respeito ao modo como cada indivíduo a experimenta. Assim, temos um conceito de saúde como um bem estar que não se limita ao corpo físico, mas, se relaciona com elementos espirituais, emocionais, mentais, sociais etc.

Ainda é forte a associação da espiritualidade às práticas religiosas, pois, tem sido, tradicionalmente, por meio da religião que muitas pessoas se dedicam à espiritualidade, mas, é importante salientar que a espiritualidade não se limita à religião. Na verdade, a espiritualidade é um conceito que escapa ao âmbito religioso, pois, não necessita de dogmas ou de instituições para se manter. Pode se dizer, então, que a espiritualidade tem um caráter universal e cada pessoa pode experimentar à sua maneira.

Várias pesquisas já estudam práticas como a oração, o passe e a meditação, compreendendo que carregam elementos ainda desconhecidos pela maioria dos cientistas, mas, há muito utilizadas pelas pessoas, especialmente em momentos de sofrimento, de dor, de desespero. Hoje, já há comprovações de que 15 minutos de meditação, duas vezes ao dia, conseguem atuar diretamente na diminuição da frequência cardíaca e respiratória, melhorar a qualidade do sono e reduzir a ansiedade. Portanto, a adoção de técnicas que atuam diretamente no não físico, quando se associam a outras, como o uso de medicamentos, às terapias psicológicas e psiquiátricas podem ser muito eficazes para tratar doenças mentais, ao mesmo tempo em que, também podem ser ainda mais importantes na prevenção de adoecimentos dessa ordem.



CIÊNCIA & TECNOLOGIA

A Inquietante Realidade da Vigilância Digital

Cada clique, pausa, omissão e hesitação se torna dado, compondo perfis comportamentais mais precisos do que qualquer observação direta.



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

CIÊNCIA & TECNOLOGIA
- Leia o artigo completo no Site

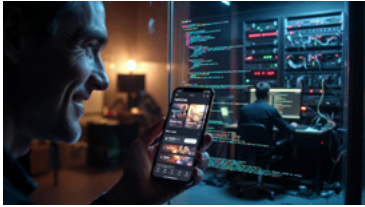
Raramente a vigilância começa com um sinal evidente. Ela se instala de forma quase imperceptível, diluída nos gestos cotidianos que repetimos sem esforço. Desbloquear a tela, aceitar termos sem leitura atenta, navegar entre conteúdos sugeridos com a sensação de escolha livre. Nada disso parece extraordinário. Ainda assim, é nesse terreno aparentemente banal que se estrutura uma das transformações mais profundas do nosso tempo.



A experiência digital deixou de ser apenas uma ferramenta e passou a funcionar como um ambiente contínuo, no qual cada ação, por menor que seja, contribui para a formação de um registro. Não se trata apenas do que é dito explicitamente, mas também do que é evitado, do tempo de permanência em um conteúdo, da hesitação antes de uma decisão. Esses elementos, quando reunidos, formam um conjunto de informações capaz de descrever comportamentos com um nível de detalhe que dificilmente seria alcançado por observação direta.

O que torna esse processo particularmente inquietante não é apenas sua existência, mas a forma como ele se integra à rotina sem provocar estranhamento proporcional. A vigilância digital não se apresenta como imposição, mas como conveniência. Ela organiza informações, antecipa interesses, oferece caminhos que

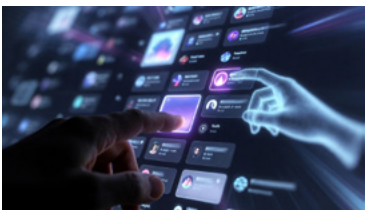
parecem adequados ao perfil de cada usuário. Essa funcionalidade, embora eficiente, opera a partir de critérios que nem sempre são visíveis, o que desloca parte significativa do controle para estruturas externas ao indivíduo.



Nesse contexto, a noção de escolha permanece, mas se torna mais complexa. As opções disponíveis não surgem de maneira neutra; elas são filtradas, organizadas e priorizadas com base em dados acumulados ao longo do tempo. O resultado é um ambiente em que as decisões continuam sendo tomadas individualmente, mas dentro de um conjunto de possibilidades previamente estruturado. Essa mediação constante não elimina a autonomia, mas a condiciona de maneiras que nem sempre são percebidas.

Há também uma alteração importante na relação com o tempo. O que antes poderia ser esquecido ou perder relevância permanece registrado, passível de análise e reutilização. O passado, nesse sentido, não se encerra, mas continua ativo, influenciando recomendações, previsões e interações futuras. Essa continuidade transforma experiências isoladas em padrões e, a partir deles, constrói perfis que passam a orientar o que será apresentado ao usuário.

Esse processo não se limita à observação. Ele também intervém. Ao identificar regularidades, os sistemas digitais não apenas registram comportamentos, mas também os influenciam, ainda que de forma indireta. Sugestões de conteúdo, destaques específicos, ausência de determinadas informações. Cada uma dessas escolhas contribui para a formação de um ambiente que orienta a atenção e, consequentemente, as decisões.



Outro aspecto relevante diz respeito à distribuição de poder nesse cenário. Enquanto indivíduos produzem dados de forma contínua, as estruturas responsáveis por coletá-los e analisá-los operam com recursos técnicos e informacionais significativamente superiores. Essa assimetria não é imediatamente visível, mas tem implicações profundas, especialmente quando se considera a capacidade de prever e influenciar comportamentos em larga escala.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/07/2026"

Ainda assim, a adesão a esse sistema ocorre, na maioria das vezes, de forma voluntária. Termos de uso são aceitos, permissões são concedidas, serviços são incorporados à rotina. No entanto, a formalidade desse consentimento não garante, necessariamente, uma compreensão efetiva de suas consequências. A complexidade dos processos envolvidos dificulta uma avaliação clara do que está sendo compartilhado e de como essas informações serão utilizadas.



Além das dimensões técnicas e estruturais, há efeitos mais sutis, relacionados à forma como os indivíduos se comportam em ambientes potencialmente monitorados. A possibilidade de registro constante pode levar a ajustes de conduta, ainda que inconscientes. Certos conteúdos deixam de ser acessados, determinadas opiniões deixam de ser expressas, escolhas são revistas antes mesmo de se concretizarem. Esse movimento não decorre de uma imposição direta, mas da percepção de que ações podem ser observadas e, eventualmente, interpretadas.

É nesse ponto que a vigilância digital deixa de ser apenas um fenômeno externo e passa a influenciar a própria forma de agir. O controle não se exerce apenas de fora para dentro, mas também se internaliza, moldando comportamentos de maneira difusa. Essa característica torna o fenômeno mais difícil de identificar e, consequentemente, de um questionar.



Não se trata de negar os benefícios associados às tecnologias digitais. A capacidade de acesso à informação, a otimização de serviços e a ampliação de possibilidades de comunicação são aspectos relevantes e amplamente reconhecidos. O desafio está em compreender que esses benefícios coexistem com dinâmicas que exigem análise crítica, especialmente quando envolvem a coleta e o uso de dados em larga escala.

A vigilância digital, ao se tornar parte integrante da experiência cotidiana, redefine limites que antes pareciam mais claros. Privacidade, autonomia e liberdade passam a ser conceitos que precisam ser revisitados à luz de um contexto em que a observação é constante, ainda que invisível. Essa redefinição não ocorre de forma abrupta, mas por meio de ajustes graduais, que muitas vezes passam despercebidos.

Nesse sentido, torna-se fundamental desenvolver uma postura mais atenta em relação às práticas digitais. Isso não implica necessariamente rejeição, mas exige compreensão. Questionar o funcionamento das plataformas, refletir sobre o uso de dados e reconhecer os mecanismos que orientam a experiência online são passos importantes para ampliar o nível de consciência sobre o ambiente em que estamos inseridos.

A inquietação, nesse caso, não deve ser

entendida como paralisia, mas como ponto de partida. É a partir dela que se torna possível interromper automatismos, reconsiderar escolhas e, eventualmente, redefinir a forma de interação com as tecnologias disponíveis.

A vigilância digital não se impõe de maneira explícita, e talvez seja justamente por isso que exige maior atenção. Quando o controle não se apresenta como controle, mas como parte natural do funcionamento das coisas, a capacidade de percebê-lo se torna um elemento essencial para qualquer tentativa de reflexão crítica.

Sob esse cenário, preservar a possibilidade de escolha consciente depende, em grande medida, da disposição para observar aquilo que normalmente permanece oculto. E essa observação, embora não ofereça respostas imediatas, abre espaço para um tipo de liberdade que não se limita à ação, mas inclui também a compreensão das condições em que essa ação ocorre.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/07/2026"

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

O Corpo como Senha Universal: A Revolução Biométrica entre Conveniência e Distopia



Por Redação, The Bard News JORNAL

@thebardnews



Digitar senhas, decorar combinações numéricas, carregar cartões e crachás. Tudo isso parece cada vez mais anacrônico em um mundo em que um olhar, um toque ou até a forma de caminhar podem liberar acesso a contas bancárias, aeroportos, edifícios e dispositivos pessoais. Na era da biometria, o corpo humano se converte em chave mestra, apresentado como solução elegante para problemas de segurança e usabilidade. Por trás dessa promessa, porém, cresce um debate incômodo: ao transformar características biológicas em credenciais digitais, o que ganhamos em conveniência pode ser eclipsado por um novo tipo de vulnerabilidade, em que privacidade, liberdade e até direitos civis entram na zona de risco.



A biometria, no sentido mais amplo, é o conjunto de técnicas que identificam pessoas com base em características físicas ou comportamentais únicas. Impressões digitais, traços do rosto, contornos da íris, timbre da voz, padrões de veias, modo de andar, batimentos cardíacos, tudo isso pode ser transformado em dado. Essa transformação é feita por sensores e algoritmos que, em vez de perguntarem "quem é você?", calculam probabilidades, comparam padrões e devolvem uma resposta binária: corresponde ou não corresponde. O que antes era usado quase exclusivamente em perícia policial e controle de fronteiras, hoje está no bolso, no relógio, na catraca, na câmera do shopping e, em alguns lugares, nas ruas inteiras de cidades monitoradas.

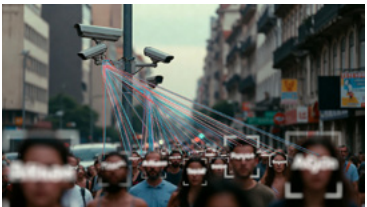
A explosão da biometria no cotidiano só foi possível graças ao avanço da inteligência artificial, em particular do aprendizado de máquina. Algoritmos modernos conseguem processar enormes bancos de imagens e sinais, encontrar padrões e melhorar sua precisão ao longo do tempo. No reconhecimento facial, por exemplo, sistemas mais recentes identificam indivíduos em diferentes ângulos, com mudanças de iluminação e de aparência, como barba, óculos ou envelhecimento. No reconhecimento de íris, a leitura de desenhos microscópicos ao redor da pupila confere uma precisão altíssima, praticamente impossível de replicar. Há também a biometria comportamental, menos visível, mas igualmente poderosa: a forma como digitamos, a cadência da voz, o modo de segurar o celular ou o ritmo da passada podem gerar assinaturas únicas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepix sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/06/2026"

Os argumentos a favor da biometria são sedutores. Em teoria, o corpo não se esquece da senha e não a anota em papel algum. Smartphones que liberam acesso com um toque de dedo ou um olhar reduziram o atrito de interação e, em muitos casos, aumentaram a segurança em relação a senhas simples. Sistemas de autenticação biométrica em bancos tentam dificultar fraudes, exigindo que o criminoso tenha não apenas um número, mas a presença física do cliente. Em aeroportos, portões automatizados com leitura de rosto ou de passaporte biométrico prometem filas mais curtas e processos mais ágeis. Em hospitais, a identificação biométrica pode evitar trocas de pacientes, medicações erradas e fraudes em planos de saúde. Na narrativa dos entusiastas, a biometria representa um próximo passo natural rumo a uma sociedade mais eficiente.

É nesse ponto que a mesma tecnologia que protege pode se converter em instrumento de controle. Se o corpo é senha, cada passagem diante de uma câmera pode ser um login silencioso em algum sistema de vigilância. Em cidades com milhares de câmeras conectadas a bancos de dados de identidade, o reconhecimento facial permite seguir trajetos inteiros, mapear rotinas, registrar encontros e, eventualmente, associar pessoas a eventos políticos, religiosos ou sociais. Empresas e governos passam a dispor de um poder de observação que antes exigia grande esforço humano e hoje pode ser automático, barato e contínuo.



Os casos mais avançados de uso de biometria em larga escala vêm de países que fazem da vigilância um pilar explícito de governança. Em algumas regiões, câmeras capazes de identificar rostos são combinadas a sistemas que atribuem pontuações a comportamentos considerados desejáveis ou indesejáveis. A presença em um protesto, uma multa não paga, um comentário nas redes, tudo pode alimentar um perfil digital. O rosto, que um dia serviu para garantir que apenas o dono do celular o desbloqueasse, passa também a funcionar como etiqueta em sistemas de reputação social. A fronteira entre segurança pública e controle político torna-se nebulosa.

Mesmo em democracias com proteção a dados pessoais, a biometria levanta questões difíceis. Quem é o dono desses dados? Uma vez coletado o mapa de sua face, a digital do seu dedo, o padrão do seu coração, a quem pertencem essas informações? A você, ao fabricante do dispositivo, ao governo, à empresa que gerencia o serviço? Leis de proteção de dados, como as que vigoram no Brasil e na Europa, tentam responder impondo regras de consentimento, finalidade e armazenamento. Na prática, porém,

o cidadão comum raramente tem clareza sobre a extensão do uso de sua biometria. Termos de uso extensos e pouco transparentes, associado a notificações genéricas, tornam o consentimento quase automático.



Outro ponto crítico é que dados biométricos não podem ser trocados. Se uma senha vaza, você cria outra. Se o número de um cartão vaza, o banco emite um novo. Mas se o banco de dados com rostos, íris ou impressões digitais é comprometido em um ataque cibernético, não existe um novo rosto para ser emitido. Os dados roubados podem alimentar, por anos, tentativas de fraude, criação de identidades falsas e ataques sofisticados. Especialistas em segurança digital alertam que a biometria, ao contrário do que o marketing costuma sugerir, não deve ser vista como substituta absoluta de outros métodos, e sim como mais uma camada combinada de autenticação.

Os sistemas biométricos, além disso, não são neutros. Eles são treinados com dados coletados de populações específicas e carregam os vieses dessas amostras. Pesquisas independentes mostraram que muitos modelos de reconhecimento facial apresentam desempenho pior para pessoas negras, mulheres e determinados grupos étnicos em comparação com homens brancos. Em contextos de policiamento, isso pode significar abordagens erradas, prisões injustas e reforço de desigualdades já existentes. Quando um algoritmo confunde um rosto com outro, o erro tem peso humano: alguém pode ser acusado de um crime que não cometeu, ou impedido de acessar um serviço legítimo.



Claro que empresas e órgãos de pesquisa trabalham para mitigar esses vieses, ampliando a diversidade dos conjuntos de treinamento e ajustando modelos. Mas a existência de falhas estruturais em sistemas que identificam cidadãos lembra que a biometria não é apenas uma questão técnica, é também política. Quem define o que é aceitável em termos de precisão? Quantos erros são tolerados e sobre quais corpos esses erros recaem?

A expansão da biometria também alcança

o campo militar e de segurança nacional. Equipamentos capazes de identificar alvos à distância, drones que reconhecem rostos, bancos de dados globais integrando informações biométricas de migrantes, suspeitos e soldados, tudo isso compõe um cenário em que o corpo físico se torna, literalmente, um alvo codificado. Em zonas de conflito, a captura de bancos biométricos pode representar não apenas dano estratégico, mas risco direto para a sobrevivência de populações inteiras.

Diante desse horizonte, a questão central deixa de ser se usaremos biometria e passa a ser como, em que limites e sob quais salvaguardas. Um dos caminhos discutidos por especialistas é a adoção do princípio da minimização: coletar apenas o estritamente necessário, por tempo limitado, com transparência sobre a finalidade e com possibilidade de revogação do consentimento. Outra linha defende o uso de biometria sobretudo em dispositivos pessoais, armazenada localmente, sem envio permanente a servidores centrais. Nesse modelo, o reconhecimento facial para desbloquear o celular aconteceria dentro do próprio aparelho, sem que o mapa do rosto fosse automaticamente compartilhado com terceiros.

Além da engenharia e das leis, há um componente cultural nessa discussão. A sociedade está, pouco a pouco, se acostumando a trocar privacidade por conveniência. Abrimos mão de detalhes sobre deslocamentos, preferências de consumo, rotinas de sono e batimentos cardíacos em troca de aplicativos que contam passos, sugerem rotas, montam playlists personalizadas. A biometria se insere nessa lógica, oferecendo desbloqueios mais rápidos e acessos mais fluidos. O risco é que, sem que percebamos, ela deixe de ser uma opção confortável e se torne um requisito, obrigatório para o uso de serviços públicos e privados. Quando o rosto é exigido para entrar no transporte, no prédio, na escola, no hospital e no banco, recusar-se pode significar exclusão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepix sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"

A discussão ética sobre a biometria, portanto, não se limita à técnica. Inclui refletir sobre que tipo de sociedade estamos construindo. Uma sociedade em que o corpo é constantemente vigiado, medido e avaliado, ou uma em que a tecnologia é usada com parcimônia, como ferramenta a serviço da autonomia humana? A resposta não está dada. Ela será, em grande medida, resultado de decisões tomadas hoje, em legislações, tribunais, conselhos de empresa, assembleias legislativas e também na escolha individual de ligar ou não determinada função, de consentir ou não com determinado uso.



O corpo como senha universal é símbolo de um tempo em que a fronteira entre o físico e o digital quase desapareceu. Cabe a nós decidir se essa senha abrirá portas para mais liberdade ou para um tipo sofisticado de confinamento invisível. O fato de a tecnologia existir não a torna inevitável nem neutra. Ao contrário, torna urgente uma discussão madura sobre limites, responsabilidades e garantias. A biometria pode, sim, trazer mais segurança e conforto. Mas, sem vigilância cidadã e marcos regulatórios robustos, pode também inaugurar uma fase em que a própria identidade se torna objeto de negócios e de vigilância permanente. E, nesse cenário, talvez a pergunta mais importante não seja como usar o corpo como senha, mas como garantir que ele continue sendo, antes de tudo, nossa última fronteira de liberdade.

CRÍTICA

O Desaparecimento do Artista? Inteligência Artificial e a Crise da Assinatura Criativa



Por Redação, The Bard News JORNAL

@thebardnews

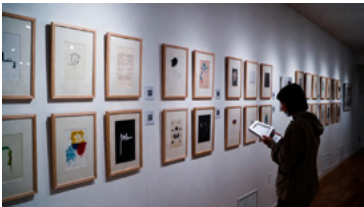
"A crise existencial que a IA impõe ao mundo criativo, explorando como ela desafia conceitos de estilo, originalidade e autoria que sustentaram séculos de crítica artística."

CRÍTICA

- Leia o artigo completo no Site



Por séculos, a arte ocupou o lugar de último reduto da experiência humana irrepetível. Enquanto máquinas tomavam fábricas e escritórios, acreditava-se que o ateliê, o estúdio e a página em branco permaneceriam intocados, protegidos por algo chamado inspiração, sensibilidade, subjetividade. Hoje, essa certeza está em xeque. Sistemas de inteligência artificial escrevem poemas, roteiros e reportagens, compõem trilhas sonoras, criam quadros em alta resolução, geram personagens, logos e campanhas publicitárias inteiras. A pergunta que inquieta artistas, juristas, críticos e tecnólogos é direta: se uma máquina pode produzir algo que emociona, surpreende ou conquista o público, o que significa, afinal, ser autor?



A crise atual não surge do nada. A ideia moderna de artista, tal como a conhecemos, é relativamente recente. Durante boa parte da história, pintores e compositores eram artesãos, muitas vezes anônimos, a serviço de mecenas, igrejas e cortes. Foi a partir do Renascimento e, depois, do romantismo que a figura do gênio individual ganhou centralidade. A assinatura passou a valer tanto quanto a obra. Saber que um quadro é de um determinado pintor passou a influenciar não só o preço, mas a forma de interpretar a imagem. No século vinte, essa lógica se extremou: um simples traço poderia ser arte se viesse acompanhado do nome certo. Agora, a inteligência artificial coloca esse modelo de cabeça para baixo.

Modelos generativos de texto, imagem, som e vídeo aprendem a partir de um oceano de exemplos humanos. Textos, músicas, fotografias,

pinturas e filmes alimentam sistemas que extraem padrões, combinam estilos, identificam estruturas narrativas, harmônicas e visuais. Ao contrário do que muitos imaginam, essas máquinas não “entendem” o mundo no sentido humano. Elas calculam probabilidades. Dado um começo de frase, qual a palavra mais provável a seguir? Dada uma descrição, qual combinação de cores e formas se aproxima do que já foi visto? Ainda assim, o resultado, muitas vezes, soa assustadoramente criativo. A fronteira entre copiar e inventar fica turva.

Essa turvação atinge em cheio o conceito de originalidade. Durante séculos, original foi aquilo que se afastava do já conhecido. No entanto, nenhuma obra humana nasce do zero. Todo escritor é leitor, todo compositor é ouvinte, todo cineasta foi espectador antes de pegar a câmera. O que os sistemas de IA revelam, de forma brutal, é que parte do que chamamos de novidade é recombinação sofisticada de referências. A diferença é que a máquina faz isso em escala e velocidade fora do alcance humano. Ao mesmo tempo, falta-lhe um elemento fundamental: a experiência vivida, a biografia, a dor e a alegria que moldam sensibilidade e escolha.



É nesse ponto que a crise da assinatura criativa ganha contornos filosóficos. Se uma IA produz um romance, uma canção ou um quadro, quem assina? O programador que escreveu o código? A equipe que treinou o modelo em milhões de exemplos? A empresa que detém os servidores? O usuário que descreveu, em poucas linhas, o que queria ver? Ou ninguém? A legislação de direitos autorais foi construída sobre a premissa de um criador humano identificável. Obras em domínio público, contratos, licenças, tudo se organiza em torno dessa figura. A inteligência artificial introduz uma autoria difusa, compartilhada e, em muitos casos, opaca.

Na prática, o mercado está respondendo de maneiras diferentes. Algumas plataformas exigem que conteúdos gerados com IA sejam identificados como tal. Outras estimulam sua produção, barateando custos para empresas de mídia, publicidade e entretenimento. Há narrativas de “parceria criativa”, em que o humano é apresentado como diretor e a IA como ferramenta. Em outros casos, porém, o papel humano parece reduzido ao de operador. Em vez de meses de trabalho de um ilustrador,

uma campanha opta por imagens geradas em poucos minutos. Em vez de contratar um time de redatores, uma empresa recorre a textos automáticos adaptados por poucos editores.

Isso levanta uma questão concreta: o que acontece com o trabalho artístico quando parte significativa da demanda é absorvida por algoritmos? Quem vive de tarefas consideradas “intermediárias” na cadeia criativa é o primeiro a sentir o impacto. Designers que produzem variações de layout, ilustradores de baixa remuneração, compositores de trilhas genéricas, produtores de conteúdos padronizados para redes sociais, todos se veem diante da concorrência de sistemas capazes de gerar, em segundos, o que antes levava horas. O risco não é apenas econômico, mas formativo: se menos pessoas conseguem sobreviver da arte, menos gente terá tempo e espaço para amadurecer linguagens próprias.

Por outro lado, há relatos de usos da IA que ampliam possibilidades em vez de substituí-las. Roteiristas que usam modelos de linguagem para testar alternativas de diálogo, compositores que exploram harmonias que não imaginariam sozinhos, artistas visuais que tratam o algoritmo como colaborador, gerando material bruto para depois intervir manualmente. Nesses casos, a tecnologia funciona como extensão da imaginação, não como atalho para reduzir o humano a espectador de sua própria irrelevância. A diferença entre um cenário e outro muitas vezes está nas condições em que a ferramenta é introduzida: se é apresentada como recurso auxiliar, com tempo e remuneração adequados para elaboração humana, ou se entra apenas como mecanismo de corte de custos.



Sob a superfície técnica, existe uma camada ética espinhosa. Grande parte dos sistemas de inteligência artificial criativa foi treinada com obras de artistas vivos, sem consentimento explícito, sem pagamento e, não raro, contra a vontade dos autores. Pinturas, livros, músicas e fotografias foram coletados em massa na internet, sob a justificativa de que estavam publicamente acessíveis. Na prática, o que se vê é um processo assimétrico: trabalhos individuais, alguns produzidos ao longo de décadas, alimentam modelos que, depois, concorrem com esses mesmos artistas em licitações, concursos e mercados. Há quem chame isso de nova forma de apropriação, uma

espécie de industrialização do plágio, ainda que juridicamente difícil de enquadrar.

Frente a esse quadro, cresce a defesa da transparência. Exigir rastreabilidade de dados de treino, mecanismos de exclusão para quem não quer ver sua obra integrada a modelos, regras claras de remuneração quando estilos individuais são reproduzidos, tudo isso aparece na pauta de organizações de artistas. A discussão não é apenas sobre dinheiro, mas sobre reconhecimento. Se um estilo visual ou sonoro é tão marcante que o público identifica referências claras a um autor específico, por que esse autor ficaria fora da distribuição de benefícios?

Ao mesmo tempo, a inteligência artificial força uma revisão do mito do gênio isolado. Mesmo antes dela, a criação artística sempre envolveu colaboração, influência, diálogo. Editoras, galerias, produtores, críticos, professores, amigos, todos interferem no processo. A tecnologia apenas torna mais explícito algo que já existia: a arte é resultado de redes. Isso não elimina a importância da assinatura, mas talvez a desmistifique, deslocando o foco da ideia de origem absoluta para uma noção de autoria situada, relacional.

Nesse contexto, surgem novas funções. O chamado engenheiro de prompt, figura ainda em consolidação, é responsável por formular instruções complexas para sistemas de IA, guiando-lhes a produção. Em vez de escolher cada nota, cada cor ou cada palavra, esse profissional decide parâmetros, estilos e combinações. É possível ver nessa função uma forma de arte conceitual, em que o gesto criativo está em definir o enquadramento e os critérios, não em executar cada detalhe. Críticos argumentam que isso diminui o contato com a matéria, com a prática artesanal que sempre foi parte da formação artística. Defensores veem aí uma evolução natural, semelhante ao que aconteceu quando cineastas passaram a delegar a técnicos de fotografia, edição, som e efeitos parte importante do trabalho.

Outra questão que ganha força é a da autenticidade. Em um cenário em que obras tecnicamente impecáveis podem ser geradas em massa por máquinas, o público passará a valorizar ainda mais o traço humano reconhecível? Haverá mercado para pinturas com erros, canções com falhas, textos com pausas e hesitações, justamente porque refletem o esforço de alguém? Alguns sinais apontam nessa direção. Há interesse crescente por processos, bastidores, rascunhos, diários de criação. Saber como uma obra veio ao mundo torna-se quase tão importante quanto a obra em si. É uma forma de reconectar a arte à biografia, em resposta a uma produção algorítmica que, por mais sofisticada, carece de contexto humano.



Nada disso significa que a inteligência artificial jogará o artista para fora do palco de forma definitiva. Mas a posição tradicional está, sem dúvida, em transformação. Em muitos casos, o papel do criador se desloca de executor exclusivo para curador, diretor, editor, alguém que seleciona e organiza resultados produzidos em parte por sistemas automatizados. Essa mudança pode ser vista como perda de território ou como chance de explorar linguagens ainda indefinidas. A escolha, em alguma medida, está nas mãos da própria comunidade artística e das instituições que a cercam.

O desafio é evitar dois extremos: demonizar toda forma de IA como inimiga da arte ou aceitá-la de maneira acrítica como solução mágica. Entre a recusa absoluta e o entusiasmo ingênuo, há um campo de disputas em que se definem normas, direitos, responsabilidades. Leis de direitos autorais, políticas de plataformas, contratos de trabalho e decisões de tribunais moldarão, nos próximos anos, o contorno dessa crise. Sem participação ativa de artistas, pesquisadores, jornalistas e público, há o risco de que prevaleça apenas a lógica de quem controla infraestrutura e dados.

No fim, a pergunta sobre o desaparecimento do artista talvez esteja mal formulada. O que está desaparecendo, ou ao menos se desmanchando, é uma certa imagem romântica de autoria solitária, desconectada de redes e de sistemas. Em seu lugar, surge um cenário mais ambíguo, em que a criatividade se distribui entre humanos e máquinas, entre indivíduos e coletivos, entre intenções declaradas e efeitos imprevistos. A assinatura continua lá, mas cercada de asteriscos e notas de rodapé.

A verdadeira questão, então, pode ser outra: em um mundo em que algoritmos conseguem imitar quase qualquer estilo, o que fará a arte humana valer a pena? Talvez a resposta esteja menos na perfeição formal e mais na capacidade de assumir risco, de errar de maneira interessante, de falar a partir de uma experiência que nenhuma máquina pode ter. A crise da assinatura criativa não elimina a necessidade de artistas. Ao contrário, torna mais claro o que só eles podem oferecer: um modo particular de estar no mundo, com todas as contradições e vulnerabilidades que nenhuma linha de código consegue armazenar por completo.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026”



CRÍTICA

O Que Aconteceu com as Universidades como Espaços de Debate Livre?



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

CRÍTICA

Leia o artigo completo no Site

"Cresce a cautela, a autocensura e a busca por estabilidade aparente, enquanto o medo de exposição, o julgamento rápido das redes e a associação rígida entre ideias e identidades retraem a disposição ao confronto de ideias."



Houve um tempo em que a universidade era um território inquieto, quase elétrico, onde ideias não apenas circulavam, mas se chocavam com intensidade suficiente para produzir faíscas. Não se tratava de um espaço confortável. Ao contrário, era um ambiente em que o desconforto fazia parte do processo de aprendizagem. Questionar era esperado. Discordar era necessário. E, sobretudo, pensar implicava correr riscos.



Esse cenário, no entanto, parece cada vez mais distante. Não porque as universidades tenham se tornado menos relevantes, mas porque algo em sua dinâmica interna mudou de forma significativa. A disposição para o risco intelectual, que antes era um dos pilares da vida acadêmica, vem sendo substituída por uma cautela excessiva. Em muitos contextos, a preocupação em evitar conflitos ultrapassa o compromisso com o debate, criando um ambiente onde o silêncio se torna mais seguro do que a exposição de ideias.

O debate livre exige mais do que liberdade formal. Ele depende de uma cultura que valorize a dúvida, que reconheça o erro como parte do processo de construção do conhecimento e que encare a discordância como uma oportunidade, não como uma ameaça. Quando essa cultura enfraquece, o que resta é uma espécie de consenso superficial, mantido não pela força dos argumentos, mas pelo receio das consequências de divergir.



A universidade, que deveria funcionar como um espaço de experimentação intelectual, começa então a se transformar em um ambiente de validação. Em vez de testar ideias, passa a confirmar posições já estabelecidas. Em vez de estimular perguntas difíceis, tende a privilegiar respostas aceitáveis. Essa mudança, ainda que sutil em alguns casos, tem efeitos profundos sobre a qualidade do pensamento produzido.

Parte desse processo está relacionada a transformações mais amplas na sociedade. Vivemos um tempo em que a exposição é constante e as repercussões de qualquer posicionamento podem ser imediatas e

amplificadas. O ambiente digital contribui para isso ao criar uma lógica de julgamento rápido, em que nuances são frequentemente ignoradas e a complexidade dá lugar a interpretações simplificadas. Esse contexto inevitavelmente atravessa as universidades, influenciando a forma como estudantes e professores se posicionam.

Além disso, há uma crescente tendência de associar ideias a identidades de maneira rígida. Embora o reconhecimento de diferentes perspectivas seja um avanço importante, essa associação pode dificultar o debate quando qualquer questionamento é interpretado como um ataque pessoal. Nesse cenário, a discordância deixa de ser um exercício intelectual e passa a ser percebida como uma forma de deslegitimação do outro. O resultado é um ambiente em que o diálogo se torna mais difícil e o confronto de ideias, mais raro.

Outro aspecto relevante é a transformação do papel da universidade na sociedade contemporânea. Pressionadas por demandas de produtividade, rankings e resultados mensuráveis, muitas instituições acabam priorizando eficiência em detrimento da reflexão crítica. O tempo necessário para o debate, para a elaboração cuidadosa de argumentos e para a escuta atenta, torna-se escasso. O pensamento, que exige pausa e aprofundamento, passa a competir com a lógica da rapidez.



Essa combinação de fatores contribui para a construção de um ambiente em que o debate livre não desaparece completamente, mas se torna mais restrito. Ele passa a ocorrer em espaços informais, entre grupos de confiança, ou em contextos onde o risco de exposição é menor. No espaço público da universidade, por outro lado, prevalece muitas vezes uma postura mais cautelosa, marcada pela tentativa de evitar contravérsias.

Contudo, é importante reconhecer que a ausência de conflito não significa harmonia. Um ambiente sem debate pode parecer estável à primeira vista, mas essa estabilidade frequentemente esconde uma fragilidade estrutural. Ideias que não são questionadas tendem a se tornar rígidas, incapazes de se adaptar a novas informações ou perspectivas. O conhecimento, nesse contexto, perde sua capacidade de renovação.

Recuperar a universidade como espaço de debate livre não implica retornar a um modelo idealizado do passado. Significa,

antes, repensar as condições que tornam o debate possível no presente. Isso envolve criar ambientes em que a discordância seja tratada com responsabilidade, mas também com abertura. Envolve reconhecer que o confronto de ideias é parte essencial do processo de aprendizagem e que evitar esse confronto pode comprometer a própria função da universidade.

Também é necessário desenvolver uma cultura de escuta mais consistente. Ouvir não apenas para responder, mas para compreender. Essa prática, embora frequentemente mencionada, ainda é pouco cultivada em muitos contextos acadêmicos. Sem ela, o debate tende a se transformar em uma sucessão de monólogos, em que cada parte reafirma sua posição sem realmente considerar a do outro.

Outro ponto fundamental é a valorização da complexidade. Em um cenário marcado por polarizações, há uma tendência de simplificar questões que, na realidade, são multifacetadas.

A universidade, por sua natureza, deveria resistir a essa simplificação. Deveria ser o espaço onde as contradições são exploradas, onde as respostas fáceis são questionadas e onde a incerteza é reconhecida como parte do processo de conhecimento.

Em suma, é preciso resgatar a ideia de que mudar de opinião não é sinal de fraqueza, mas de maturidade intelectual. O debate livre só faz sentido em um ambiente onde as pessoas estão dispostas a revisar suas próprias posições. Sem essa disposição, o debate se torna apenas uma formalidade, um exercício retórico sem impacto real.

A universidade continua sendo um dos espaços mais importantes para a produção e a circulação de conhecimento. No entanto, sua relevância depende, em grande medida, da capacidade de sustentar o debate livre como prática cotidiana. Sem ele, o pensamento perde profundidade, a crítica se enfraquece e o conhecimento se torna repetitivo.

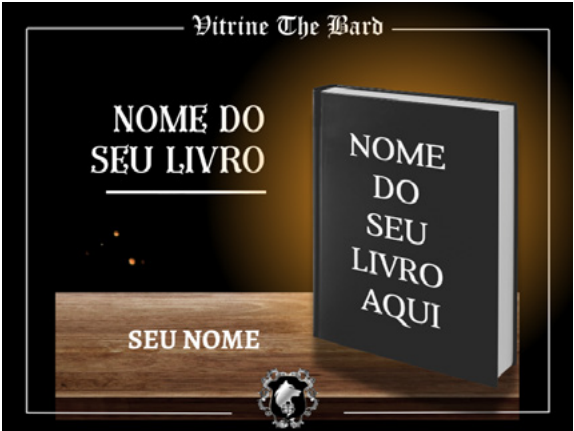
Se há um desafio a ser enfrentado, ele não está apenas nas estruturas institucionais, mas nas atitudes que moldam o cotidiano acadêmico. Reaprender a conviver com a discordância, valorizar o questionamento e aceitar o risco intelectual são passos essenciais para que a universidade recupere sua vitalidade.

Caso contrário, corre-se o risco de transformar um espaço que deveria ser marcado pela inquietação em um ambiente excessivamente previsível. E a previsibilidade, quando se trata de pensamento, raramente é um bom sinal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/05/2026"

VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

 Sua marca aqui



Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 2 - 1000X212



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 3 - 400X300



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 4 - 1080X1920



The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1

ANUNCIE

Pub2

ANUNCIE

Pub3

ANUNCIE

Pub4

ANUNCIE

Pub5

ANUNCIE

Pub6

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

Clique aqui para Anunciar

AGRADECIMENTOS



No dia 10 de Agosto de 2026, celebramos a concretização de um sonho coletivo: o lançamento da 12ª edição do Jornal The Bard News®, no Brasil e no mundo.

Em um tempo marcado por transformações rápidas e profundas, seguimos acreditando na força da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento como instrumentos capazes de construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões indispensáveis. O The Bard News nasce como um espaço aberto, plural e generoso, voltado a todos que compreendem o diálogo, a diversidade e a cultura como pilares essenciais de transformação. Hoje, nosso agradecimento é sincero e profundo a cada pessoa que tornou este projeto possível. À equipe incansável, que entregou talento, dedicação, noites de trabalho e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que confiaram ao jornal suas vozes, ideias e olhares singulares; a todos que divulgaram, apoiaram, sugeriram e acreditaram desde o início. Nosso reconhecimento especial aos leitores, razão maior da nossa existência e parceiros fundamentais na construção de cada edição. Ao reunir temas como Arte, Literatura, História, Educação,

Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, buscamos oferecer mais do que informação. Nosso propósito é proporcionar experiências, despertar descobertas e provocar inquietações. O The Bard News nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para o questionamento e para a proposição de ideias.



Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso permanece firme com o acesso democrático a conteúdos relevantes, nacionais e internacionais, guiados pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando ao nosso lado, o nosso mais sincero agradecimento. O The Bard News é, acima de tudo, uma obra coletiva. Por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita dessa história que está apenas começando.

A Redação – Jornal The Bard News

JORNAL THE BARD NEWS



BAIXE NOSSO APLICATIVO

QR CODE

1

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site

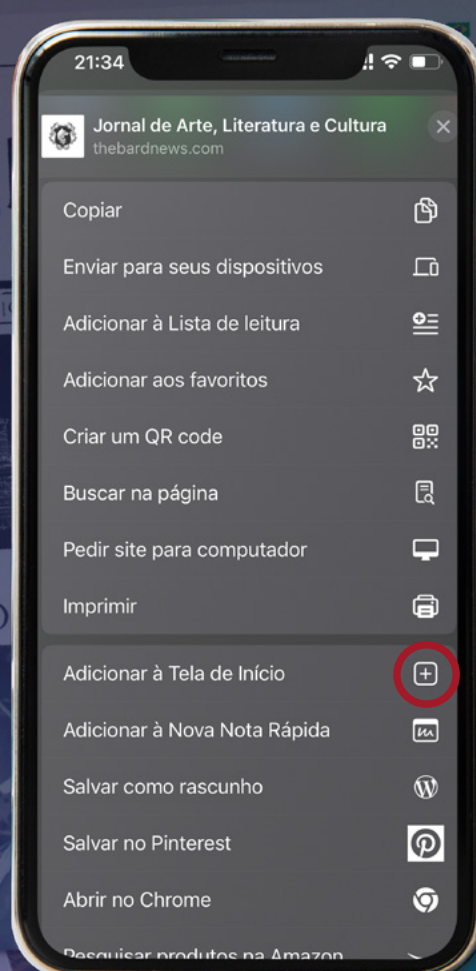


2

Procure este "ícone" no seu navegador.

3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"

5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

